

OS FALARES
FRONTEIRIÇOS DE
OLIVENÇA E CAMPO
MAIOR: FALAR
ALENTEJANO¹ E
DIVERSA
CASTELHANIZAÇÃO

José Luís Valiña Reguera

¹ Quando falo aqui de *português alentejano* estou a entender por tal os falares, que Lindley Cintra (Cintra 1995: 162-163) inclui dentro dos grupos centro meridionais do centro interior e do Sul, ocorrentes na região portuguesa do Alentejo, que são os que Manuela Florêncio (Florêncio 2001) caracteriza na sua obra, baseada nos trabalhos de Leite de Vasconcelos.

<u>1.-Introdução</u>	Pág. 3
<u>2.-Objectivos</u>	Pág. 5
<u>3.-Método</u>	Pág. 6
<i>a)Trabalho de Campo</i>	Pág. 6
<i>b)As fontes</i>	Pág. 6
<i>c)Objecto das pesquisas</i>	Pág. 8
<i>d)Transcrições</i>	Pág. 9
<u>4.- Os fenómenos linguísticos</u>	Pág. 12
<u>A)TRACOS FONÉTICOS</u>	Pág. 12
<i>a-1)Alteração do timbre das vogais tónicas</i>	Pág. 12
<i>a-2)Alterações no timbre de vogais átonas</i>	Pág. 14
<i>a-3)A ditongação e a monoptongação</i>	Pág. 19
<i>a-4)As consoantes</i>	Pág. 30
<i>a-5)Castelhanismos fonéticos no português de Olivença e Campo Maior</i>	Pág. 36
<u>B)TRACOS MORFOLÓGICOS</u>	Pág. 42
<i>1.-Artigo</i>	Pág. 42
<i>2.-Substantivo</i>	Pág. 46
<i>3.-Pronome</i>	Pág. 47
<i>4.-Morfologia verbal</i>	Pág. 50
<i>5.-Advérbios</i>	Pág. 56
<i>6.-Preposições e locuções prepositivas</i>	Pág. 60
<i>7.-Conjunções e locuções conjuntivas.</i>	Pág. 60
<i>8.-Interjeições</i>	Pág. 61
<i>9.-Espanholismos morfológicos</i>	Pág. 61
<u>C)TRACOS SINTÁCTICOS: INTERFERÊNCIAS COM O ESPANHOL</u>	Pág. 66
<i>Artigo</i>	Pág. 66
<i>Pronome</i>	Pág. 69
<i>Verbo: uso os tempos verbais</i>	Pág. 72
<i>Preposições</i>	Pág. 80
<u>D)APONTAMENTO LÉXICO: A INFLUÊNCIA ESPANHOLA</u>	Pág. 83
<u>E)A ENTOAÇÃO: BREVE IDEIA</u>	Pág. 90
<u>5.-Conclusões</u>	Pág. 91
<u>APÉNDICE: TEXTOS ORAIS</u>	Pág. 95
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	Pág. 105

1.-Introdução

Neste trabalho pretendo analisar comparativamente o falar tradicional português das localidades fronteiriças de Olivença e Campo Maior.

Isto exige precisar o que entendo por *falar tradicional português*, para assim delimitar bem o objecto de estudo.

Com a finalidade de apurar esta delimitação, temos de, primeiramente, fazer uma breve referência a ambas as localidades e ao que nelas se fala.

Olivença e a sua comarca abrange um núcleo de povoação principal, a vila de Olivença, e várias aldeias (S. Jorge de Alor, S. Bento, S. Domingos, Vila-Real, Tálga, hoje concelho independente²) que fizeram parte da actual República Portuguesa (na altura Reino de Portugal), desde o ano 1297 em que, pelo Tratado de Alcañices, deixaram de pertencer a Castela, e que em 1801, como consequência da chamada *Guerra das Laranjas*, passaram para a posse espanhola.

Portanto, nesta comarca, hoje de facto espanhola³, existiu e fala-se ainda por uma parte da população, menor a cada dia, a língua portuguesa, mais ou menos castelhanizada. A incorporação à Espanha fez, com que a língua espanhola fosse, mais a cada vez, idioma vernáculo duma parte, hoje esmagadoramente maioritária, dos seus habitantes.

Com efeito, há dez, vinte, trinta anos, era muito fácil ouvir falar português na vila de Olivença e, ainda mais, nas suas aldeias. A língua portuguesa era idioma vivo na rua e na intimidade das famílias. Porém, já se assistia a uma ruptura de geração, pois já nessa altura o português era ignorado pelas camadas mais novas da população oliventina. Hoje, o português só se escuta na intimidade dalgumas casas ou, ainda, nas aldeias, em certos espaços públicos ou semi-públicos como bares ou tascas; mas sempre, exclusivamente, entre as pessoas mais idosas.

Isto quer dizer que, ao referir-me ao *falar tradicional português*, no caso de Olivença e a sua comarca, apenas vou centrar-me na língua portuguesa que ainda subsiste nas pessoas mais idosas da zona.

Quanto a Campo Maior, a situação é bem diferente⁴. Com efeito, como assinala Maria de Fátima Rezende F. Matias (Matias 1980-1986: 170-171)

² Para além de S. Francisco de Olivença e S. Rafael de Olivença, núcleos de povoação criados posteriormente a 1801 e, portanto, não originariamente espanhóis.

³ Sobre se a posse espanhola destas terras é legítima, juridicamente falando, é assunto polémico, impossível de analisar neste trabalho.

⁴ Neste sentido é curiosa a explicação popular que corre (ou corria) em boca de muitos oliventinos para justificarem a sua pertença à Espanha, segundo a qual Olivença, que pertencia a Portugal, fora trocada em certo Tratado por Campomaior (que era espanhola), de modo que o actual *status quo* seria totalmente legítimo.

“...só em 1297, pelo tratado de Alcañices, são integradas no reino de Portugal, Ouguela, Campo Maior e Olivença, até então na posse de Castela.

Campo Maior ficou, no entanto, fazendo parte do senhorio de Albuquerque, um dos mais vastos potentados peninsulares da época(...)

As relações deste senhorio com a Coroa portuguesa, ao longo do século XIII e princípios do século XIV, foram bastante estreitas. O segundo D. João Afonso estava ao serviço de Portugal; a sua dedicação a D. Dinis foi a ponto de lhe legar em testamento de 1304, o castelo de Albuquerque. Ficou assim esta povoação na dependência de Portugal até cerca de 1330, altura em que o terceiro D. João Afonso (filho de Afonso Sanches) se pôs ao serviço do rei de Castela.

Elemento importante para a compreensão das relações entre o senhorio de Albuquerque e os reis de Portugal é, sem dúvida, Afonso Sanches, o bastardo preferido de D. Dinis, genro do segundo D. João Afonso acima mencionado. Será aquele infante que, em Outubro de 1318, vende a seu pai a povoação de Campo Maior “por quinze mil libras da moneda corrente em Portugal”...”

Em Campo Maior não existe qualquer outro falar tradicional que não seja Português, quer dizer, não há qualquer vestígio do Espanhol como idioma autóctone. Tal circunstância não quer dizer que o Castelhanos não seja conhecido (activa ou passivamente) por boa parte da população, mas isto é produto do relacionamento com a Espanha, pela influência do comércio, da televisão, e nunca como língua própria ou primeira língua. Ora, existe, sim, no português aí falado, uma tradicional influência castelhana, menor, em todo o caso, do que a que hoje se sente sobre a língua portuguesa falada ainda em Olivença⁵.

⁵ Em Olivença, com efeito, para além duma possível influência castelhana tradicional, possivelmente anterior à *Guerra das Laranjas*, explicável pelo contacto fronteiriço com a Espanha, e manifestada em traços já antigos e documentados também do lado português (como o *yeísmo*), há uma maciça penetração de castelhanismos, nomeadamente a partir da segunda metade do século XX, precipitada pela influência da televisão ou a facilidade de comunicação com zonas de fala castelhana limítrofes, sem que isto implique, porém, que a seguir a 1801 ficasse totalmente interrompida a relação com as aldeias portuguesa vizinhas

E é que a pretensa interrupção de relações, que parece sugerir Rezende Matias (Rezende Matias 1980-1986: 189-190) talvez não seja tão radical, quer dizer, é certo que as relações começaram a ser mais estreitas com Espanha, nomeadamente por causa do importante polo comercial, administrativo ou sanitário que é Badajoz, mas nem por isso deixou de haver relacionamento com Portugal.

Alguns dados que constatei parecem apontar para essa direcção. A esposa do informante B dizia que o seu pai mandava trazer jornais portugueses que era capaz de ler. Também tive notícia dum casamento ao que foi convidado o actual *Consejero* de Saúde da Junta de Extremadura e candidato socialista à presidência do governo regional, oriundo da comarca de Olivença, aonde assistiram também alguns familiares portugueses do mesmo.

Alguns das cantigas que me foram cantadas pelos informantes B e C testemunha as relações de Olivença com Elvas, Alandroal ou Badajoz. Não é possível saber, claro, se esta relação é anterior ou posterior à Guerra das Laranjas, quer dizer, se são uma prova das relações posteriores que continuaram a existir ou se são vestígios ou ecos da relação anterior àquela guerra:

*Bonita cidade de Elvas,
Que tens Badajoz defronte,
Mais bonito é Alandroale,*

Por cima deste português local, tamisado pela influência linguística da vizinha Espanha, existe em Campo Maior o português da escola, dos média, da administração, que actua sobre as camadas mais novas da população, mais permeáveis à penetração do padrão de Lisboa.

A respeito de Campo Maior, pois, irei centrar-me no falar tradicional, quer dizer, no português falado localmente não influenciado (ou não totalmente influído) por este super-estrato da língua oficial portuguesa. Por esta razão, também aqui terei de recorrer às pessoas mais idosas que sempre são as que melhor conservam este falar tradicional.

Quanto ao porquê de comparar o falar oliventino com o campomaiorense, tenho de dizer que inicialmente apenas me propunha fazer um estudo sobre o falar de Olivença. Porém, chamou poderosamente a minha atenção o facto, constatado por informações de pessoas oliventinas que conhecem o falar tradicional português da sua comarca, de existir no falante português de Olivença a sensação de ser o de Campo Maior o que, dentro do português de Portugal, mais lhes lembrava o deles. Como isto tinha a sua lógica, dada a peculiar história de Campo Maior como povoação fronteira especialmente relacionada com a espanhola comarca de Alburquerque, pensei que podia ser interessante comparar ambos subdialectos e procurar os porquês desta sensação intuitiva dos oliventinos a respeito da sua proximidade com o português de Campo Maior, explicável talvez pela peculiar situação fronteira de ambas as povoações.

2.-Objectivos

Assim precisados os conceitos de *falar tradicional português* numa e noutra comarca, podemos definir os objectivos deste estudo experimental, que assim denomino por se basear numa pequena mostra de informantes e de traços linguísticos e que, por isto mesmo, fica muito longe duma verdadeira monografia dialectal:

-Comprovar a presença nas localidades estudadas de uma selecção de traços típicos do português alentejano⁶, bem como a preponderância de uns ou outros, arcaizantes ou inovadores, em cada uma das zonas estudadas.

-Encontrar possíveis afinidades e diferenças entre os dois falares, explicáveis pela sua história, em parte comum e em parte diferente.

-Comprovar a desigual influência castelhana em cada uma destas modalidades linguísticas, explicável pela história, com especial incidência no léxico, mas também na fonética e na morfo-sintaxe.

Onde o mê amor se esconde.

Deveu continuar a existir relação entre Vila Real e Juromenha, por exemplo. Prova disto é a facilidade com que, antes da construção da barragem de Alqueva, se podia atravessar o Guadiana no verão, quando este rio vai quase seco. Também o dito popular sobre Juromenha, *Em Juromenha, quem não enrica emprenha*, que me referiu o informante C e que também ouvi de outros oliventinos.

Também o informante B fala (texto 3) de Elvas, concretamente da sua *fêra*, que parece conhecer bem.

⁶ Vid. Nota 1.

3.-Método

a)Trabalho de Campo

Chegar-se-á às conclusões correspondentes aos objectivos indicados mediante o trabalho de campo, quer dizer, comprovando, *in situ*, a presença ou ausência destes traços, por meio do exame directo do falar de vários informantes, recolhido em gravações feitas com esta finalidade.

b)As fontes

As fontes de que me irei valer são as seguintes:

-Gravações de informantes idosos realizadas expressamente nas duas localidades com ocasião do presente trabalho.

Quanto ao falar de Olivença, diversas conversas por mim gravadas a informantes naturais e moradores da aldeia de S. Jorge de Alor. Portanto, todas as referências feitas a Olivença devem entender-se feitas aos informantes da aldeia de S. Jorge de Alor (quando assim não for, será expressamente indicado):

Delas, aproveitei algumas gravações que foram feitas a dois informantes, hoje já falecidos, na Primavera e Verão de 1985.

Um deles (que chamaremos B), na altura de uns setenta e cinco anos de idade, tinha o português como língua materna, língua que conservava bastante pura, com poucos castelhanismos, apesar de ter saído da zona com ocasião, por exemplo, da Guerra Civil espanhola.

O outro (informante C), na altura de uns cinquenta e tal anos de idade, não tinha o português como idioma materno, pois que a sua mãe era da vizinha povoação de Almendral, se bem que costumava exprimir-se nesta língua na aldeia. Talvez por esta circunstância materna, ou por ser mais novo, o seu português estava mais castelhanizado.

E fiz expressamente, com o ensejo do presente trabalho, outra gravação a um casal de S. Jorge de Alor, em 25 de Dezembro de 2006, casal que iremos chamar A, representando o marido por A1 (77 anos) e a mulher por A2 (79 anos) Destas pessoas obtive mais duma hora de gravação de grande valor pois que nela se registam quase todos os fenómenos apontados, apesar de a mulher passar, contínua e inconscientemente, de português para castelhano por causa de a minha presença ser alheia ao círculo em que ela normalmente se exprimia em português (marido e vizinhos mais idosos)

Junto deste casal estava também a filha do informante B que conhece o português falado na zona, pois os seus pais eram falantes habituais desta língua, e ainda, a esposa deste informante B, que intervém no princípio da conversa. A presença da filha do informante B foi de grande utilidade por conhecer o casal de informantes A e a fala da zona, dando uma boa ajuda à hora de dirigir a conversa e evitar que, inconscientemente, A2 passasse para o espanhol. Deu-me também boa ajuda com o léxico da zona.

Quanto a Campo Maior foram entrevistados cinco informantes idosos:

O informante D, homem idoso, natural de Campo Maior, onde mora, mas que viajou por alguns países da Europa.

O outro, informante E, homem, idoso também, mais novo do que o anterior, disse não ter ido nunca à escola apesar de ter participado em actividades políticas.

As suas gravações foram realizadas em 31 de Dezembro de 2006.

A informante F disse ter nascido em Lisboa, mas veio para Campo Maior muito nova, com quase sete anos de idade, e ali passou toda a sua vida; conta oitenta e cinco anos de idade.

A informante G nasceu e viveu a vida toda em Campo Maior, tem noventa e sete anos de idade, e um falar com bastantes traços dialectais, mas nem tantos como talvez fosse de esperar, em todo o caso em número menor do que em Olivença.

O informante H nasceu em Fronteira, também no Alentejo, mas foi morar desde os catorze anos em Campo Maior contando, na actualidade, com oitenta e três anos de idade. Talvez a sua origem seja a causa de determinados fenómenos que não aparecem nos restantes informantes de Campo Maior⁷.

As gravações relativas aos três últimos informantes foram feitas na Casa da Misericórdia de Campo Maior, em 27 de Janeiro de 2007

No total, entre Olivença e Campo Maior, são três horas e quarenta minutos de gravação, e nove informantes.

-No que ao falar de Olivença diz respeito, também tomei como fonte o meu próprio conhecimento devido ao facto de ter passado férias nesta localidade em contacto com, entre outros, os dois falantes das gravações primeiramente referidas (B e C), numa altura (anos 1984-1987) em que ainda era fácil escutar português tradicional oliventino.

-Tive também em conta informações provenientes de pessoas oliventinas que, não sendo informantes, conhecem bem a fala da zona, em especial as informações de Manuel Jesús Sánchez Fernández, como pessoa, bem como as provenientes do seu trabalho, recente, que figura na Bibliografia (Sánchez 2006)

⁷ Não deixei de considerar a possibilidade de não incluir o informante H neste trabalho, por não ser natural de Campo Maior e por ter ido a residir nessa vila numa idade relativamente avançada. Mas dado que desde os catorze anos não deixou de morar em Campo Maior (com excepção de curtas estadias na Espanha para vender produtos) e dado que a mobilidade geográfica é um factor que não se pode deixar de ter em conta em sociedades onde ela era (e ainda mais nos nossos dias) relativamente importante (é absurdo tentar imaginar ou idealizar sociedades ou falares “puros” sem quaisquer influências forâneas) decidi finalmente incluí-lo. De facto, este informante tem traços no seu falar, como o *yeísmo*, que demonstram a sua assimilação linguística à terra que o acolheu desde a sua adolescência. Feito esse esclarecimento não quero, porém, deixar de advertir sobre a origem dele.

c) Objecto das pesquisas

Quer as gravações da década de oitenta, quer as conversas agora gravadas, versam sobre quaisquer aspectos tradicionais da zona: contos, cantares, narrações sobre a vida tradicional, vida quotidiana, etc. Isto é assim porque orientar a conversa para estes temas permite aflorarem melhor os traços típicos do falar tradicional, por abranger campos léxicos menos expostos a influências alheias, neste caso espanholas. Assim se procedeu quanto aos traços fonéticos e morfo-sintácticos.

Destes traços selecionei uma mostra ampla e representativa de fenómenos próprios do português alentejano seguindo, neste ponto, os trabalhos de Manuela Florêncio (Florêncio 2001), baseados, por sua vez, nas pesquisas do grande dialectólogo português Leite de Vasconcelos, e de Maria de Fátima de Rezende F. Matias (Matias 1980-1986) que fez um estudo que abrange toda a zona fronteiriça, concretamente Olivença, S. Bento, Vila Real, Juromenha, Elvas, Campo Maior e Ouguela⁸. Para a escolha destas características linguísticas segui o critério de dar relevância às que julguei mais interessantes ou representativas dos falares do Alentejo, com independência da sua extensão geográfica, tendo presente que, pelo meu conhecimento prévio, nomeadamente quanto a Olivença, já tinha noção mais ou menos clara dos traços que, fazendo parte desta listagem, ia encontrar ou não. Em todo o caso, por estranhos que possam parecer, todos os fenómenos linguísticos escolhidos aparecem documentados no Alentejo por Leite de Vasconcelos, como põe de manifesto o trabalho de Manuela Florêncio ou, mais especificamente, na zona de Olivença(e as suas aldeias), Elvas, Juromenha, Ouguela e Campo Maior, consoante o trabalho já citado de Maria de Fátima Rezende Matias.

Quanto aos aspectos léxicos, preferi escolher uma mostra de palavras, objectos normalmente, cujas imagens representativas mostrei aos informantes, perguntando-lhes pelo nome desses objectos no falar da zona. Este método, directo, permite abranger o léxico pretendido em pouco tempo, sem os riscos que o método da conversa dirigida apresenta, concretizados, por exemplo, em não conseguir que o falante nomeie todos os objectos de que se procura informação.

Neste ponto quis incidir especialmente na castelhanização do léxico em ambas as comarcas, escolhendo palavras em que é esperável a possível presença do termo espanholizado ao lado ou em lugar do termo português.

Quanto à explicação de cada fenómeno linguístico, no campo fonético e morfo-sintáctico, à sua descrição seguirá a constatação da sua presença ou não nas fontes indicadas, com citação concreta de frase(s) ou trecho(s) de conversa em que ele aparece, caso efectivamente ocorra. A

⁸ Os seus inquéritos, porém, foram feitos em 1971. A situação da língua pode ter variado desde então.

estas frases acrescentar-se-ão, quando possível e pertinente, prováveis interpretações do fenómeno. Tentei dar um número semelhante de exemplos para cada fenómeno dialectal em cada uma das localidades estudadas. Só não fiz isto quando numa das duas zonas não ocorriam em número suficiente. Nesse caso tinha de dar apenas os exemplos de que dispunha.

No campo léxico, limitar-me-ei a referir, em cada palavra, se foi documentado nas fontes informantes o termo português ou o termo castelhanizado.

d) Transcrições

Finalmente, e no que às transcrições diz respeito, optei por simplificar ao máximo, consoante aos seguintes critérios:

-Uso do Alfabeto Fonético Internacional, só quando estritamente necessário para descrever um fenómeno dado.

-Transcrição com ortografia convencional.

-Marcar só aquelas peculiaridades que se afastarem do português padrão, quer dizer, caso não se marcar qualquer coisa numa palavra, indica que a sua pronúncia é idêntica ao padrão português europeu.

Concretamente:

1.-A pronúncia betacista do *v* é marcada ortograficamente com a letra *b*. Portanto, quando aparecer a letra *v* está a indicar uma pronúncia padrão.

2.-A deslateralização da palatal *lh*, conhecida na terminologia dialectal espanhola como *yeísmo*, é representada com a letra *y*. Alguma vez por outra, quando esta deslateralização é um tanto mais próxima do *yeísmo* meridional da Extremadura espanhola, assinala-se isto em nota a rodapé ou adverte-se quando é traço geral num falante.

3.-No caso de aparecer a consoante velar castelhana, fricativa surda, representada em Espanhol por *j*, assinalo este fenómeno com dois *jj*, para evitar qualquer confusão com o som português palatal representado neste idioma também por *j* ou *g*. P. Ex: *regocijjo*.

4.-Quanto aos ditongos orais, reduzidos ou não, uso o acento circunflexo para indicar a pronúncia fechada da vogal quando é diferente da do português padrão: *fêto*, *fêra*, *caldêira*, *sêi*, *sê*, *mê*, *ê*...

Quando a redução do ditongo é total não deixa de se escutar qualquer coisa que pode ser interpretada quer como um alongamento da vogal *ê*, quer como um *i* muito relaxado. Portanto, em casos como *fêra*, *fêto*, optei por não fazer qualquer indicação, mas deve entender-se em todo o caso presente este *vestígio* do antigo ditongo, qualquer que for a sua interpretação.

Quando o *i* é epentético, e tem por finalidade evitar um ditongo, há em ocasiões dificuldade em perceber se ele ocorre ou não. Quer dizer, para além dos casos em que ele claramente está ou não presente

(*idêia/idêa*), existem outros em que parece escutar-se um *i* muito relaxado ao ponto de ser difícil considerar se ele existe ou não. Nesses casos mais duvidosos, optei por escrever um (*i*) entre parênteses.

Aliás, em geral, quando qualquer som se produzir muito relaxado ou dificilmente perceptível, transcrevo entre parênteses: *p(a)ra*, *ma(s)*, *idê(i)a*, *mê(u)*, etc.

No caso do ditongo *eu*, represento por *ê* quando a redução é total. Quando a redução não é total é normal existir uma semivogal *w* muito relaxada. Pareceu-me mais prático manter neste caso a grafia *eu* assinalando, caso seja necessário, a sua pronúncia relaxada: *e(u)*.

Também represento por *ê* naqueles casos em que o timbre fechado da vogal difere do português padrão: *tênho*, *vêjo*, *espêlho*...

5.-E, quanto aos ditongos nasais, represento a redução do ditongo *ão* em *ã* ou em *õ*, quando tem lugar (*nã*, *devoçã*, *nõ*). Mesmo quando esse ditongo é grafado como *-am* (*falã*, *falõ*, *davõ*, *puserõ*)

A redução do ditongo *-em* em *-ê* é assim representada (*tamê*, *nenguê*, *comê*, *ê*, *homê*). Caso subsista o ditongo, faz-se assim constar *êi* ou, se o segundo elemento vocálico for muito relaxado ou difícil de perceber, assim: *ê(i)*.

Analogamente representei com til de nasalidade uma vogal nasalizada de forma mais intensa ou diferente do padrão: *Espãnha*, (em padrão *Espanha*)

6.- No que ao ditongo *ou* diz respeito, represento por *ô* por ela ser a única pronúncia que apresenta, em consonância, neste ponto, com o português padrão.

7.-O *e* paragógico foi sempre representado, por também se afastar do português padrão: *levarê*, *falare*, *quale*, *fazeri*, *comeri*...

Para além disso, quanto à pronúncia do *e* final, (*noiti*, *muyeri/noite*, *muyere*), não é fácil distinguir entre um *e* que soa muito fechado e um *i*. Optei por, nestes casos, transcrever sempre como *e*, e só fazê-lo como *i* quando claramente se ouvia este som. Em todo o caso, devo dizer que este *e* final, quer paragógico (*muyere*) quer não (*noite*), soa (mais frequentemente em Olivença do que em Campo Maior) muito próximo dum *i* e nem sempre é fácil determinar quando é um ou outro som, dada a proximidade da zona de articulação de ambas as vogais; assim mesmo, nunca detectei a pronúncia padrão do *e* relaxado típico do padrão de Lisboa (vogal central, palatal, fechada)

8.-Representei também as alterações no timbre das vogais que se afastam do português padrão: *siguinte*, *pidiu*, *dibia*, *porqui*..., mesmo no caso da conjunção copulativa *e* que coincide neste caso com o padrão.

9.-No caso da aspiração de *s* implosivo, só representei por *h* quando a aspiração era muito clara. Porque normalmente, em Olivença, mas também às vezes em Campo Maior, existe uma certa relaxação de *s*

implosivo, sobretudo se comparado com o português padrão, relaxação que nem sempre equivale a uma aspiração. As dificuldades em distinguir entre uma aspiração verdadeira e claramente audível (que represento por *h*) e uma relaxação de *-s* fizeram com que, neste segundo caso, representasse por (*s*) este *-s* relaxado. Quando o *-s*, mais que aspirar, desaparece, simplesmente não representei letra nenhuma.

10.-O único caso de *ch* africada é representado por *tch* (*tchegar*)

No apêndice aparecem transcritos alguns textos orais que fazem parte das minhas gravações pois, obviamente, pareceu excessivo transcrever as mais de três horas de gravações. Isto quer dizer que as frases aduzidas como exemplo dos fenómenos linguísticos tratados nem sempre aparecerão nesses textos orais.

No caso de serem exemplos reproduzidos nos textos do apêndice, a seguir à frase correspondente, entre parênteses, figura o número do texto e a letra relativos ao informante. Assim, se aparece (*12-H*) está a indicar-se que a frase se encontra no texto número doze, correspondente ao informante H.

Se a frase não estiver representada nesses textos orais, virá acompanhada, apenas, entre parênteses, da letra correspondente ao informante. Assim, se aparece (*H*), quer dizer que a frase foi proferida pelo informante H, ainda que não figure nos textos do apêndice.

4.- Os fenómenos linguísticos

A) TRACOS FONÉTICOS (Florêncio 2001: 31-59)

a-1) Alteração do timbre das vogais tónicas

Palatalização de a em e

Segundo Manuela Florêncio, Leite de Vasconcelos refere o fenómeno da palatalização de *a* tónico em diversos pontos do Alentejo como Tolosa (Nisa), Gavião, Ponte de Sôr, Alegrete, Alter do Chão, Avis, entre outros, em palavras como *puxér, madruguéda, olhér, murélha...*

Só registei o fenómeno, em Olivença, em formas verbais da primeira pessoa do plural do presente do indicativo, em que ele ocorre sistematicamente:

- Agora **agarrêmos** e vamos ali (2, B)

-E logo, **agarrêmos** aí por a estrada abaxo, e **dêmos** a volta...(2,B)

-**Andêmos** por todo, eh? Bueno...(2,C)

- **É** o que nós **falêmos** (A2)

Há um caso em que parece ouvir-se um infinitivo em que este fenómeno aparece:

-E agora tamos a **engordér!**(A2)

Não registei qualquer presença dele nos informantes de Campo Maior.

Palatalização de ã em ã

Segundo a mesma autora, Leite de Vasconcelos encontra o fenómeno da palatalização de *ã* nasal tónico em *ẽ*, em Serpa, no caso de *manhẽ, jẽntom*.

O fenómeno aparece registado, uma vez por outra, nas minhas gravações oliventinas. Para além disso, lembro-me de o ter ouvido, especialmente ao informante C, no substantivo *manhẽ*, e no advérbio *amanhẽ*. Maria de Fátima Rezende Matias aponta também, para este caso, a mesma palavra (Matias 1980-1986: 104)

Os exemplos gravados referem-se às palavras *Espanha* e *amanhẽ*:

-Pa sacar a **Ehpẽnha** das suas doenças (4-B)

-Nã quer' qu'o dia d'**amanhẽ** me dê nas narizes, que nã estudiô ele!(A2)

-agora o outro no estudia, o dia d'**amanhẽ**...(A2)

-pa que nã me lave as ventas, o dia d'**amanhẽ**(A2)

Não aparece o fenómeno nos meus informantes do lado português da raia (Campo Maior):

- desaparecerõ, hoje uma, **amanhã** ôtra...(D)

- i as pessoas iã prali de **manhã** cedo(11-G)

Independentemente da extensão originária do fenómeno em todo o Alentejo, podemos pensar na possível influência do padrão da capital para explicar a sua ausência nos informantes de Campo Maior.

ê fechado seguido de palatal

Segundo Manuela Florêncio, Leite de Vasconcelos assinala a sua ocorrência em numerosos pontos do Alentejo como Tolosa (Nisa), Castelo de Vide, Avis, Elvas, Vila Viçosa..., em casos como *orêlha*, *ovêlha*, *têlho*, *lêlha*, *vêljo*, *coêlho*...

É traço geral, registado em todos os meus informantes oliventinos:

- Ó, minha avó, **vêlho** a dar partis (3, B)
- Passos de **coêyos** sinto!(7,B)
- Carajj, compadre –diz o cego- pos ê que os **vêljo** vire (7,B)
- plantavas aí a carretilha e ê **vêlha**, **vêlha**, aí (5-C)
- Têlho** mah fortaleza, p'andare!(2-C)
- vêlha**, **vêlha**!(A2)
- o português mas **fêchado**, mas **fêchado**(A1)

Também é traço geral nos informantes campomaiorenses:

- ...nas pernas **têlho** pôcas, mas lá vô vivendo (D)
- Este levô a vida a guardar **ovêyas**(E)
- têlho** só cá um fíyo (11-G)
- hoj' já ño posso porque ño **vêljo**(G)
- Têlh'** oitente i cinco anos (F)
- Eu ño **têlho** pai ño mãe...(H)
- Leva **bêljos** minha mãe(12-H)

Nasalação antes de consoantes nasais não travantes (m, n e

nh)

Leite de Vasconcelos regista-o, segundo Manuela Florêncio, em Tolosa (Nisa), Castelo de Vide, Portalegre, Avis, S. Romão (Vila Viçosa); em casos como *cãma*, *rãma*, *sõno*, *pêna*, *sõlho*, *pêlha*, *plãno*...

Em Olivença, registei o fenómeno no informante B, diante de palatal *nh*:

- Pa sacar a **Ehpêlha** das suas doenças (4-B)
- Dar-le a **Espãlha** catorze unções (4, B)

Ainda registei um outro caso de nasalização na forma *ali* que passa para coisa semelhante a *alê*:

- saímos por a estrada de Nazaré, donde **alê** jantámos (1-B)
- chigamos até a Fátima, donde **alê** fizemos noiti, (1-B)
- donde poderá observari **alê** grandes choticis, eh?(1-B)
- antes passê por a horta e vi o coche **alê**, o carro!(A1)

Pode ser um fenómeno morfológico de nasalização, ou um cruzamento ou confusão de *ali* com *além*. Os casos em que aparece correspondem, semanticamente, ao advérbio de lugar *ali*, e não a *além*. Os

informantes em que aconteceu este fenómeno, B e A1, apresentam sempre *alẽ* em lugar de *ali*.

Em todo o caso, o fenómeno poderia estar relacionado com outro que, segundo Manuela Florêncio (Florêncio 2001: 36), em nota a rodapé, Leite de Vasconcelos registou em Tolosa (Nisa) e que consistiria em se verificar a nasalização mesmo não havendo consoante nasal: *bõlsa*.

E outro caso curioso foi a aparição duma nasalidade na palavra *mesa*, que é realizada como *mẽsa*:

-*Este põe a mẽsa* (A2, em conversa não gravada)

Acerca desta última nasalização, Leite de Vasconcelos registou em Alandroal *mẽsa* e, ainda, *nõjo*, afirmando Manuela Florêncio a este respeito que “*também se registam casos em que as consoantes m e n nasalam as vogais seguintes –menza, nonjo*” (Florêncio 2001: 36)

Manuel Jesús Sánchez (com pess.) referiu-me, também, a passagem de *mesa* para *mẽsa* ou *menza* como traço típico do português oliventino.

a-2) Alterações no timbre de vogais átonas

Alteração ou nasalização do timbre de “a” átono inicial:

Traço muito comum em certos casos como *até* > *enté/anté*:

- *e logo já, partimos pa' baxo, enté...*, *enté a estrada* (2-C)

- *porque hai ao menos dezassete kilómetros enté lá a Elbas*

(2,C)

- *Vem a funerária e vã em coche anté lá*(A2)

-...*e esteve anté os setenta* (A2)

-*I ãssim viverá Espãha em tranquilidade, e com toda a felicidade* (4,B)

-*nenguẽ...ãssim...e vendo a televisión*(8-A2)

Mesmo Manuel Jesús Sánchez (com. pess.) fala-me da existência duma forma *benté* (*até*) que nunca escutei nem gravei.

Nos informantes portugueses sempre *até*:

- *Até prò ano*(E)

- *até Palma de Mayorca me levô* (D)

- *i aqui tô até que Dês quêra*(G)

Realização da vogal final e como i, mais ou menos atenuado (seguido ou não de –s):

Leite de Vasconcelos registou-o em Ponte de Sor, Avis, Mora, Elvas, Vila Viçosa, em casos como *sabi, fonti, ponti, cantári...* Este traço é sentido como caracterizador do falar alentejano em Portugal, presente em muitas caricaturas e imitações dos falantes desta região portuguesa⁹.

⁹ Neste sentido, o grupo musical *Adiafa*, nos seus discos *As meninas da ribeira do Sado* ou *'Tá o Balho Armado*, recolhem cantares folclóricos em que reproduzem bastante bem os traços alentejanos, entre eles esta alteração do timbre vocálico.

Em Olivença o traço é geral, mas dada a dificuldade em delimitar os casos em que é um *e* muito fechado ou um *i*, só transcrevo exemplos em que essa vogal é claramente um *-i*, deixando *e* no resto dos supostos, mas sabendo sempre que este *e* não é fácil de separar do *i* na sua zona de articulação.

-...convidarê a comadre Agustina pra **bayari** uma **chotici** lá na estrada de Caparica (4,B)

- Ai nã **dibia** di **naceri**(3-B)

-Bonita **cidadi** d'Elvas/Ai, Badajoz qui 'stás de **fronti**,(3-B)

-Se o mê fiyo tem umas **possibilidadis**, as posso **aproveteri**(A2)

-Fui a **preguntari**(A2)

-saído duma guerra **civili**(A1)

Nos informantes portugueses é fenómeno muito menos comum. Em Campo Maior o normal é um *e* fechado, mesmo em paragoge (contudo, esse *e* é, em Campo Maior, mais claramente diferenciável ao ouvido de *i*):

- **Deci** lá pra baxo, prò **mare** (D)

-Quando me pedê pra ire... **falari**(E)

- das crianças às **muyaris**, òs veyos, a todos(10-E)

-mas **dantis** a Câmbra nã dava nada (G)

-semiar a terra do país, **produzire**(D)

-Nunca se compara cõ Campo **Maiore**(D)

- Campo **Maiore**... foi sempre uma vila **rurale** (9-E)

-porque fui **agricultore** (9-E)

-Sô, si **senhore** (11-G)

-os pobres andavã a **trabayare** (11-G)

-já ye morrê a **muyere**(11-G)

-**dantes** nã havia libredade (G)

-nã, assim como digo ao **senhore**(F)

-o que era é que **dantes** tínhamos ordenados munto **ba(i)xos**(F)

-i **dantis** nã, **dantes**, eu, **dantis** era (H)

- O governo é que tẽ que ver lá na cabecinha **delis**...(H)

Assimilação de e tónico a i que lhe segue:

Segundo a mesma autora, registado por Vasconcelos em Elvas, em casos como *firido*, *minino*.

Em Olivença é traço muito comum:

-Ai nã **dibia** di **naceri**(3,B)

- Ao dia **siguinte** alevantámos (1-B)

-Porqui, passa o **siguinte**: (3-B)

- continuando a marcha **chigamos** até a Fátima (1-B)

-Vêo o **Quini**...vêo o ôtro **piqueno** e disse...(A2)

-Desde **piquena** que a praticuê(8-A2)

Em Campo Maior é menos frequente, se bem que aparece em certas palavras como *pequeno*, mas nem sempre ocorre:

- *Uma terra mas **pequenina**(D)*
- *É o conceyo com mais **piquenos** e médios agricultore(E)*
- *nã **chigava**, i há quẽ tinha a casa ch' d' gente...(11-G)*

Labialização da vogal fechada ê em u junto de consoante

labial

Vasconcelos aponta o fenómeno em Tolosa (Nisa), Alandroal e Elvas, em casos como *buber, furver, dubaixo, suparar, pugar, pruverir*.

Em Olivença aparece várias vezes este fenómeno, em boca do informante C:

- *este copo de binho é **bubido** caras ao vento (5-C)*
- *nã posso **bubê** binho (2-C)*

Talvez seja esta a explicação para uma forma verbal anómala como *tubestes*:

- ***tubestes** o pássaro na mão i to dexastes abalare (5-C)*

Não aparece o fenómeno nos meus informantes de Campo Maior. Apenas um caso, na informante F, parece reflectir este fenómeno:

- *é munto **duvertido**... **duvertido** (F)*

Elevação da vogal nasal ã em ã

Vasconcelos: Tolosa (Nisa), Avis e S. Geraldo (Montemor o Novo), em palavras como *inganar, imprestar, intender, vinder, sintido*.

Não se registou nem nos informantes oliventinos nem nos campomaiorenses.

Centralização da vogal nasal ã em ã

Vasconcelos: Tolosa (Nisa), Aljustrel, Almodôvar, em palavras como *antrar, vander, lambrança, antrar, antrou*.

Em Olivença, só o registei no caso de *ãtão (então)*, mas desnasalado quase sempre (*atão* ou *atã*):

- *ah, **atã** nã te façah caso do médico que te mata!(2-C)*
- *Bom, **atã**, o siore aperceberia uns peúgo?(3-B)*
- ***Atã** não te vô qu' rer fiya, si tu és mĩa fiya(A2)*

Nalguns casos, em *ente/ante*:

- *Vem a funerária e vã em coche **anté** lá(A2)*
- *...e esteve **anté** os setenta (A2)*

Em Campo Maior, uma vez por outra, na palavra *antão*:

- *I **antão**...pronto, fiquê assim(D)*

Mas, o normal aqui é *então*:

- *i **então**, como era inteligente...(11-G)*
- ***então** de chover, já nã ganhavã nada!(11-G)*

No informante H, aparece *atão*, como em Olivença:

- *I **atão**, el' era soltêro i ela era soltêra(12-H)*

Abertura das vogais i e ĩ em e e ã respectivamente

Vasconcelos: Tolosa (Nisa), Elvas, Veiros (Estremoz), Juromenha (Alandroal), Alandroal. Em casos como *êrmão, êncerto, ênfeliz, êntero, êveja...*

Em Olivença é fenómeno frequente. Lembro-o em palavras como *êrmão, nenguẽ, dêrêto, prêmor*. Nas minhas gravações:

-...quando chega a fêra d'Elbas, isto é um **prêmor**... um **prêmor**... (3-B)

- *poderias ter andado todo ao dêrêto, sabis?*(2-C)

- *ademais besitaremos a playa de Nazaré* (4-B)

- *estar de quẽzena* (A1 e A2 em conversa não gravada)

- *mê sogro esteve cenquenta e oito anos*(A2)

- *Quem ve vom'cê hoje coseri? Nenguẽ*(A2)

- *esta é uma ermã minha, e este é um ermão meu*(A2)

- *Havia uma vezinha*(A2)

- *nenguẽ teve que dezer nada*(A2)

Nos informantes campomaiorenses ocorre uma vez por outra, especialmente com a palavra *direito*>*derêto*, mas não só.

- *e à derêta dessa praça, tá uma côsa mais alta*(D)

- *àlguas pessoas de Campo Maior tẽ interessado sempre das festas*(10-E)

- *à parte das endústrias dos cafês Delta*(9-E)

- *já com sacrefício*...(11-G)

Por vezes, em Campo Maior, não é fácil distinguir entre o timbre de um *e* e de um *i* (transcrevo com *e* se bem que parece ouvir-se mais um *i*, embora não tão fechado como em padrão):

- *a fôce na mão derêta*(G)

- *ê, depôs de grande, nenguẽ me man*...(G)

- *antes nenguẽ sabia lere*(11-G)

- *nẽ dezere, nẽ dezer*(G)

Onde outras vezes se ouve claramente um *i*:

- *ninguẽ dava, ningũ dava ajuda*(G)

- *Um letrêro que dizia*(F)

- *no sentido, sô capaz de as dizer, mas pràs dizer nã sô capaz*(G)

- *Não matavõ ningũ mas ofendiõ*(F)

- *tranquilo da vida que ningũ se metia ca gente* (H)

Em todo o caso, o fenómeno opera, segundo os testemunhos dos informantes, com muita maior vitalidade e frequência em Olivença do que em Campo Maior. Sendo ele um traço típico do português alentejano, parece que a influência do padrão lisboeta é determinante do carácter residual que parece apresentar na vila portuguesa.

Fechamento da vogal nasal ã em ã

Vasconcelos: em Tolosa (Nisa), Avis, Mora, S. Geraldo (Montemor), em termos como *cumprar, rumper, cuntar, cunvencer*

Em Olivença não aparece o fenómeno, pois a vogal, em todos os casos, aparece claramente como um *o* fechado:

-*Uma das bezes que estabã três compadres, sentados numa estrada (7-B)*

-*Manda a calar os ôtros dôs compadres i diz o seguinte (7-B)*

-*Dois compadres, d'intima amizade (7-B)*

Também não aparece nos informantes campomaiorenses.

Fechamento da vogal oral inicial aberta o que pode chegar

a u

Registado por Leite de Vasconcelos em Tolosa (Nisa) Elvas, Alandroal, Beja. As palavras são, entre outras, *uvelha, urêlha, ôvêlha, ôlhar, ôvir*.

Em Olivença aparece o fenómeno, se bem que não registei casos de realização como *u*:

-*queres ir ao derêto por as ôlivêras d'abaxo?(2-C)*

-*nã havia estas ôperaciões que hai hoje (A2)*

Também em Campo Maior, como *ô* fechado:

-*Este levô a vida a guardar ôvêyas(E)*

-*Lempar ôlivêras e azinhêras (D)*

-*sabe o que sã ôvêyas, e cabras?(E)*

Realização não relaxada de o átono pretónico não inicial ou postónico (final)

Maria de Fátima Rezende F. Matias (Matias 1980-1986: 239) regista a realização como *o* aberto ou fechado de *o* átono em posição interior, entre outras possíveis realizações (como *u*, como *a* ou mesmo como *e* relaxado) em quase todos os pontos do seu estudo (na zona espanhola e na zona portuguesa)

Quanto aos meus informantes, especialmente em Campo Maior (no informante E é mais evidente em palavras como *descontentamento, conceyo...*, também no informante D em palavras como *pronto!*, na informante G em palavras como *chovia...*), julgo ouvir por vezes uma realização como *o* fechado, quer em posição final, quer em posição interior, por mais que seja difícil separar um *o* fechado dum *u*, especialmente em posição final. Esta é a razão por que prefiro não dar exemplos concretos, pois a percepção pode variar de ouvinte para ouvinte.

Queda ou redução em e mudo de u final

Este fenómeno foi assinalado por Leite de Vasconcelos em Nisa, Tolosa (Nisa). São casos de palavras como *cinque, quatre, or, pássar*

Nunca o registei em Olivença, nem consigo lembrar tal fenómeno. Só aparece o caso estranho de *loji* por *loja*, que parece antes uma confusão ou variante particular dum falante:

- *Atão, o rapaz aquele que estava lá no despacho... na loji, te gravô... o que te disse?(5-C)*

Não aparece nos informantes campomaiorenses.

Abertura da vogal nasal [ũ] em [õ]

Leite de Vasconcelos registou o fenómeno em diversos pontos: Elvas, Vila Viçosa, Évora, Beja, Serpa, em palavras como *afondar*, *jontar*, *fongar*, *ontar*...

Apenas em Campo Maior aparece um caso no informante E:

-*porque é pra confundir o pobo(10-E)*

Outros supostos de assimilação ou dissimilação

Ocorrem em Olivença, especialmente na informante A2:

-*porque ê ténho o estámago caído (A2)*

-*Dá um toque eno teléfano (A2)*

a-3) A ditongação e a monoptongação

No Português de Olivença, tal e como nas vizinhas regiões portuguesas alentejanas, a regra geral é a monoptongação, mesmo em casos em que ela não ocorre na língua padrão.

O ditongo ei e a sua monoptongação (ê/(ê(i)))

Traço típico dos dialectos portugueses centro-meridionais do Centro-Sul é a monoptongação de *ei* em *ê*, tudo ao contrário do que acontece em português padrão em que, por dissimilação o *e* abre em *a* fechada, mantendo-se o *i*. Também ao contrário do que aparece nos dialectos setentrionais e nos dialectos centro-meridionais do litoral, em que se mantém como *êi* (Cintra 1995: 160-161)

O fenómeno está amplamente documentado na região alentejana. Leite de Vasconcelos encontrou a presença da monoptongação, entre outros, em Nisa, Castelo de Vide, Marvão, Portalegre, Elvas... em palavras como *lête*, *intêra*, *manêra*, *dinhêro*, *Janêro*, *fêtor*, *primêro*... e também nos casos *aldêa*, *mêa*, *cêa*...

Em Olivença a monoptongação é a norma geral, derivando num *ê* fechado. Porém, na maioria dos casos eu julgo ouvir qualquer elemento secundário a seguir ao *ê*, quer um alongamento do *e*, quer o resto dum *i*, muito relaxado. Assim:

- *I ali agarraremos ah... ah madronhêras (2-C)*

-*Tu queres ir por a estrada ô queres ir ao derêto por as olivêras d'abaxo?(2-C)*

-*Quando chega a fêra d'Elbas, isto é um premore... um premore... (3-B)*

-*Aí mais arriba tẽ que haber munta esparraguêra tamẽ*

-*I depois de fêto ẽ chicharrões (4-B)*

-Ess' qu' tẽ quinto de **derêto**(A1)

Registei alguns casos de conservação plena do ditongo:

-*Hai que mandar a fazer uma **caldêira**, de catorze mil metros*

(4-B)

-*Ai, m'nina, se'stiberes de **rêzinhos** daria-te pra cantar i bayar uma chotici!*(3-B)

-...de três estrelas ena rua de Almirante **esrrêi** (1-B)

A monoptongação é comum também nas formas verbais. No caso da primeira pessoa do singular do presente de indicativo de *saber*, *sei*, a conservação do ditongo também é relativamente frequente, mais talvez que noutros casos, talvez pela possível confusão duma forma monoptongada *sê* com o pronome ou a conjunção *se*:

- *Ê **pensê** que ê andaba menos ca ti, i ando maih ca ti!*(2-C)

- ***Regalarê-te** um espiúgo, para que vayas tranquilo* (6-B)

- ***Convidarê** a comadre Agustina* (4-B)

- *Nã **sê** o que te diga*(3-B)

- *I aí,... nã **sê** se agarraremos alguns espárragos* (2-C)

-...nã **sê** se vomecê me tẽ por tonta(A2)

- *Assi qui, nã **sêi**...*(2-C)

Quando o ditongo provém dum *i* antiiático, em palavras como *aldeia*, *meia*, *ceia*, *areia* a desapareição do *i*, e a correspondente conservação do hiato, também documentada em pontos do Alentejo, como já vimos, é norma geral no português oliventino, segundo lembro (*arêa*, *aldêa*, *cêa*...)

Como exemplos oliventinos:

- *Mã mãe tinha **cadêas** de prata, munto bonitas* (A2)

- *Vinham c'uma carroça, **chêazinha** de flores*(A2)

- *Ê com a **candêa**, fiz umas cortinas...*(8-A2)

- *A esclavitu do tê pai, tamẽ foi munto **fêa*** (A1)

- *me chama **fêa**, me chama tudo o que quere* (A2)

- ***Vêo** o Quini...**Vêo** o ôtro piqueno e disse*(A2)

- *tirando das **corrêas** dum jornal*(A2)

Este ê costuma ser tão fechado que por vezes pode parecer um *i*: *cadias*, *candias*...

Aparece apenas um caso de conservação do *i*:

- *Fomos a dar um **passêio** por a Boca do Inferno* (1-B)

Quanto a Campo Maior, a monoptongação é também universal nos dois informantes entrevistados, sendo um dos traços dialectais que melhor resiste a pressão do padrão lisboeta (que conserva o ditongo com dissimilação por abertura do primeiro elemento vocálico) O resultado é um ê fechado, como em Olivença e o Alentejo em geral:

- *limpar **olivêras**, **azinhêras***(D)

- *A **enfermêra**, tratava de mim como qualquer..*(D)

- *...porque ela é **soltêra** e tẽ um fiyo*(D)

- e à **derêta** dessa praça, tá uma cõsa mais alta(D)
- Temos aqui a **frontêra** ò pé...(D)
- As festas sã **fêtas** com sacrificio do povo (10-E)
- apreciã o bẽ **fêto**(G)
- o endustrial de Campo Maiore, o Rui **Nabêro**(10-E)
- aí **detando** terra, entuyos(D)
- com pessoas piquenos e médios **siarêros**(9-E)
- Um **letrêro** que dizia(F)
- No Inverno erã três meses, **Janêro, Febrêro**(F)
- aprendeu a **serrayêro** mecânico(11-G)
- É nasci ã **Frontêra**, ê nõ sô daqui(H)

Com algum caso de conservação de ditongo, mas sem alteração do timbre do ê:

- Davõ **azêite**, davõ certas coisas...(F)

Mesmo em formas verbais, a monoptongação é geral:

- I antão...pronto, **fiquê** assim(D)
- É assim que ê falo como **falê** agora(E)
- Entã ê **fiquê** sozinho(E)
- E ê nã **sê** ler nê escrever(E)
- cheguê** a fazer dõs meses(G)
- até que Dês **quêra** (G)
- i **dexô** aquela (G)
- passê** à tua porta/**levantê** asas i vi...(F)
- corri munto **fiquê** aqui(H)

Também ocorrem casos de conservação do ditongo:

- **Têngo** um fiyo ma(s) nã **sêi** dele(H)
- Tomêi** caminho chãõ (12-H)(exemplo tomado duma cantiga)¹⁰

- Abalêi** da minha terra (12-H)(exemplo tomado duma cantiga)

No caso do *i* antiíatico, pode ocorrer (até é mais frequente) a sua conservação (*passêio*) como a sua queda, subsistindo o hiato (*passêo*). Neste sentido, a forma arcaizante (com hiato) não é universal, como acontece em Olivença, mas aparece em forte concorrência com a forma inovadora (com *i* antiíatico), sem dúvida por influência da norma padrão portuguesa. Com frequência o *i* é tão relaxado que é difícil saber se ele ocorre ou não¹¹:

- Isto é o **passêio**, aqui é o **passêo**(D)
- Nã **semêiam**, tá tudo a pousio(D)
- O **corrêo** era o namorado dela(D)

¹⁰ É razoável pensar que numa cantiga as variantes sejam mais conservadoras e resistam mais às inovações do dialecto, por permanecer “fossilizada” na forma em que se aprendeu.

¹¹ Em galego, como é sabido, convivem as duas formas *correo/correio*, *creo/creio* na fala, se bem que a normativa oficial optou pelas formas em *-eo*. Os exemplos do galego vão referidos sempre à actual normativa oficial.

- Tá tudo **chêo** d'espahnóih(D)
- ... pà **Assemblêa** da República (E)
- ê disse isto à **Assemblêa** da República quatro ô cinco veze(E)
- e ê fiquê...**mêio** farto de trabayar(E)
- as pessoas que tinhã **idêa**...(G)
- Agora cada um puxa a sua **idêia**, i cada um faz a sua **idêia**

(G)

- ha(i) munto boas **idê(i)as**(G)
- A cantarê as saias, cõ as bandêritas, cõ ... **chêas** de fitas(F)
- i a veyá tava lá ...daquele lado... a fazer **mêa** i assim...(H)
- Às bezes um ano ô dôs na **cadêa** (H)
- Isto agora, trabayas só(...) por **mêo** de máquinas(H)

O ditongo ou: monoptongação e dissimilação

O ditongo *ou* pode ser objecto de monoptongação (fenómeno que ocorre em todo Portugal, a não ser no Norte) (Cintra 1995: 160-161), ou de dissimilação, em cujo caso transforma-se em *oi*. As duas tendências ocorrem desigualmente, dependendo das palavras. Nalguns casos predomina a monoptongação (*pôco, rôco, ôtro*), noutras a dissimilação (*dois, coisa*) Não é raro que as duas variantes sejam frequentes, na fala e na escrita, noutros supostos (*oiro/ôro, coisa/côsa, toiro/tôro*)

A monoptongação, como acontece em Português padrão, é o normal, na zona alentejana, quando não se produz a dissimilação, não ocorrendo nunca a conservação do ditongo *ou*. Portanto, o normal será encontrarmos casos como *pôco, rôco, ôtro, ôro, tôro* e *coisa, dois, toiro, oiro*.

Leite de Vasconcelos referiu a monoptongação em pontos como Castelo de Vide, Marvão, Portalegre, Elvas, Vila-Boim (Elvas)... em termos como *ôro, ôtro, môco, andô, rôpa, pôco*.

Em Oliveira o resultado é idêntico ao exposto:

- Foi a casa, lo **contô** à muyere (2-C)
 - Dá a casualidá que o um era **môco**, o **ôtro** era cego, coitado, i o **ôtro** era calbo (7-B)
 - Manda a calar os **ôtros dôs**¹² compadres i diz o seguinte (7-B)
 - Ali todos os dias matavõ **dôs**¹³ ô três (A1)
 - Dois** compadres, d'íntima amizade (7-B)
 - A Ana Mari inda **n'abalô**(A2)
 - Carmen, **tô môca**(A2)
- Aparecem *coisa, dois*, como formas universais (lembre-se, porém, os exemplos já vistos de *dôs*):
- **Dois** compadres, d'íntima amizade(6-B)

¹² Este *dôs* poderia ser uma monoptongação de *dous*. Ou, também, uma monoptongação de *dois* cujo *i*, muito relaxado, tivesse desaparecido.

¹³ Ver nota anterior.

- *i-hai coisa boa, boa bai ela(2-C)*

No caso de *pois*, pode monoptongar em *pôs*:

- *Carajj, compadre –diz o cego- pôs é que os vêjo vire(4-B)*

Existe, quando há a dupla possibilidade, em Olivença, a tendência em favor de *oi*: *coisa, dois*, em lugar de *côsa, dôs*.

Em Campo Maior, como em Olivença, o resultado é o mesmo que, em geral, no português centro-meridional e padrão:

- *Ficô hábito ficô tinha, cada uns tantos anos fazer essa festa...(D)*

- *Embirrô uns com ôtros(D)*

- *este levô a vida a ser ganadêro(E)*

- *A coisa já s'equilibrava, mas depois, começaram as coisas a amentar e amentar...(D)*

- *pa uma coisa é boa, i pôtra coisa é mas ruim(G)*

- *O mê pai, comprô-me uma foice, i arranjà-me uns canudos(G)*

- *Pa cêfarê? Ah, a fôce na mão derêta(G)*

- *casas que tinhã dois i três fijos(11-G)*

- *Davô certas coisas(F)*

- *Mê pai arranjà uma amante... dexô os fijos(F)*

- *Foi que dexô a muyere(H)*

- *'tava na(s) de dois ô três, nã é?(H)*

A tendência, nos casos de dupla possibilidade, é também em favor de *oi* (*coisa, dois*), mas nem sempre: existem casos curiosos, de monoptongação, aparentemente contra a esperável dissimilação em *oi*:

- *e à derêta dessa praça, tá uma côsa mais alta(D)*

- *Eu nã sô dessas côsas* (ouvido na rua, não gravado)

- *é cheguê a fazer dôs meses, dôs meses d'azêtona (G)*

- *ganhava alguma côsinha(11-G)*

- *Era... dôs dias e duas noites...(H)*

Parecem casos de subsistência de *cousa* ou *dous* com monoptongação de *ou* em *ô*, própria esta monoptongação, aliás, do português centro-meridional, mas também são possíveis casos de monoptongação de *oi*.

E, além disso, outros casos em *ô* de *ou* não dissimilado em *oi*:

- *Isso é um tôro (D)*

Temos, também, casos de redução de *oi* em *ô*:

- *Agora, depôs do vinte e cinco de Abrile...(D)*

- *Depôs das televisões já fazê menos baile(D)*

- *mas d'pôs passô...(11-G)*

- *despôs foi prà tropa(11-G)*

Quando o ditongo *oi* não tem *ou* como origem (como no caso das terminações em *-oiro/-ouro*), existe também uma duplicidade em

português. Assim, temos *coiro/couro*, *embarcadoiro/embarcadouro*, *salgadoiro/salgadouro*, *vassoira/vassoura*.

Em Olivença, apenas lembro ter escutado o resultado em *-oiro* (*coiro*, *vassoira*), se bem que não apareça nenhum caso nas gravações para o testemunhar¹⁴. Não aparecem exemplos nas gravações de Campo Maior sobre este ponto.

O ditongo eu: monoptongação ou conservação

É um caso semelhante ao do ditongo *êi/ê*. Segundo Manuela Florêncio, Leite de Vasconcelos registou o fenómeno, geralmente em próclise, em diversas localidades do Alentejo, como Campo Maior, Elvas, Évora, Vila Viçosa, Alandroal, etc, em palavras ou expressões como *mê filho*, *mê amor*, *ê digo*, *ê ñã sêi...*

Em Olivença é frequente a monoptongação em *ê*, mas também ocorre a conservação do ditongo, se bem que frequentemente com o segundo elemento vocálico (ou, mais exactamente, semi-vocálico, representável por *w*), o *u*, muito relaxado:

- *Mas bonito é o Alandroale/donde o **mê** amor se esconde (2-*

C)

- *Isto não to posso dare porqu' é de **mê** marido(6-B)*

- *Pôs **ê** que os vêjo vire (7-B)*

- *Co qu' é meu, qu' é o que tẽ **mê** marido (6-B)*

- *tu sim mas i atã eu, **teu** avô já **morreu** (3-B)*

- *Ai, dondi o **meu** amor se esconde.(3-B)*

- ***Ê** pensê que **ê** andaba menos ca ti, i ando maih ca ti!(2-C)*

- ***Ê** quisera agora ter vinte anos(A2)*

- ***mê** sogro esteve cenquenta e oito anos(A2)*

- *porque **mê** pai **morrê** duma perforação d'estámago(A2)*

- *esta é uma ermã minha, e este é um ermão **meu**(A2)*

- *Tomara **eu** ter os fiyos como vom'cê os tẽ... tomara **eu** (8-A2)*

Em Campo Maior o resultado é idêntico ao de Olivença:

- ***Ê** nasci numa estrada(D)*

- *Os **mês** fiyos todos sã formados...(E)*

- ***Eu** ia lá porque estava à frente(E)*

- ***Eu** por acaso, houv' uma pessoa, lá no hospitale(D)*

- *na altura ã que **ê** era nova(11-G)*

- *i aqui tô até que **Dês** quêra, até que **Dês** quêra(G)*

- *ñê **eu** para ti tampouco (F)*

- *Graças a Deus o sentido tá inda bom(G)*

- *i aí **morreu**, pôs até que **morreu** foi fiscal da Cambra(11-G)*

- *porque **ê** depois i o **mê** marido(11-G)*

- ***Morreu** logo (F)*

¹⁴ Vassoira é forma que pessoalmente lembro ter escutado ao informante C (conversa não gravada), e esta é a forma que recolhe Manuel Jesús Sánchez (Sánchez 2006)

-*Mê pai arranjô um' amante(F)*

-*Minha mãe morreu, ê tinha cinco anos...(H)*

Quando o ditongo é com vogal *e* aberta (*Ew*) a vogal produto da monoptongação fica aberta. Ao menos assim acontece no único exemplo registado no informante H:

-*uso chapé à espanhola...(12-H)*

Registei um caso excepcional, que parece mais uma confusão individual da informante, em que a ditongação é em *-ei*¹⁵:

-*mas depois o mêm pai, agarrô ôtra vida (11-G)*

Concluindo, e quanto aos três ditongos vistos, das gravações examinadas podemos deduzir que a monoptongação é traço geral, sem excepção, no caso de *ou* [*ô*], quase geral, com excepções e com a subsistência quase imperceptível de um vestígio do segundo elemento vocálico no caso de *êi* [*ê*]; e quanto ao ditongo *eu* a monoptongação é frequente *ê*, mas também a subsistência, quase sempre muito relaxada, do segundo elemento vocálico, aqui também semivocálico [*w*]. Não existem, pois, diferenças entre Olivença e Campo Maior neste ponto.

Ainda, em Olivença, como em Campo Maior, acerca do ditongo *êi*, nos poucos casos em que ele é conservado, verifica-se que o *e* é sempre fechado, sem qualquer tendência dissimilatória semelhante à existente, por exemplo, no português lisboeta e padrão. A conservação do timbre fechado etimológico da vogal *ê* é um traço conservador ou arcaizante.

Não se verifica, pois, em Olivença, como também não em Campo Maior, segundo resulta dos informantes examinados, o que assinala Lindley Cintra para as zonas de conservação do ditongo em Portugal (Cintra 1995: 42):

“...O número e a natureza das variantes são bastante maiores no caso do ditongo ou do que no ditongo ei. Quanto a este último, apenas há a assinalar que, em toda a zona do norte e do centro de Portugal em que ele se mantém, é mais frequente encontrá-lo realizado na forma [aj], que apresenta em Lisboa, ou pelo menos nas formas /ej/, com e aberto ou [ej], com e médio, do que na forma [ej] com [e] fechado...”

Monoptongação de au em a

Leite de Vasconcelos assinala também este traço registado por Leite de Vasconcelos, entre outros lugares, em Tolosa (Nisa), Elvas, Alandroal, Grândola, em termos como *pâ, mâ, âmento, flâta*

É fenómeno não presente nos informadores oliventinos que tive ocasião de entrevistar. Também não se regista nas gravações de Campo Maior. Apenas num caso em que o informante D (Campo Maior) pronuncia

¹⁵ Ela é ditongação típica das falas de Xálima, por exemplo.

a palavra *aumentar* com um *u* tão relaxado que parece um caso análogo ao da redução de *eu* em *ê(w)*:

- *A coisa já s'equilibraba, mas depois, começarõ as coisas a **amentar a amentar...***(D)

Monoptongação de ão em ã

Segundo Florêncio, Leite de Vasconcelos regista o fenómeno, geralmente em próclise, amplamente distribuído: Nisa, Avis, Elvas, Estremoz, Vila Viçosa, Alandroal; em palavras como *cã, sã, nã, limã, nã sei, nã quero, nã é...*

Em Olivença é fenómeno muito generalizado, especialmente em próclise e no caso do advérbio *não*:

- *Uma das bezes que **estabã** três compadres* (7-B)
- ... *nos resta **grã deboçã**...* (1-B)
- *Isto é **tã** sã, como infalibe* (4-B)
- ***Nã** te dizia ê a ti?*(2-C)
- *Assi qui, **nã** sêi...* (2-C)
- ***atã** nã te façah caso do médico* (2-C)
- ***nã** sê o que te diga, fiya, qu'inda me **dã** comechões!*(3-B)
- *Eu, **nã** me casava*(A1)
- ***Vayã** vomcês que bom corpo tẽ*(A2)

Como também é frequente a conservação plena do ditongo em posição não proclítica, e não só:

- ...*os sioris devertẽ-se, **estã** a gosto...*(3-B)
- *Bom, **atã**, o siore aperceberia uns peúgo?*(3-B)
- tu sim mas i **atã** eu* (3-B)
- *fizemos por a estrada de Estorili uma **excursã*** (1-B)
- o bonito que está toda aquela esplanada i **extensã*** (1-B)
- e este é um **ermã** meu*
- porque mê pai murrê duma **perforã** d'estámago*(A2)
- *Esse **aviã**, que leva tantas pessoas*(A1)

Em Campo Maior o resultado é idêntico:

- E ê **nã** sê ler nẽ escrever*(E)
- *Esses **sã** amigos da infância, **sã** mais veyos ca mim*(E)
- *porque o Governo **nã** dá nada...e os industriais nada **dã***
...(10-E)

-*Trabayarõ munto e **nã** tẽ nada...*(E)
-*Olhe i as pessoas que **tinã** idéa... i natureza, **bailavã**, cantavã i brincavã*(G)

- i **entã**, como era inteligente* (11-G)
- *i inda tẽh' um **irmã** vivo* (11-G)
- Nã**, assim como digo ao senhore* (F)
- à **mã**, à **mã**...*(G)
- *Tẽho um fiyo ma(s) **nã** sêi dele*(H)

- nã** havia carro (H)
- o **pão** era semeado à **mão**...(H)
- Tomei caminho **chão** (12-H)

Monoptongação de –ão em –õ

Quer em Olivença, quer em Campo Maior, é frequente que –ão apareça reduzido a –õ, fenómeno também registado por Leite de Vasconcelos, segundo Manuela Florêncio. Ocorre, apenas, em posição proclítica:

Em Olivença:

- me **puserõ** o pega aqui (2-C)
- I **andõ** as rapariga(2-C)
- puserõ** ã peligro (6-B)
- por isso m' **erichabõ** a mim os cabelos.(7-B)
- Porque o **virõ** de p'quininos (8-A2)
- Ai, Hermínia, **nõ** posso (A2)
- O que **falõ** eles!(A1)
- Nõ** era pa desfrutar num hotéli(A2)
- Ali todos os dias **matavõ** dôs ô três (A1)
- que a mĩa mãe le **davõ** a luz grátis (8-A2)
- nẽ sõ** borrachos... **nẽ sõ** drogaditos...(8-A2)

Nalguma ocasião aparece –õ por –ão, em posição tónica:

- i a **direçõ** que a lebe boa(A2)
- Isso é pa uma **enformaçõ** que vom'cê vai fazer...(A2)

Em Campo Maior:

- **Nõ** tẽi estremas, **nõ** tẽ(D)
- Treze anos que **nõ** hai(D)
- Aparte dos cafês Delta, que **aparecerõ** depois, e aparte dos cafês camelo que **aparecerõ** depois(9-E)
- Os mês fiyos todos **sõ** formados...(E)
- todos **fizerõ** na quarta classe(11-G)
- mês pais sempre **tiverõ**(11-G)
- todos **aprenderõ** à escola (11-G)
- cantavõ-ye** muntas cantigas i um dia **cantarõ-ye** uma (...)**quadra**(F)
- nõ** dexô número, **nẽ** dexô nada (H)
- Sõ** pra si, i par' à avozinha (12-H)

Nem sempre é fácil saber quando a monoptongação é em –õ ou em –ã, talvez porque a vogal –õ soe mais aberta ou, ao menos, não tão fechada, como normalmente é esperável dum õ nasal, daí a dificuldade em separar as duas monoptongações.

Até, por vezes, a vogal resultante da monoptongação parece ouvir-se sem nasalidade, ou com uma nasalidade menos intensa. É esta a razão por que optei por não reflectir o fenómeno nas transcrições, mas

alguma vez por outra pode parecer que soa sem nasalidade. São casos como os seguintes, particularmente frequentes com o advérbio *não*:

-*na posso fumare –me diz o médico (2-C)*

-*no posso bube vinho (2-C)*

-*ai, Hermínia, no posso!(A2)*

Ou no informante H, de Campo Maior:

Trabayar na agricultura, na é? (H)

Manuela Florêncio (Florêncio 2001: 71) afirma a respeito deste fenómeno que

“...a explicação para a realização *õ* da maioria das formas verbais terminadas em *-am*, quer as que tinham um *õ* na sua origem, quer as que derivam de um *ã*, pode passar pela analogia mas, também, pela tendência do dialecto para a conservação de formas não ditongadas.”

Monoptongação de –em para –ẽ:

Manuela Florêncio assinala este fenómeno, que Vasconcelos regista em diversos pontos: Tolosa (Nisa), Campo Maior, São Romão (Vila Viçosa), Alandroal, Évora...; e em casos como: *tẽ, bẽ, bėbė, quẽ*.

Em Olivença, este traço é universal:

-*vės munto cansado, nã, Zėi? Tės... (2,C)*

-*mas arriba tẽ que haber munta esparraguėra... (2-C)*

-*Era um homẽ, sabih, que foi ao médico (2,C)*

-*Ess’ qu’ tẽ quinto de derėto (A2)*

Se bem que aparecem nas gravações casos de conservação de ditongo, com pronúncia, porém, da vogal *ẽ* sempre fechada, normalmente em posição não proclítica ou átona:

-*tẽ que haber munta esparraguėra tamẽi (2-C)*

-*E nã te faças menos que nenguẽi (A2)*

-*O que está bėi, que hoje (8-A2)*

-*o Jjoaquim ‘stá bėi! (A2)*

Em Campo Maior é, também, traço geral (até ouvido em pessoas novas):

-*Nã tẽ apoio, nẽ económico nẽ morale, nã tẽ... (9-E)*

-*I tẽ uma terra chamada... Genebra (D)*

-*Depôs das televisões, já fazẽ menos baile (D)*

-*Fizerõ uma praça pròs carros estacionarẽ ali (D)*

-*arranjô emprego lá ẽ Alverca (11-G)*

-*nẽ dezere, nẽ dezer (G)*

-*ninguẽ dava, ningũ dava ajuda (G)*

-*acho bẽ, acho bẽ qu’ é mas bonito (G)*

-*Mas tá tudo bẽ... tá tudo bẽ (F)*

Não faltando casos de ditongação, mas conservando o timbre fechado de *ẽ*:

-*Nõ tẽi extremas, nõ tẽ (D)*

- *I para mê pai **tambêĩ**(12-H)*
- *oye isso é o que mas fiz **tamê(ĩ)**(H)*
- *...mas **tamê(ĩ)** andê por aí ... (H)*

Neste traço arcaizante, Campo Maior e Olivença coincidem com o resto do Alentejo e, em geral, com os falares centro-meridionais do centro e do Sul (segundo a terminologia de Cintra)

Curiosamente o padrão português, neste caso, como, em geral, em todas as monoptongações, não parece influir no falar de Campo Maior, que mantém as suas características dialectais próprias, não se produzindo qualquer diferenciação com Olivença.

Monoptongação de **ũĩ** para **ũ**

Este fenómeno, comum em português dialectal por toda a parte (por exemplo na vizinha vila de Elvas é fácil de escutar), é geral em Olivença e em Campo Maior, onde sempre, sem excepção, em todos os informantes, aparece a monoptongação. Só ocorre no caso da palavra *muito*, pronunciada *mũito* em português padrão, aqui *mũnto*

- *i atão, **munto** tuno, (6-B)*
- *I **munto** miyore (2-C)*
- ***munto** boa...Campo Maiore é uma vila **munto** viva, é uma vila com pessoas **munto** honestas(9-E)*
- *Agora sai **munto** cara(D)*
- *uma vida **munto** pobre(G)*
- *a cabeç' inda 'tá **munto** boa (11-G)*

Não parece necessário dar mais exemplos.

Ausência de semivogal **i** antes de consoante palatal

Vasconcelos, segundo Manuela Florêncio, recolheu este traço, característico do falar alentejano, bem como doutros pontos do centro e Sul do país, em localidades como Avis, Fronteira, Elvas, Juromenha, Alandroal, Évora..., e em termos como *baxo*, *quêxo*, *dexar*, *caxa*... em que a ortografia oficial regista *i*; e noutros em que o *i* é frequente aparecer na pronúncia padrão, se bem que não tenha o seu reflexo na ortografia: *vêjo*, *sêja*...; e noutros, ainda, em plurais como *quintaj*, *anêj*, *caracój*.

Quanto ao falar oliventino, para além dos casos como os plurais ultimamente assinalados, em que não aparece nunca este fenómeno, no resto dos casos é geral:

- *i logo já, partimos **pa'baxo** (2-C)*
- *ô queres ir ao derêto por as olivêras **d'abaxo**?(2-C)*
- *Esse avião, que leva tantas pessoas, p' **abaxo**!(A1)*
- *pôs ê que os **vêjo** vire (7-B)*
- *i to **dêxastes** abalare(5-C)*
- *Ô morrer o pai, cinco qu'erõ, nã **vêjas**(A1)*
- *...o português mas **fêchado**, mas **fêchado**...(A1)*
- *Foi que **dexô** a muyere (H)*

É frequente, em Olivença, a perda da vogal também no caso do ditongo *ai* em *mais*:

- *I atão tînhas agarrado **mah** ehpárragoh. Tínhamos agarrado muntoh **mah** espárrago (2-C)*

- *Aí **mas** arriba hai ôtra fonte.(2-C)*

- *Mas logo entra lá **mas** p'adrento(A2)*

- *Quanto **mas** trabayas, **mas** saúde tês(A2)*

Em Campo Maior ocorre o fenómeno continuamente:

-*Deci lá pra **baxo**, prò mare(D)*

- *El' **dexô** os monipólios da terra i da indústria(E)*

- *Este levô a vida a guardar **ovêlhas**(E)*

-*...nê que **sêjã** arrendatários (9-E)*

- *depois havia lá **abaxo** na vila, que tava a um canto que...chamavã-ye os cantos de **baxo**(11-G)*

-*hoje nã posso porque nã **vêjo**(G)*

-*É boa carne, bom **pêxe** (F)*

-*...**dexô** os fijos (F)*

-*Foi que **dexô** a muyere (H)*

-*Leva **bêjos** minha mãe(12-H)*

Por vezes há um *i* muito relaxado:

-*tínhamos ordenados munto **ba(i)xos** (F)*

Também ocorre com frequência a redução no caso de *mais*:

- *é o conceyo **mas** pequenino, e é o conceyo **ma** rentábel(9-E)*

- *Uma terra **mas** pequenina(D)*

-*pòtra coisa é **mas** ruim (G)*

- *acho bẽ, acho bẽ qu' é **mas** bonito(G)*

- *oye isso é o que **mas** fiz tamẽ(ĩ)(H)*

a-4)As consoantes

b, d, g, oclusivas

É traço (realização destas consoantes como oclusivas em contextos, como o intervocálico, em que seria normal, em padrão, serem fricativas) que, segundo Manuela Florêncio, regista Leite de Vasconcelos em Alandroal e Beja.

Pessoalmente é traço que ouvi em pontos diversos de Portugal, como no concelho vizinho de Elvas.

Quanto ao falar oliventino registei-o especialmente no *d* intervocálico em casos como

-*andemos por **todo**(2-C)*

-*a terra essa que tá na estrada! (5-C)*

-*porque eu como **alcaide**...(5-C)*

-*I ãssim viverá Espanha ã tranquilidade, i com toda a felicidade (4-B)*

É traço frequente, em Campo Maior, mesmo a pessoas muito novas. Assim:

-ele carrega tudo (D)

Outros fenómenos

-Prótese:

Leite de Vasconcelos regista-o em Tolosa (Nisa), Elvas, Alandroal, Castro Verde. São casos como *acipreste*, *arreceber*, *agarrafa*, *atravessa...*

Em Olivença só o registei nalgum caso nas gravações, sendo especialmente sistemático no caso dos verbos *alevantar* e *alembrar* (por *levantar* e *lembrar*):

- o siore aperceberia uns peúgo?(3-B)

-Ao dia seguinte alevantámos (1-B)

-nã te alembras? (A2)

Não aparece o fenómeno nos informantes campomaiorenses:

É desde pequenino que me lembro(D)

-Epêntese:

De *i* semivocálico, a fim de evitar o hiato:

Leite de Vasconcelos refere este fenómeno em Tolosa (Nisa), Avis, Castelo de Vide, Ourique, em casos como *é-i-ela*, *a-i-água*, *é-i-ôtra*, *é-i-êle...*

Nunca o registei em Olivença, nem nas gravações, nem na minha lembrança. Também não se escuta nas gravações de Campo Maior.

É também frequente o desenvolvimento de *j* ou *w* antes ou depois de *a* átono, segundo Maria de Fátima Rezende F. Matias (Matias 1980-1986: 229) em casos de interferências da língua espanhola.

Em Olivença registei alguns casos, como *antigua*, *antiguamente* (claros espanholismos), e também o caso de *párvua*, difícil de explicar como influência espanhola:

-é párvua, é párvua (A1)

-Paragoge de i (ou e) após -r, -l, e, ê:

Leite de Vasconcelos registou-o em Tolosa(Nisa), Avis, Alandroal, Vila Viçosa em palavras como *solí*, *sali*, *pindurari*, *rumperi...* Mas é fenómeno fácil de escutar no Alentejo, como na vizinha Elvas, por exemplo.

Em Olivença, é traço geral e universal após *-r*, *-l*, e costuma aparecer no fim de um grupo fónico, após uma pausa, por breve que ela seja:

- é donde o siore pode encontrar..(3-B)

- isto é um premore... um premore...(3-B)

- nã divia di nacêri (...)todos a querẽ comere (3-B)

-mais bonito é Alandroale (3-B)

- *por donde na ruta continuaremos a **besitári** nossa senhora de Fátima, da **quale**... nos resta grã deboçã...(4-B)*

- *Têho mah fortaleza, **p'andare!** I o dia que fostes a **Portugale?** O dia que tu ias a **Portugale** ... (2-C)*

- *mas isso nã tẽ que **vêri** (2-C)*

- *as posso **aprovetari**(A2)*

- *Anita tem tido agayas pa **trabayare**(A2)*

Também ocorre, a seguir a é:

- *vês munto cansado, nã, **Zéi?**(2-C)*

- *senhor **Zéi**, dê-nos lombo!(A2)*

- *Diga lá quem fez estas **ch'inéis**(A2)*

O timbre do *e/i* paragógico é variável, como já ficou apontado.

Em Campo Maior a paragoge é geral, como em Olivença, mas o timbre da vogal é mais claramente audível como –e, sendo pouco comuns os casos em que este –e fecha em –i:

- *Campo **Maiore** foi sempre uma vila **rurale**(9-E)*

- *à roda do **mare** (D)*

- *...com pôco apoio **governamentale**(9-E)*

- *é assim que falo quando me pedem pra **ire... falari**(E)*

- *Agora, depôs do vinte e cinco de **Abrile**(D)*

- *venha a **Campo Maiore** (F)*

- *caras lindas com 'o **sole**(F)*

- *da construção **civile** (11-G)*

- *cantar i **bailare**...(11-G)*

- *antes nenguẽ sabia **lere** (G)*

- *Sô, si **senhore** (11-G)*

- *os pobres andavã a **trabayare** (11-G)*

- *já ye morrê a **muyere**(11-G)*

- *para defender **Portugale**(12-H)*

Aférese de e na sílaba inicial es-

Fenómeno que Vasconcelos regista em Vila Viçosa, Alandroal, Évora, Beja; em palavras como *star, scaldar, strela...*

Em Olivença só aparece o fenómeno nas gravações no caso do verbo *estar*, que fica reduzido a *tar*:

- *quando **taba** dizendo da festa, **dih**: a festa esti ano tẽ sido **miyore**,(5-C)*

- *Carmen, **tô** môca!(A2)*

- ***Temos** já na última fase(A2) (por *tamos*, aférese de *estamos*)*

Também pode ficar reduzido a *star*:

- *O Jjoaquim '**stá** bêĩ!(A2)*

Em Campo Maior aparece o fenómeno frequentemente nos informantes referido ao verbo *estar*, reduzido a *tar* ou *star*:

- *a piquena e média labôra **tá** à bêra da falência(9-E)*

- o Rui Nabêro, **tá** sempre interessado nestas festas(10-E)
- e hoje, ' **stô** ligado à hotelaria(9-E)
- i eu **tô** aqui(11-G)
- só **tá** cá um fiyo (11-G)
- ...**tá** dif'rente... no mês de Janêro (F)
- Dexô número a um fiyo, que **tá** aí, que tẽ vinte anos(H)

-Síncope de vogais átonas:

Registado por Vasconcelos em Tolosa (Nisa), Avis, Elvas, Alandroal, etc, em casos como *b'reque, alm'çar, d'rêta, ol'vêra...*

Em Olivença aparece nalguns casos, nas gravações e, quanto posso lembrar, é fenómeno bastante frequente, se bem que talvez não tanto como costuma ocorrer nalgumas zonas de Portugal. Em todo o caso, a pronúncia das vogais átonas em Olivença é bastante relaxada:

- de ganhar as eleições as **d'rêtas** (4-B)
- de **v'riyas** (3-B)
- Di, foi um que foi ò bayo, i **d'zia** (5-C)
- Nã te **d'zia** ê a ti?(2-C)
- pa **ter's** ali uma merda cagada(A2)
- Porque o virõ de **p'quininos**(A2)
- I foi ò monte donde **el' trabayaba**(A2)
- Tomara ê ter os fiyos como **vom'cê** os tẽ(A2)
- como califica **vom'cê** essa pessoa?(A2)
- Diga lá quem fez estas **ch'inéis**(A2)
- Acaba **d't'** alevantar, venha!, **pasmado!**(A2)

Mesmo em fonética sintáctica:

- Ess' qu' tẽ** quinto de derêto(A1)
- N'havia** pagas(A2)

No caso de *para* é frequente (maioritário) a passagem para *pa*:

- **Pa** sacar a Ehpê nha das suas doenças.(4-B)
- i logo já vimos **pa**'baxo por um caminho (2-C)
- Pega aqui **pa** toda a vida (2-C)

Também é possível a elisão em *pra*, se bem que não tanto como a elisão em *pa*:

- **daria-te pra** cantar i bayar uma chotici!(3-B)
- a comadre Agustina **pra** bayari uma chotici(4-B)

Pode, mesmo, subsistir *para* na sua forma plena, mas com o primeiro *a* muito relaxado, de forma que nem sempre é fácil saber se o falante diz *pra* ou um *para* com um *a* muito relaxado:

- **p(a)ra** que tudo fique ã alegria i conformidade(6-B)
- **p(a)ra** que bayas tranquilo i pises brando (6-B)
- i vás **p(a)ra** casa sã ciare!(A2)

Em Campo Maior o resultado é semelhante, se bem que as elisões vocálicas sejam menos frequentes:

- e ê falo assim **p'r** uma razão(9-E)
- **p'r** uma razão, porque é pra confundir o pobo(10-E)
- i **el'** disse-me (G)
- el'** já mandô aprender a ler os fityos (G)
- hoj'** já ão posso (G)
- tá dif'rente...** no mês de Janêro (F)
- q'ando era de **v'rão...**(G)

Quanto à preposição *para* não registei casos da sua realização plena; mas normalmente fica reduzida a *pra* com maior frequência do que em Olivença, em que é mais frequente *pa*. Esta maior presença de *pa* em Olivença talvez se possa atribuir à influência do espanhol meridional vizinho, em que *para* sempre reduz em *pa*, não ocorrendo *pra*:

- Deci lá **pra** baxo, **prò** mare(D)
- que é bom **pra** Campo Maiore (9-E)
- quando me pedẽ **pra** falari (E)
- Até **prò** ano!(E)
- porque é **pra** confundir o pobo(10-E)
- i arranjô-me uns canudos, **pra** esta mão (G)
- pra** porẽ os paus (G)

Porém, não faltam casos de *pa* em Campo Maior, especialmente numerosos no informante H:

- o Governo ã dá nada **pa** fazer as festas de Campo Maiore(10-E)
 - um industrial que se serve até do povo de Campo Maior **pa** sobreviver...(10-E)
 - ...essencialmente **pò** conceyo (9-E)
 - pa** uma coisa é boa, i **pòtra** coisa é mas ruim (G)
 - pa** cêfare?(G)
 - a gente ia **pa** todos os lados (H)
 - pa** nos guardar noite i dia (12-H) (exemplo duma cantiga)
- E, mesmo, de realização plena:
- depôs daqui foi **p(a)ra** Lisboa...(11-G)
 - Nõ nascestes **para** mim (F)(exemplo tirado duma cantiga)
 - para** defender Portugale (12-H)(exemplo tirado duma cantiga)

-depois foi estudar **p(a)ra** Elvas (H)
-Metátese entre vogal e consoante vibrante, pertencente à mesma sílaba ou com mudança de sílaba da consoante vibrante:

Registado por Vasconcelos em Avis, Elvas, Campo Maior, Alandroal, etc, em palavras como *vrido*, *largata*, *drento*, *probe*, *creba*...

Em Olivença foi registado no caso de *drento*, que outras vezes aparece como *dentro*:

(4-B) - *i todo aquel que ôbi ô aperceba da política, metê-lo **drento***

- *venha, aí dêtá pa lá pá pa **dentro** da carretiya (5-C)*

- *Mas logo entra lá mas pa **drento**(A2)*

- *pa **dentro**, pa **dentro**! Aqui nã fica nem uma(A2)*

O verbo *perguntar*, aparece como *preguntar*:

- *Fui a **preguntari**(A2)*

Nas gravações de Campo Maior. Sem metátese:

- *Dali pa **dentro** é o Mónaco (D)*

Com metátese temos alguns exemplos:

- *dantes nã havia **libredade**, agora há munta **libredade**...(G)*

- *...**drumo** ã qualquera cabana... (12-H)*

-Outros casos de elisões vocálicas

É o caso da supressão da semivogal *w* quando seguida de *a* em palavras como *quando*, *quatro*, *quase*, *quantas*, que passariam para *cando/condo*, *catro*, *case*, *cantas*...

Maria de Fátima Rezende F. Matias (Matias 1980-1986: 219 e 229) afirma que “*o elemento labial é por vezes absorvido pela vogal contígua, ocorrendo na linguagem da classe popular...*” realizações como as anteriores. Não especifica quais os pontos em que aparece o fenómeno, razão por que podemos supor que pode ocorrer em quaisquer dos que abrange o seu estudo.

No caso das minhas gravações, só nos informantes de Campo Maior se ouve uma semivogal tão relaxada que quase chega a desaparecer, se não desaparece por inteiro, na palavra *quando* (por ser caso duvidoso assinalai com apóstrofo):

- *Armã-se em bons, (...)artistas à frente do povo **q’ando** é mentira (10-E)*

- *i vai buscá-lo **q’ando** quisere (D)*

- ***Q’ando** amanhece, tá tudo..(G)*

- *a gente **q’ando** ia levar café pà Espanha...(H)*

- *i ele, **q’ando** ela acabô de cantar, cantô-le assim (12-H)*

- *ê **q’ando** nasci chorava (12-H)*

- *...com’ o sol **q’ando** declina (12-H)*

Para além deste caso, registei o caso da conjunção comparativa *ca*, em Olivença e Campo Maior, que examinarei mais para a frente.

Em Olivença, apenas ocorreu este traço em dois casos que podem ser suspeitos de espanholismo:

- *Como **calificaria** vom’cê essa pessoa?(A2)*

- *Vom’cê **califique** (A2)*

Não lembro ter ouvido nunca nada semelhante, fora destes dois últimos casos, no português de Olivença.

Sonorização de [k]

Só apareceu um caso assim em Campo Maior, no informante E, em que a palavra *política* passa para *polítiga*:

- *Pense que esta **polítiga**...ô a **polítiga** modifica(E)*

Pronúncia africada de ch

Este fenómeno próprio dos dialectos setentrionais portugueses foi detectado por Leite de Vasconcelos em zonas alentejanas limítrofes com a Beira Baixa, como Tolosa (Nisa), em palavras como *cachopa*, *chove*, *chuva*.

Apenas num caso pude registar o fenómeno, (aliás, insólito na região) no informante H: lembremos que apesar de morar há muitos anos em Campo Maior, é originário de Fronteira, zona, por outro lado, bastante distante do concelho de Nisa onde Vasconcelos a registou. Portanto, só se explica, a meu ver, de três maneiras:

-o *ch* africado podia chegar residualmente a outros concelhos do Alto Alentejo, não apenas a Nisa...

-A família paterna ou materna do informante procedia de zonas mais a Norte, e traziam esse traço no seu falar.

-Trata-se duma cantiga, que talvez o informante tenha aprendido assim de alguém que falava com essa pronúncia.

-É simples confusão do falante.

- *Esta carta qu' há-d' **tchegare** (12-H)*

a-5)Castelhanismos fonéticos no português de Olivença e

Campo Maior

Para além dos traços examinados há outros atribuíveis claramente à influência castelhana, alguns deles talvez anteriores à época espanhola.

A pronúncia africada de ch [tch]

É um fenómeno típico do Norte de Portugal e dalgumas zonas do centro (Cintra 1995: 160-161), que podemos atribuir mais a arcaísmo ou dialectalismo do que a castelhanismo, pois a origem desta africada nada tem a ver com o espanhol. Como tal fenómeno, não aparece nunca nos falares oliventinos.

Porém, coisa distinta é o seu emprego, em Olivença, em empréstimos procedentes do castelhano e que têm este som. Aqui é que seria espanholismo que pude comprovar, uma vez por outra, nas minhas gravações, nalguma palavra de origem castelhana como é o caso de *coche*, *ancho*, *chascariyo*, etc; nos informantes A1 e A2.

Em Campo Maior não registei nenhum caso neste sentido.

O yeísmo

Quando falamos de *yeísmo*, estamos a empregar a terminologia dialectal espanhola, que assim denomina à deslateralização do som palatal lateral representado em português por *lh*, em espanhol por *ll*.

O fenómeno, amplamente documentado em espanhol, é universal nas zonas castelhanao-falantes vizinhas (Badajoz, Almendral, Villanueva del Fresno, etc)

Porém, é preciso distinguir entre a simples deslateralização, presente no Brasil, por exemplo, e o *yeísmo* do castelhanao meridional circundante (chamado também *rehilamiento*) em que, para além da deslateralização, ocorre um som que em boa medida se aproxima da fricativa palatal chiante sonora representada em português por *j*, ou dum som africado palatal, realizações todas elas frequentes no espanhol meridional de Extremadura em geral, e da zona de Badajoz em particular.

A respeito deste *rehilamiento*, Alonso Zamora Vicente (Zamora Vicente 1967: 78) assinala o seguinte:

“El yeísmo consiste en un ablandamiento de la articulación. La *l* se articula aplicando el dorso de la lengua al paladar y dejando descender los bordes, la parte más fuerte de la lengua, para dejar por allí paso libre al aire. El proceso más general es de invertir esos movimientos y dejar libre el centro, con lo que la articulación se convierte de lateral en central (...)

En español lo corriente es una *y* medio-palatal, pero con gran frecuencia presenta propensión al rehilamiento, *z*, con mayor o menor intensidad. En España, el mayor grado de zumbido por rehilamiento corresponde sin duda a *Extremadura (Mérida y provincia de Badajoz)*” (o itálico é meu)

Maria de Fátima de Rezende F. Matias refere o fenómeno na zona de Olivença, coexistindo com a pronúncia lateral que ainda subsiste, especialmente nas aldeias de S. Bento e em Vila Real, se bem que a pronúncia lateral em clara decadência. Ao contrário, em Campo Maior e Ouguela, onde também ocorre o *yeísmo*, a influência é a inversa, quer dizer, a do português padrão que conserva com plena vitalidade o som palatal lateral (Matias 1980-1986: 154-156)

Em Olivença, como em Campo Maior, o *yeísmo* é um fenómeno geral, talvez atribuível a uma influência castelhana anterior à Guerra das Laranjas, pois que doutra maneira não seria fácil explicar a sua presença em Campo Maior, vila que tem continuado a pertencer a Portugal, desde 1297 até à actualidade.

Ainda que lembre ter escutado o som lateral *lh* numa das aldeias de Olivença (Vila Real), também me recordo do *yeísmo* como o mais habitual em toda a zona. Todos os meus informantes, mesmo procedendo das aldeias (concretamente S. Jorge), são absolutamente *yeístas*, nalguns casos a pronúncia da grafia *lh* por estes falantes se aproxima em boa medida do *yeísmo* do castelhanao meridional extremenho vizinho. Isto é assim, em maior medida do que em C e em B, no casal A1-A2, em que a pronúncia se achega bastante, quando não se identifica, com o *yeísmo* do castelhanao da zona.

- *xó, compadre! Passos de **coêyos** sinto!* (7-B)
- *I munto **miyore**, i nã tinhah cansado tanto.* (2-C)
- *i o médico disse-ye* (2-C)
- *...de **v'riyas**¹⁶, nã sê o que te diga, **fiya**¹⁷, qu'inda me dã comechões!*(3-B)
- *porque **oya**¹⁸, isto não to posso dare porqu'ê de mê marido* (6-B)

- *fostes ò **bayo** i nã bayastes* (5-C)
- *Anita tem tido **agayas pa trabayare***(A2)

O fenómeno aparece, também, nos casos de semi-vogal [j] em palavras castelhanizadas, especialmente, cuja pronúncia passa para consoante, mais ou menos semelhante ao castelhano y tal e como ele é pronunciado em zonas próximas de Extremadura:

- *E a **saya** curta* (2-C)
- *besitaremos a **playa** de Nazaré* (4-B)
- *I já quando se **baya** aproximando a hora*(4-B)
- ***Vayã** vom 'cês que bom corpo tẽ*(A2)
- ***Vaya** uma portuguesa párvua!*(A1)

Quanto a Campo Maior, o fenómeno é geral, mesmo entre pessoas novas (lembro-me de ter escutado pessoas novas com um yeísmo com certo *rehilamiento*, especialmente na pronúncia do pronome *lhe*, pessoas muito em contacto com a cidade de Badajoz por aí trabalharem) Quanto aos informantes D e E, apresentam *yeísmo*, um *yeísmo* diferente do *yeísmo* oliventino, mais próximo duma simples deslateralização (talvez africado mais do que fricativo), diferente, portanto, da variante castelhana estremenha¹⁹ Nos restantes informantes, o yeísmo é traço geral, se bem que existem casos duvidosos onde talvez se possa falar de conservação da lateral (que transcrevo com *lh* mas resulta pouco clara a pronúncia que se ouve, se uma lateral palatal ou uma deslateralização muito suave)

- *essencialmente põ **conceyo** ...pronto ... hai postos de **trabayo***(9-E)

- *A vida deste **conceyo** é essencialmente adrícola* (9-E)
- *das crianças às **muyoris**, a **veyos*** (10-E)
- *ela é soltêra e tẽ um **fiyo*** (D)
- *...no mare, tã aí detando terra, **entuyos*** (D)
- *casas que tinhã dois ô três **fiyos*** (G)
- *já nã temos os **fiyos** no campo* (G)
- *puxava-**lhe** i aprendia* (11-G)

¹⁶ A deslateralização do *lh* nesta palavra aproxima-se mais do *yeísmo* estremenho do que noutros casos.

¹⁷ A deslateralização do *lh* nesta palavra aproxima-se mais do *yeísmo* estremenho do que noutros casos.

¹⁸ A deslateralização do *lh* nesta palavra aproxima-se mais do *yeísmo* estremenho do que noutros casos.

¹⁹ Mesmo alguns locutores da emissora local *Rádio Campo Maior (RCM)* apresentam o fenómeno.

-*olhe, então de chover, já nã ganhavã nada!...(11-G)*

-*tinha três fiyos vivos (F)*

-*mas agora sã maravilhosos (F)*

-*tênho um fiyo, ma(s) nã sêi dele (H)*

- *I houb' uns trabalhadores, que quiserõ ir-lhe a(H)*

O informante H é, geralmente, *yeísta*, apesar de a sua origem ser de zona não *yeísta* (Fronteira) Parece que, sem dúvida, a sua prolongada estadia em Campo Maior desde catorze anos de idade, fez com que perdesse o seu traço inicial.

Outra diferença com Olivença é que no caso da semivogal *j* não se regista qualquer alteração do seu timbre em relação ao português padrão: em nenhum dos informantes campomaiorenses, por exemplo, a pronúncia do *i* de *Campo Maior* sofre qualquer modificação.

O som fricativo velar surdo [x], j castelhano

Som completamente estranho ao sistema fonológico português, aparece em Olivença em empréstimos do espanhol.

- *eno Convento das monjjas Hermanitas da Caridadi(1-B)*

- *tudo quanto daí o venha, ã regocijo (6-B)*

Para além dos casos fornecidos pelos informantes, posso lembrar tê-lo ouvido em palavras castelhanizadas como *jjefe*, e outras.

No caso dos informantes A1 e A2 temos exemplos diversos como *jjuventú*, *ggitano*, *jjefe*...

Em Campo Maior não registei qualquer presença deste fonema.

Aspiração do –s final

Traço alheio igualmente ao sistema português, mostra clara de influência castelhana, porquanto é um dos mais característicos do castelhano meridional falado na Extremadura.

No português falado em Olivença é fenómeno frequente, sobretudo nos falantes mais permeáveis à influência espanhola, como o informante C, por exemplo. Mas, mesmo não ocorrendo aspiração, o português oliventino mostra, porém, um –s implosivo bastante relaxado, sendo por vezes difícil distinguir entre um –s implosivo muito relaxado ou um –s verdadeiramente aspirado. Portanto, e mesmo dando os exemplos em que mais claramente se ouve qualquer aspiração, deve ficar claro que a fronteira entre um e outro som é muito difusa.

Maria de Fátima Rezende Matias refere também este fenómeno, de clara influência espanhola, em Olivença, Vila Real e S. Bento, em pessoas de camadas de gerações diferentes, mas sobretudo do sexo masculino, bem como em povoações portuguesas vizinhas como Juromenha, Campo Maior, Elvas, Ouguela, Degolados (Matias 1980-1986: 143-146)

Não faltam exemplos, mesmo, de completa desapareição desse –s.

Assim, em Olivença:

- *I até tînhas agarrado **mah ehpárragoh** (2-C)*
- *I munto miyore, i nã **tinhah** cansado tanto. (2-C)*
- *atão, o siore aperceberia **uns peúgo**?(3-B)*
- *Pa sacar a **Ehpênha** das suas doenças (4-B)*
- *Ó **colegas portuguese**!(4-B)*
- *ficastes aqui sozinho, **sabih**?(5-C)*
- *isto não to posso dare porqu' é de mê marido, **ma**...(6-B)*

Em Campo Maior este traço não deixa de aparecer nos meus informantes, se bem que com muita menor frequência do que em Olivença; na maior parte dos casos é um –s implosivo mais relaxado do que é normal em Português padrão. Os exemplos correspondem a um –s muito relaxado, de maneira que nem sempre é fácil diferenciar entre –s relaxado ou aspiração, pois, como já foi apontado, a fronteira entre ambos os sons é difusa, não faltando exemplos em que mais do que aspiração há quase completo desaparecimento de –s. Em todo o caso, em Campo Maior parece melhor falar de relaxação de –s, mais que de aspiração (represento por um (s) quando o s é relaxado)

Feita esta ressalva, dou os exemplos que me pareceram mais evidentes:

- ...e essa dita **e(s)trada** (D)
- ma nunca** se compara com Campo Maior (D)
- Agora tá aqui **Arronche(s)**...já passa igual ã **Arronche(s)**, como cá(D)
- E temos ali **Degolado(s)**(D)
- i é o conceyo **ma(s)** rentábel dos quinze conceyos (E)
- ficarõ cos coyões **entr'a(s) perna(s)**(E)
- sabe o que sã **oveya**, e **cabra**?(E)
- os capitalistas nã querẽ saber dos **trabayadore**!(E)
- ê disse isto à **Assemblêa da República** quatro ô cinco **veze**(E)

Não escutei relaxação do –s nas informantes F, G, mas sim no informante H (talvez o que mais contactos teve com a Espanha, pela sua etapa como contrabandista):

- Tênho um fiyo ma(s)** nã sêi dele (H)
- Ê nã sê ler nê 'screvere, **mai(s)**, deitê uma carta a minha mãe...(12-H)

A confusão b/v

A distinção entre *b* bilabial e *v* labiodental é fenómeno próprio do português padrão, ocorrendo a confusão em bilabial, predominantemente, nos dialectos setentrionais.

Com efeito, no português limítrofe com Olivença (Elvas, Alandroal, Campo Maior) a distinção é geral, enquanto no castelhano ambos os sons são confundidos no som labiodental.

Maria de Fátima de Rezende F. Matias regista numerosos casos de confusão na área de Olivença, como também nas povoações portuguesas de Ouguela, Juromenha ou Campo Maior (Matias 1980-1986: 139-140)

Em Olivença, embora ocorra a distinção, é frequente haver muitas confusões e vacilações mesmo dentro dum único indivíduo. Uma mostra disto são os informantes B e C:

- *Então, agora, o que **vamos a vere**, que, **vês** munto cansado*
(2-C)

- *que me **vô** a casare, com um moço que é como um **cravo**, lindo como um **crabo**.*(3-B)

- *Dô a enhorabuena i **bê-vindo**, por a presbítera saúde que **tiberô*** (4-B)

- *da quale... nos resta grã **deboçã**...*(4-B)

- *ê **vistas** disso, regalarê-te um **espiúgo**, para que **bayas** tranquilo i pises brando.* (6-B)

- *diz o **calbo**- que os **vês vire**? Diz... já, por isso **m'eriçabom** a mim os cabelos.*(7-B)

- *fostes à **bila**, não?*(5-C)

- *quando **taba** dizendo da festa*(5-C)

- *o rapaz aquele que **estaba** lá no despacho...*(5-C)

- *É que ali **agarraba** uma sapata...*(A2)

Em Campo Maior ocorre a distinção, mas dos informantes gravados²⁰ deduzem-se casos de possível confusão, muito mais esporádicos do que em Olivença. Dou os exemplos que me pareceram mais claros, se bem que nem sempre seja fácil apreciar:

- *i é o **conceyo mah rentábel***(9-E)

- *As festas do **pobo**, sim, iss' é da vontade do **pobo***(10-E)

- *I **houb'** uns trabalhadores, que quiserô ir-lhe*(H)

²⁰ Neste ponto preferi deixar de lado o informante D por lhe faltarem dentes, o que pode dificultar uma correcta apreciação da pronúncia. O mesmo fiz com a informante G, pela mesma razão, e com a informante F, por a qualidade da gravação nem sempre ser o suficientemente boa para poder apreciar com precisão..

B) TRACOS MORFOLÓGICOS

(Florêncio 2001: 60-72 e Matias 1980-1986: 160-189)

1.-Artigo

Nasalação do artigo quando precedido de verbo acabado em

nasal

Em Campo Maior aparecem, na informante G, casos de assimilação de verbo acabado em nasal com artigo definido, adquirindo esse tal artigo as variantes *no, na, nos, nas*, de modo análogo a como acontece com o pronome nos mesmos casos²¹:

-*nã ganhavã no suficiente (11-G)*

-*dois i três fiyos, como tinhã nos mês pais (11-G)*

-*todos fizerõ na quarta classe (11-G)*

Contração do artigo definido (ou pronome) com a

preposição a ou para

Segundo Manuela Florêncio, nos trabalhos de Leite de Vasconcelos aparece o fenómeno recolhido em Elvas. Porém, é possível afirmar que ele ocorre em quase todo o domínio galego-português: o contacto entre a preposição *a* ou *para* e o artigo *o* costuma resolver-se em *o* aberto. Assim acontece em casos como *vou ò rio, vou prò quintal*.

Em Olivença o normal é a contração, mas também subsiste a forma plena:

- *i cada um ò sê domicílio a descansar pimporaneamente. (1-B)*

- *foi um que foi ò bayo, i d'zia: fostes ò bayo i nã bayastes (5-*

C)

- *Ò morrer o pai, cinco qu'erom, nã vejas (A1)*

- *ô queres ir ao derêto por as olivêras d'abaxo? (2-C)*

- *Ò dia siguiente alevantámos (1-B)*

Quanto à preposição *para*, é normal aparecer feita a contração: *pò, pà, pòs, pàs*. Não aparecem nas gravações casos tipo *prò, prà, pròs, pràs*, mas isto não quer dizer que não ocorram, dado entrarem dentro da lógica da língua:

- *i tu vas pà cadêa (A2)*

Neste ponto, o português oliventino não se afasta da linguagem popular de toda a área galego-portuguesa.

Em Campo Maior é normal também a contração com *a*, mas nem sempre:

- *mas ò lado dessa dita ponte (D)*

- *temos aqui a frontêra ò pé (D)*

- *juntamente òs melitares antes do vinte e cinco de Abril (E)*

- *Ao campo, ò campo (F)*

- *assim como digo ò senhore (F)*

²¹ O fenómeno aparece também em galego: “son as tres” (o n soa dental, “sonas tres”, não alveolar como é a norma geral) “comen o caldo” (que soaria como “cómeno caldo”)

- *Sêtar ò derêto aquilo era munto duro(H)*

- *i ao fitar dos oyos seus (12-H)*

Quanto à preposição *para*, é frequente a contracção do tipo *prò, prà, pròs, pràs* (contrariamente a Olivença²²), mas também *pò, pà, pòs, pàs*:

- *Deci lá pra baxo, **prò** mare(D)*

- *Fizerõ uma praça **pròs** carros estacionarẽ(D)*

- *Até **prò** ano (9-E)*

- *essencialmente **pò** conceyo (9-E)*

- *quer ir **pò** Café do Menistro (E)*

- *... **pà** Assemblêa da República (E)*

- *tê-nas escolas **pròs** fiyos, tê os coléjos(G)*

- *i depois ia **pròs** sacos (G)*

- ***pòtra** coisa é mas ruim(G)*

- *Nã dá, uma coisa **prà** ôtra (F)*

- *Andê ò contrabando dez ô doze anos **pò** poder manter lá(H)*

- *daqui **pà** minha terra (12-H)*

Contracção com a preposição com

Em Olivença é praticamente unânime a contracção de *com* com os artigos *o, a, os, as*: *co, ca (coa), cos, cas (coas)*.

- *co qu'ê meu, qu'ê o que tê mê marido, podes contar com ele com toda a satisfação i harmonia(6-B)*

- *você nã se pode dêtar **ca** muyere.(2-C)*

- *E andom as rapariga/**ca** perna bela/E a saya curta (2-C)*

- *O que fizemos, **ca** terra? Eh?(5-C)*

- *A gente toda **co** paro, **co** paro (A1)*

Nalgum caso isolado parece não haver contracção:

- *E a mim me gosta falar **cõ os** portugueses(A2)*

No caso do artigo indefinido registei casos de contracção e de não contracção:

- *que me vô a casare, **com um** moço que é como um cravo(3-B)*

- *Vinhã **c'uma** carroça, chêazinha de flores(A2)*

- ***cõ um** fêx' de lêna à cabeça(A2)*

Maria de Fátima de Rezende F. Matias diz serem as formas contractas muito frequentes na linguagem popular não só da zona de Olivença, mas também nas povoações portuguesas vizinhas por ela estudadas (Campo Maior, Ouguela, Juromenha...)

²² Já ficou apontada a possível influência espanhola em Olivença que explique o predomínio de *pa* frente a *pra* ou *para*.

Em Campo Maior a contracção também ocorre, mais sistematicamente com o artigo determinado, como em Olivença²³, mas por vezes ela não é feita:

- Ficarõ **cos** coyões entr'ah pernah(E)
- I a minha vida profissional era **cõ um** carro e uma mula (E)
- porque eu trabalhava na agricultura **cõ um** trator piqueno e uma mula(E)
- I vã vivendo **co** dia a dia e pronto(E)
- a bailarmos as raparigas umas **cas** ôtras...(G)
- A cantarẽ as saias, **cõ as** bandêritas(F)
- tranquilo da vida que ninguẽ se metia **ca** gente(H)
- bati **cos** colhões no fundo (12-H)
- o pão era semeado à mão, **c'uma** foice(H)
- Dexô a mulata i juntô-se **c'uma** marroquina (H)
- Falava (um rapaz) **c'uma** rapariga...(12-H)

Contracção com a preposição em

Aqui parece existir oscilação entre fazer a contracção ao estilo do português padrão e da língua falada em quase toda a área galego-portuguesa (*no, na, nos, nas*) ou aparecer a contracção ao modo “medievalizante” (*eno, ena, enos, enas*), que pode aparecer também quando a preposição contrai com o artigo indefinido ou com demonstrativos: *enaquela, enuma, etc.*

Quanto a Olivença, predomina a variante *eno, ena...*, *enuma, enaquela...*, mas também existe a variante maioritária em galego-português moderno:

- nos hospedámos **ena** residência de Almirante...(1-B)
- eno** Convento das monjjas Hermanitas da Caridadi(1-B)
- Já, **enuma** excursão próxima que faça sobri a Lisboa (4-B)
- vendo as maraviyas qui hai **enaquela** cidade de Fátima (1-B)
- Uma das bezes que estabã três compadres, sentados **numa** estrada (7-B)
- Porque ali **no** cabeça aquele está o romêro, eh?(2-C)
- Atão, o rapaz aquele que estava lá **no** despacho...(5-C)
- e agora teremos que ir a sacar a terra essa que tá **na** estrada(5-C)
- dá um toque, **eno** teléfano (A2)

Maria de Fátima Rezende Matias diz ter recolhido estas formas não contractas, isto é, analíticas, apenas em zona espanhola (Olivença e Vila Real) E, ainda, ela interpreta estas formas como *em na, em uma, em nos...*, e atribui-as à influência espanhola. Do que eu ouço nas

²³ Apesar dos exemplos das gravações, em que tem lugar a contracção, não é estranho que não seja tão sistemática como em Olivença, pois a influência do padrão de Lisboa deve inclinar para ela não ser feita.

gravações dos informante B, A1 e A2, deduzo mais uma realização com perda de nasalidade da preposição *em*: *eno, ena, enos, enas...*

Em Campo Maior apenas aparecem as formas coincidentes com o português padrão:

- ê naci **numa** estrada(D)
- porque nunca **na** minha vida fui à escola(E)
- est'aqui **na** agricultura, aquele **na** agricultura (E)
- escrevia el' sozinho, **no** pote(G)

Não parece necessário dar mais exemplos.

Contração com a preposição por

Aqui a norma geral nos informantes B e C é não fazer contração alguma (*por o, por a, por os, por as*), contrariando assim o uso geral português (que contrai em *pelo, pela, pelos, pelas*):

- fizemos **por a** estrada de Estorili uma excursão (1-B)
- fomos a dar um passeio **por a** Boca do Inferno (1-B)
- donde fizemos estância **por a** noite (1-B)
- I logo, agarremos aí **por a** estrada abaxo (2-C)
- por a** presbítera saúde que tiberom (4-B)
- o que está fazendo **por a** tua fiya (A2)

Maria de Fátima Rezende Matias recolhe também estas formas analíticas, ainda que só as encontre em zona espanhola (Oliveira e Vila Real), explicáveis, segundo ela, por influência espanhola²⁴.

Quanto a Campo Maior não é possível deduzir muita coisa do informante E, por nas gravações não ocorrerem exemplos de possível contração ou não contração. Quanto aos outros informantes, ouve-se com maior ou menor clareza a forma antiquada *polo*, especialmente na informante G:

-...dizê qu'ê a festa dos contrabandistas, **polos** q'...aqui só havia contrabandistas em Campo Maior...(D)

- **polo** campo, **polo** campo!(G)
- agarrô ôtra vida, **polo** que sabia ler alguma coisa(11-G)
- o que a gente faz **polos** fiyos i agora chegado um ponto destes

(H)

Parece, porém, razoável pensar na presença da forma contracta *pelo, pela, pelos, pelas...*, coincidente com o padrão de Lisboa, ao menos em falantes mais novos ou de camadas sociais mais permeáveis à sua influência.

²⁴ Estas formas analíticas sem contração, porém, não são completamente alheias ao âmbito galego-português. Fernández Rei (1991: 68) afirma que "...nunha pequena zona do centro e suroeste de Ourense é total a inexistencia das formas -lo(s), -la(s), mesmo coa preposición por (por o dia, por a noite, vou ver os nenos, vistes os nenos?)"

2.-Substantivo

Formação dos plurais dos substantivos acabados em -l em -

les

Leite de Vasconcelos registou o fenómeno em dois pontos: Tolosa (Nisa) e Grândola, em palavras como *caracoles*, *currales*, *funiles*. Também Maria de Fátima Rezende F. Matias regista o fenómeno na zona de Olivença, bem como em Juromenha.

Nem em Olivença nem em Campo Maior registei este traço nem lembro ter escutado nunca esta formação dos plurais. Porém, não é estranho que, por influência espanhola, especialmente na zona de Olivença, possam ocorrer estas terminações. Provavelmente possam ouvir-se em palavras espanholizadas ou de origem não patrimonial.

Formação de plurais dos substantivos acabados em -ão

Leite de Vasconcelos registou em Tolosa (Nisa) plurais em -*ôs* quando masculinos, e em -*ãs* quando femininos. São casos como *corações*, *limões*, *portões*.

Também não ocorreu este traço nos meus informantes em Olivença nem em Campo Maior.

Apenas, em Olivença, lembro-me de ter escutado casos de extensão analógica do plural -*ões* para terminações em que etimologicamente não corresponde, concretamente no caso da palavra *irmões*²⁵; porém, não foram registados nas gravações. Maria de Fátima Rezende F. Matias aponta o caso de *capitões*, *corrimões*, *cristões*, *ermões* para Olivença.

Conservação do n intervocálico

Traço registado por Leite de Vasconcelos em povoações como Alandroal, Alcácer do Sal, Castro Verde, Mértola, especialmente em diminutivos, em casos como *canito*, *fêjanito*, *manita*, *maçaneira*, *maçanita*...

Não o registei nos meus informantes oliventinos.

No caso de Campo Maior apenas aparece no caso da palavra *ganadêro* (E), caso claro de castelhanismo.

Diminutivos em -ito

Leite de Vasconcelos referiu este fenómeno nas povoações de Alandroal, Alcácer do Sal, Castro Verde e Mértola, ocorrendo em casos como *botanito*, *fêjanita*, *manito*, *canito*.

Apenas registei tal fenómeno numa ocasião, em Olivença, provavelmente por espanholismo:

- *Anita tem tido agayas pa trabayare* (A2)

Em Campo Maior aparece algum caso:

- *A cantarẽ as saias, cõ as bandêritas* (F)

²⁵ No próprio português padrão ocorrem casos parecidos, com dupla possibilidade: *verãos/verões*, *guardiães/guardiões*, etc.

Hipocorísticos

Entre os hipocorísticos, é de salientar a vigência de *Zé*, em Olivença transformado em *Zéi*:

-senhor **Zéi**, dê-nos lombo!(A2)

-ma tu já vês munto cansado, nã **Zéi**!(2-C)

-Fostes à bila, nã, **Zéi**?(5-C)

3.-Pronome

a)Pronomes pessoais

-eu: frequentemente reduzido a *ê*, como já ficou apontado. Maria de Fátima Rezende F. Matias recolheu na zona de Olivença as formas *yo* e *yeu*, que interpreta como cruzamentos entre formas portuguesa e espanhola, que eu nunca ouvi e que não aparecem nas gravações.

As formas oblíquas são *me/mi*, *comigo*, *mim*

-você: aparece como *você* (informante C) ou *vom'cê* (informante A2):

-**você** nã pode bubê vinho (2-C)

- Mas **vom'cê** vê uma moça trabayando cõ afã?(8-A2)

Maria de Fátima Rezende F. Matias refere as formas *vossemecê* (*bossemecê*), *vomecê* (*bomecê*)

Por vezes é possível ouvir qualquer coisa semelhante a um *i* muito relaxado no caso de *você*, especialmente no falante C²⁶:

-**você(i)** nã pode fumare (2-C)

-o sior(e)/o senhor: *o sior(e)*, redução de *o senhor*, tratamento de respeito que recolhi em Olivença. Em Campo Maior registei casos de emprego de *o senhor*, etc.

Assim, em Campo Maior:

-...assim como digo ò **senhore** (F)

-...dêxa falar ò **senhor**, que isto sã coisas sérias!(F)

Como exemplos, em Olivença, de *o sior(e)*:

-donde o **sioire** pode encontrare (3-B)

-os **siores** devertẽ-se, estão a gosto (3-B)

Quanto ao uso das formas de respeito, não se pode deduzir das gravações, e requeriria um estudo mais profundo e pormenorizado, com maior número de exemplos, que ultrapassaria os limites deste trabalho.

Contudo, em Olivença, no texto 2-C, (na história do homem que vai ao médico) o emprego da forma *você* talvez obedeça a decalque do espanhol *usted*:

-**você** nã pode bubê vinho (2-C)

-**você** nã pode fumare (2-C)

E nalgum outro caso, também se observa parecido decalque:

-**vom'cê** sab'rá o que significa essa palavra(A2)

²⁶ Este acrescentamento de *i* seria coerente com o fenómeno geral de paragoge em palavras acabadas em –*é*, como *Zéi* ou *ch'inéi*.

-ele: Pode apresentar as variantes *eli* ou *el'* a última por elisão vocálica em fonética sintáctica:

- el' dexô os monipólios da terra i da indústria (E)*
- i fui ò monti onde el' trabayaba(A2)*
- E quẽ vistis, algum delis, não?(A2)*
- escrevia el' sozinho...(11-G)*

-vós: Nunca se emprega, a semelhança do que acontece no português padrão e no português falado de quase todo Portugal, a não ser no Norte do país.

No seu lugar ouvi *vocessis* (informante C, em conversa não gravada), *vom'cês* e *vocês*:

- *Vayã vom'cês que bom corpo tẽ (A-2)*
- *Nã me dêxã falare, tã vocês as duas (A-1)*

Como formas oblíquas de *ele*, *você/vom'cê*, *o sior(e)* temos *le* em Olivença, (para complemento indirecto)forma maioritariamente ouvida e registada, se bem que também há casos de *-ye*:

- Pois agora regalo-le o café (A2)*
- que a mãã mãe le davõ a luz grátis (8-A2)*
- i dar-le a Espanha catorze unções (4-B)*
- si dexava satisfazê-li o paladar (6-B)*
- i o médico disse-ye (2-C)*

Segundo Manuela Florêncio, Leite de Vasconcelos registou *le* em Elvas e Alandroal, em casos como *dô-le*. Maria de Fátima Rezende F. Matias também registou esta forma (*digo-le*)

Em Campo Maior registei casos de *ye*:

- *Você ou lavra esta terra ou tiro-ye(E)*
- chamavã-ye os cantos de baxo (11-G)*
- mas já ye morrê a muyere (11-G)*

Mas no iformante H sempre *le*, como em Olivença. Talvez não seja alheia a essa peculiaridade a origem do informante (Fronteira):

- ...do vapor le disse adeus (12-H)*
- *I ela cantô-le assim(12-H)*
- ...cantô-le assim (12-H)*
- *Eu...vô-le dizere(12-H)*
- *Minha mãe tô-le a escrever(12-H)*
- *Dos Açores tô-le a mandare(12-H)*

Para complemento directo algumas formas possivelmente espanholizadas são *lo*, *la*, *los*, *las*, que aparecem, uma vez por outra, nas gravações dos informantes oliventinos:

- Foi a casa, lo contô à muyere (2-C)*
- *mãã ermã Carmen, lo que cantava(A2)*
- tu lo sabes (A2)*

Maria de Fátima Rezende F. Matias inclina-se, nestes casos, por os considerar exemplos de espanholismos.

Ocasionalmente nas gravações feitas em Olivença parece ouvirem-se formas como *no*, *na*, precedidas de nasal, comuns em português clássico e popular, mas que nem Maria de Fátima Rezende F. Matias nem Manuela Florêncio recolhem:

- *iss'era bonito, digã **no** que quêrã(8-A2)*

- *senã nã **na** tinha (8-A2)*

Em Campo Maior, na informante G, este traço é sistemático, quer quando a forma nasalada vai seguida de pronome, quer quando vai seguido de artigo, como já foi indicado anteriormente.

b)Pronomes possessivos

-meu, teu, seu: já vimos como por monoptongação ficam reduzidos a *mê, tê, sê*.

Maria de Fátima Rezende F. Matias recolhe outras formas, provavelmente espanholismos, não apenas em Olivença, mas também em Juromenha e Campo Maior: *tu, su (foi a ver tu nora, su irmã, a su neta)*. Nunca escutei estas variantes, nem aparecem nas gravações.

-minha: Maria de Fátima Rezende F. Matias refere a existência corrente duma forma com aférese, *nha*, que também nunca escutei.

Em ocasiões, em Olivença, o *nh* de *minha* quase não soa, mas fica uma nasalidade. A forma que parece escutar-se, então, é semelhante à brasileira (e arcaizante) *mãa* (ou, talvez, *mia*), especialmente quando vai unido à palavra *mãe*:

- *Mãa mãe tinha cadêas de prata(A2)*

- *i gracias que à **mãa** mãe le davõ a luz grátis (8-A2)*

- *Mãa mãe, cinco fiyas, cinco medayas (8-A2)*

- ***mãa** ermã Carmen, **mãa** ermã Carmen, lo que cantava(A2)*

c)Pronomes indefinidos

-todo/tudo: Segundo Maria de Fátima Rezende F. Matias, na zona de Olivença ocorre, por vezes, *todo*, quando devia ocorrer *tudo*.

Os meus informantes oliventinos distinguem, normalmente, *todo* de *tudo*:

- *que estô disposto a engolir **tudo** quanto daí o venha(6-B)*

- *para que **tudo** fique ã alegria i conformidade (6-B)*

- *poderias ter andado*

- *me chama fêa, me chama **tudo** o que quere(A2)*

- *tinã que vender **tudo**, pa comerẽ(A1)*

Existem casos de confusão, no informante C, em que a não distinção parece um traço geral, explicável, indubitavelmente, por influência espanhola. Este informante apenas emprega *todo*:

- *salta por riba das pedras, por as moitas, i por **todo** (2-C)*

*-andemos por **todo** (2-C)*

*-poderias ter andado **todo** ao derêto (2-C)*

Em Campo Maior, a distinção parece o traço geral, segundo se deduz dos exemplos que aparecem nas gravações:

*-Nã semêiã, tá **tudo** a pousio (D)*

*-em Campo Maiore? **Tudo!**(D)*

*-ele pagava **tudo** (D)*

*-Q'ando amanhece, tá **tudo**...(G)*

*-é **tudo** ramada, **tudo** ramada(D)*

*-...a idade perde **tudo** (G)*

Não parece necessário dar mais exemplos.

4.-Morfologia verbal

4.-1.-Verbos regulares

Presente indicativo

Já ficou apontada a monoptongação, em Olivença e Campo Maior, das desinências verbais de terceira pessoa de plural –*am*, –*em* átonos, que costuma derivar em –*ã/-õ*, –*ẽ* (*falã, falõ, andõ, comẽ*)

Na primeira pessoa do plural dos verbos da primeira conjugação, a terminação –*amos* passa para –*êmos*, traço que Maria de Fátima Rezende F. Matias regista e que é universal nos meus informantes em Olivença, se bem que o não tenha registado em Campo Maior. Deste fenómeno já falámos com anterioridade.

Também há um exemplo parecido, neste caso com um verbo da terceira conjugação, *partir*, em que o *i* aparece muito aberto.

*- até o dia seguinte, que **partêmos** já(1-B)*

Pretérito imperfeito simples

Análoga monoptongação acontece na terceira pessoa de plural (*davõ, falavõ, andavõ/davã, falavã, andavã*)

Pretérito perfeito simples

É o tempo verbal com maior número de variantes:

Primeira pessoa singular

Leite de Vasconcelos registou em numerosos pontos do Alentejo (Elvas, Alandroal, Évora, Beja...), na primeira conjugação, a terminação –*i* em lugar da canónica –*ei* em formas como *andi, mandi, janti*.

Maria de Fátima Rezende F. Matias refere os casos de *janti, di* (*e jantê, dê*)

Leite de Vasconcelos registou também estas formas, mas nasaladas, bem como as dos verbos da segunda e terceira conjugação, em Gavião e Avis: *andim, trabalhim, vim, corrim, comim, oivim...*

Pessoalmente, nunca escutei estas variantes, nem aparecem nas gravações em qualquer dos pontos estudados. Por contra, indistintamente em Olivença e Campo Maior:

*-ê **pensê** que é andava menos ca ti (2-C)*

- estudiarõ e **comprê** esta casinha (A2)
- esta casa a **comprê** cõ munta esclavitú (A2)
- i antão, pronto, **fiquê** assim (D)
- é assim que ê falo, como **falê** agora (E)
- Passê** à tua porta/**Levantê** asas i vi(F)
- Oye, ê aprendi i **cêfê** munto (G)
- Fiquê** aqui a trabayare (H)

Segunda pessoa singular

Costuma aparecer um –s analógico com outros tempos verbais: -*ste*>-*stes*: *lavastes/lavastis, fugistes, fuistis* (exemplos de Maria de Fátima Rezende F. Matias)

Em Olivença a mudança é sistemática:

- o dia que **fostes** a Portugale(2-C)
- fostes** ò bayo i nã **bayastes, tubestes** o pássaro na mão e to **dexastes** abalare (2-C)

-i como **escapastes** lá cõ ele?(5-C)

-i quẽ **vistis**?(A2)

Em Campo Maior aparecem exemplos nos informantes:

- Nõ **nacestes** para mim(F)
- Pegastes** um par de coices (12-H)
- Partistes** as ferraduras (12-H)

Terceira pessoa singular

Ocorre sempre a monoptongação (em Olivença e em Campo Maior), como já vimos, na primeira conjugação: *mudô, estudiô, ficô*... Na segunda conjugação, como também ficou apontado, ela pode ocorrer ou não: *comê, vivê/comeu, viveu*.

Terceira pessoa plural

Acontecem as mesmas monoptongações (em Olivença e em Campo Maior), nas três conjugações, que no presente e no pretérito imperfeito simples, e que já foi referida, em casos como *tiberõ, ficarõ, puserõ*, etc.

Futuro indicativo

Para além da monoptongação do ditongo *ei* da primeira pessoa do singular, Maria de Fátima Rezende F. Matias refere a ausência de *tmese* quando conjugado com um pronome, dando como exemplos *darê-te, verá-se*.

Em Olivença aparece um exemplo no informante B:

- regalarê-te** um espiúgo para que vayas seguro e pises **brando**(6-B)

O futuro do indicativo é tempo pouco usado na fala popular, não só nas povoações de Olivença ou em Campo Maior, mas em todo Portugal. Também nestas duas povoações preferem as formas perifrásticas

vou (a) mais *infinitivo*. Mesmo assim, vemos que o futuro não é desconhecido.

Condicional

Podemos dizer o mesmo em relação ao condicional, dando como exemplos, Maria de Fátima Rezende F. Matias, da ausência de *tmese*, os casos de *daria-me* e *comeria-os*.

Também registei um exemplo no informante B, em Olivença:

- *daria-te pra cantar i bayar uma chotici!*(3-B)

Infinitivo impessoal

a) Paragoge: É traço universal, quer em Olivença, quer em Campo Maior, de que já falámos.

b) Supressão de -r final:

Traço que Maria de Fátima Rezende F. Matias registou na zona de Olivença, e também em Ouguela e Juromenha.

Registei-o no informante C, em Olivença:

- *você nã pode **bubê** vinho* (2-C)

- *nã posso **bubê** vinho*(2-C)

- *eu como alcaide pôs tive que **mexê-me***.(5-C)

Em Campo Maior há um caso duvidoso (pode dever-se, antes, a um defeito articulatório, erro ou pronúncia relaxada da informante):

- *Fazê dôs meses d'azêtona* (G)

Parece provável a sua origem castelhana, por ser típico do castelhano falado na Extremadura e, ainda, na Espanha meridional de fala castelhana, insólito em português.

4.-2 Verbos irregulares

Ser

Som: variante registada por Leite de Vasconcelos em Salvada (Beja) e Almodôvar, não registada nem ouvida nunca por mim em Olivença ou em Campo Maior²⁷.

Semos/samos: registado por Vasconcelos em Alandroal, também por Maria de Fátima Rezende F. Matias na zona por ela estudada. Em nota a rodapé afirma que esta forma se ouve um pouco por toda a parte, na linguagem popular portuguesa.

Não aparecem exemplos nas gravações, e não lembro ter ouvido outra variante do que *somos*.

Sã/sõ: devido à monoptongação de *são*, fenómeno que já foi tratado.

Ter

Tênho, tês, tẽ: variantes já analisadas.

tẽ (têm):

Em Olivença:

²⁷ Cfr. Galego *son*.

-Vayã vom 'cês que bom corpo tẽ(A2)

Em Campo Maior:

-ficarõ cos coyões entr'as pernas i nã tẽ nada(E)

- tẽ nos desempregos, tẽ nas escolas pròs fiyos(G)

Tubestes: Maria de Fátima Rezende F. Matias recolhe a forma *tuvi (estive)*, do verbo *estar*, mas não a correspondente do verbo *ter*. Parece, em todo o caso, forma suspeitosa de espanholismo²⁸ a ouvida por mim em Olivença:

-tubestes o pássaro na mão i to dexastes abalare (5-C)

Haver

Hai: Maria de Fátima Rezende F. Matias diz ser variante própria da linguagem popular de todas as povoações por ela estudadas. Leite de Vasconcelos registou-a em Elvas e Alandroal.²⁹

Aparece nos meus informantes, quer oliventinos, como forma única, quer campomaiorenses, aqui em forte concorrência com a forma canónica *há*:

-já hai uns aninhos que me passô a trombose (D)

-i hai uns bilhetes de dez francos, umas moedas (D)

-mas ò lado dessa dita ponte, hai um parque (D)

-pronto...hai postos de trabayo(D)

- ha(i) munto boas idê(i)as (G)

-vendo as maraviyas qui hai (1-B)

-Ai mas arriba hai ôtra fonte (2-C)

-porque hai ao menos dezassete kilómetros (2-C)

-isto hai que ire ao Almazê d'Elvas (3-B)

-pronto, hai postos de trabayo...i nã sê quanto (9-E)

Registei, porém, em Campo Maior, casos de *há*:

-há um descontentamento... abertamente há descontentamento

(E)

-porque há pessoas que ainda hoje vivẽ...(E)

- nã chigava i há quẽ tinha a casa ch' d' gente...(G)

- uma já tava casada há mais tempo(G)

- Há pessoas que vẽ de munto longe(G)

- Já há cinquenta i sete anos que 'stamos casados...(H)

Dar

Dêia: Recolhida em Alandroal por Leite de Vasconcelos, Maria de Fátima Rezende F. Matias considera-a própria de todas as povoações por ela estudada³⁰.

²⁸ Cfr. Galego *tuven, tuveche...*

²⁹ É a forma da prática totalidade das falas galegas. Se compararmos com a forma portuguesa *há* e a castelhana, *hay*, podemos suspeitar ser espanholismo.

³⁰ Cfr. Galego *dea/deia, deas/deias...*

Só tenho exemplos da informante oliventina A2, em que não ocorre esta variante, mas a forma padrão:

-*senhor Zéi! Dê-nos lombo!*(A2)

-*Nã quer' qu' o dia d' amanhã me dê nas narizes*(A2)

Andar

Andive, andiveste...: Leite de Vasconcelos registou estas formas em Alandroal. Maria de Fátima Rezende F. Matias considera-as próprias das gerações mais velhas na zona estudada.

Não lembro ter escutado estas variantes não regulares do verbo andar³¹ em Olivença; em Campo Maior, porém, apareceu um exemplo na informante G:

-*Ê andive descalça até os dez anos...andive descalça...*(G)

Ir

Vom: forma que Vasconcelos regista em Salvada (Beja), S. Bartolomeu, Via Glória e Almodôvar. Maria de Fátima Rezende F. Matias não a regista.

Nos meus informantes sempre *vô*:

-*que me vô a casare cõ um moço...*(3-B)

Vas: Rezende F. Matias refere-a como própria da linguagem popular, como *vaya, vayas, vaya...*

Registada, em Olivença, na informante A2.:

-*vas para casa sã ciare!* (A2)

Em Campo Maior, nos informantes G e H:

- *I el' disse-me: vas(...) vas, aprendes i cêfas*(G)

-*tã longe me va(i)s ficando* (12-H)

- *Digo-l' eu, pa' donde vas?*(H)

Inha, inhas...: Leite de Vasconcelos regista-a em Alandroal, Maria de Fátima Rezende F. Matias não a recolhe. Também não aparece em nenhum dos informantes de Olivença nem de Campo Maior³².

-*O dia que tu ias a Portugale...*(2-C)

-*e senã ia à cama cõ um sapato* (A2)

-*eu ia lá porque estava à frente dos pequenos i médios agricultores* (E)

-*i depois ia pròs sacos* (G)

Vaya, vayas...³³: forma pronunciada com *yeísmo* à extremenha, única conhecida pelos informantes oliventinos nas minhas gravações, e que Maria de Fátima Rezende F. Matias refere como próprias da linguagem popular sem especificar se apenas nas povoações espanholas ou, também, na zona portuguesa do seu estudo. Não ocorrem exemplos nos

³¹ Cfr. Galego dialectal *andive/anduve, andiveste(s)/andiveche(s)/anduveche(s)...*

³² Cfr. Galego dialectal *iña, iñas, iña* (na ortografia oficial) (Fernández Rei 1991: 97)

³³ Cfr. Galego *vaia, vaias, vaia...*

informantes de Campo Maior. É provavelmente um castelhanismo³⁴, e Maria de Fátima Rezende F. Matias diz estarmos perante casos de interferência das formas espanholas.

-*para que bayas tranquilo i pises brando!* (6-B)

-*i já quando se baya aproximando a hora* (4-B)

Ouvir

Ôvisto: Maria de Fátima Rezende F. Matias considera este participio corrente na linguagem popular portuguesa. Leite de Vasconcelos registara-a em Alandroal.

Não aparece nas gravações nem ouvi nunca esta variante em Olivença

Viver:

Veve, veves...vevê: Maria de Fátima Rezende F. Matias recolhe na zona as formas com alternância vocálica *vivo, véves, vévi, vivemos, vévem*.

O único exemplo em que ocorre esta variante é a frase pronunciada pela filha do informante B, que serve neste caso como testemunha, não só porque, apesar de ela ter estudado numa escola de línguas, o português que fala é em quase tudo o que se fala em S. Jorge de Alor, mas porque o facto de ser variante que se afasta do padrão português (em que não existe alternância vocálica) diz em favor da sua autenticidade:

-*Vévê do paro!*(8-A2)

Instruir

Instruye: aparece castelhanizado na informante A2:

-*a televisión instruye munto!*(A2)

Vir

Vêo: Recolhida nalguns casos em Olivença:

-*Vêo o Quini... vêo o ôtro piqueno e disse:* (A2)

-Vê: em Campo Maior:

-*Há pessoas que vê de munto longe* (G)

Trazer

Truxe: Registada também por Maria de Fátima Rezende F. Matias, para além de *trôxémos, trôvémos, trôguémos, trôxérõ, trôvérõ, trôguérõ*³⁵.

Apenas num caso, em Olivença:

-*ê truxe uma virggen* (A2)

Dezer

Em Olivença com frequência *dizer* passa para *dezer*, fenómeno de que falámos anteriormente. O mesmo acontece com as suas pessoas em que a vogal inicial é átona: *dezia/d'zia, dezendo/d'zendo*, etc³⁶

³⁴ Cfr. Espanhol *vaya, vayas, vaya...*

³⁵ Cfr. Galego falado: *trougen, trougeche(s), trougo, trouguemos...*

³⁶ Cfr Galego dialectal: *decer*. (Fernández Rei 1991: 93-95)

4-3.-Contacto entre verbo e pronome

Já falámos da ausência de *tmese* nos casos em que o pronome entra em contacto com verbos em condicional ou futuro de indicativo (*farei-o, levarei-o, faria-o*³⁷)

Quando a forma verbal acaba em nasal, o pronome nasaliza, como em português padrão: *levã-no, comẽ-no*, etc.

Porém, existem outros casos que Leite de Vasconcelos recolheu em Tolosa (Nisa), em que o pronome nasaliza em contacto com formas verbais. Estas formas, se bem que em português padrão não estejam nasalizadas, dialectalmente podem ocorrer nasalizadas³⁸ e produzir a nasalização do pronome: *troce-na, trove-na, ê comi-nas, ê bebi-no, ê comprei-na, bi-na, bebi-na, ê vi-nas aí, ele chamo-na*...³⁹

Nem Maria de Fátima Rezende F. Matias recolhe estas formas, nem eu nunca as escutei.

4-4.-Contacto entre advérbio não e verbo

É frequente a elisão vocálica entre o advérbio *não* seguido de verbo que comece por vogal, especialmente *haver*.

Em Olivença⁴⁰:

-*n'havia pagas!*(A2)

-*A Mari inda n'abalô* (A1)

-*Nê Reyes nê nada! Aqui n'hai um duro!*(A2)

Em Campo Maior sem contracção, mas em todo o caso *não* reduz a *nã*:

-*Dantes nã havia libredade...*(G)

-*...nã havia mais distracções* (G)

-*trabayar na agricultura, nã é?*(H)

5.-Advérbios

Lugar

Drento⁴¹: em Olivença concorre com *dentro*.

-*mas logo entra lá mas pa drento* (A2)

-*metê-lo drento* (4-B)

-*pa dentro, pa dentro!*(A2)

-*aí deta pa lá pá pa dentro da carretiya!* (5-C)

Em Campo Maior, só registei *dentro*:

-*Dali pa dentro é o Mónaco* (D)

Maria de Fátima Rezende F. Matias regista *drento* em Ouguela.

³⁷ Cfr. Galego *fareino, levareino, fáriao*.

³⁸ Ver mais acima, o caso de *andim, falim*, etc.

³⁹ Cfr. Galego *tróuxena, eu cominas, eu bebino, eu compreina, vina, bebina, eu vinas aí, el chamouna*...

⁴⁰ Cfr. Galego, onde são muito frequentes estas contracções: *n'hai, n'había, n'o sei*...

⁴¹ No galego falado na zona de Sárria (Lugo) *drento* é forma muito comum.

Adentro: Nos exemplos gravados é difícil saber se ocorre esta variante, por ir sempre precedida da preposição *para* (*pa*), o que dificulta saber se é *dentro* ou *adentro*.

Donde: por *onde*, forma com a que concorre⁴², com vantagem para a primeira, em Olivença:

- I foi ò monte **donde** el' trabayaba (A2)*
- viemos a 'sperar à Estufa Fria, **donde** jantámos (1-B)*
- donde** tá o mê neto?(A2)*
- donde** o mê amor se esconde (2-C)*
- Onde** fostis?(8-A1)*
- donde** fostis?(8-A2)*

Em Campo Maior existe algum exemplo de *donde*, no informante H:

- ...por **donde** ê ténho andado (12-H)*
- Digo-l' eu, pa '**donde** vas?(H)*

Arriba, por *riba*⁴³: Maria de Fátima Rezende F. Matias recolhe-a, para além das povoações de Olivença, em Ouguela.

Em Olivença, aparecem vários casos:

- Aí mas **arriba** hai ôtra fonte (2-C)*
- ô chegaremos enté lá mas **arriba** (2-C)*
- salta **por riba** das pedras, por as moitas i por todo (2-C)*

Não ocorrem exemplos nos informantes de Campo Maior.

Baxo, debaxo, pa baxo: já vimos estes casos ao falarmos dos traços fonéticos.

Ali/alê: já vimos a estranha nasalização deste advérbio e as suas possíveis relações com *além*, que aparece nalguns falantes (informantes B e A1, também na filha do informante B)

Tempo

Despois⁴⁴/òdespois: em Olivença:

- Despois** de fêto em chicharrões (4-B)*
- òdespois** saímos (1-B)*

Em Campo Maior, registei *depois* ou *depôs* (*d'pôs*), e um caso de *despôs*:

-*A coisa já se equilibraba, mas **depois**, começaram as coisas a aumentar (D)*

- Agora, **depôs** do vinte e cinco de Abrile (D)*
- Aparte dos cafés Delta, que aparecerão **depois**...(9-E)*
- mê pai era do campo, mas d'pôs passô...(11-G)*
- despôs** foi prà tropa (11-G)*
- depôs** mê pai batia-me munto (H)*

⁴² Deve ser forma popular em todo Portugal, eu escutei-a a uma pessoa idosa na cidade do Porto.

⁴³ Cfr. Galego *arriba*, *por riba de*

⁴⁴ Cfr. Galego *despois* (dialectalmente *depois* e *depôs*)

Maria de Fátima Rezende F. Matias regista *despôs e adepois* na zona espanhola do seu estudo.

Amanhẽ: Já foi estudado ao falarmos dos traços fonéticos.

Atão/ãtão: Também já foi estudado.

Quantidade

Mas/ma(h)/mai(h): muito frequente, como já vimos.

Mũ/mũĩ/munto: Maria de Fátima Rezende F. Matias recolhe-a na zona espanhola do seu estudo. Eu tenho-a escutado em Olivença, em frases como:

-é **mũ** bonita(Olivença, conversa não gravada, 1985)

-tínhamos tudo **mũĩ** severo... as mães erã munto...**mũĩ** severas(A2)

Em forte concorrência com *munto*, presente em Olivença e em Campo Maior:

-vês **munto** cansado, nã Zéi?(2-C)

-hoje nos cai **munto** longe ir ao monte (2-C)

-i atão, **munto** tuno...(6-B)

-Mãe mãe tinha cadêas de prata, **munto** bonitas(A2)

- Mas tu, Jjúlia, tu falas **munto** bê, nã digas que nã(A2)

-Agora sai **munto** cara, porque vẽ cantores.(D)

- Campo Maiore é uma vila **munto** viva, é uma vila cõ pessoas *munto* honestas(E)

-a cabeç' inda tá **munto** boa (11-G)

Pocachinho: Maria de Fátima Rezende F. Matias diz ser própria da linguagem popular. Registei um exemplo em Campo Maior:

-Ganhando **pôcachinho**, se nã aumentassẽ as coisas, a coisa *marchava*(D)

Modo

Assim: Maria de Fátima Rezende F. Matias considera-a própria da zona espanhola. Já nos referimos a ela anteriormente.

Negação

Na, nã, no, nõ, não: Já o estudámos ao falar das monoptongações.

Aqui apenas irei salientar o facto de ocorrer na sua forma plena (*não*), quer em Campo Maior, quer em Olivença, quando o advérbio, no seio da frase, aparece fonicamente acentuado, normalmente quando vai isolado ou em frases exclamativas.

-**não**, assim como digo ao senhore (F)

-**não, não!** Algo le passa ò Jjoaquin (A2)

Nunca: com o significado de *não/nã*. Maria de Fátima Rezende F. Matias diz ser corrente na zona por ela estudada. Em nota a rodapé assinala também ter ouvido este *nunca* com o significado de *não*, em pontos do Alentejo como Estremoz ou Évora.

Leite de Vasconcelos recolhe este uso em Avis, Santiago de Cacém, Ervidel, Beja, Serpa, Castro Verde, Mértola...

Pessoalmente não lembro ter escutado em Olivença (mas é fácil passar inadvertido) Apenas nas gravações de Campo Maior aparece este emprego de *nunca* num possível caso:

-mas **nunca** se compara cõ Campo Maiore (D)

Afirmção

Si: Maria de Fátima Rezende F. Matias refere-a como própria da zona espanhola do seu estudo, e parece suspeitar a sua origem espanhola, ao confrontar com o espanhol *sí*. Leite de Vasconcelos regista-o em Vila Viçosa.

Em Olivença registei *si* e *sim*:

- ó, neta, neta, tu **sim** mas i atão eu(3-B)

- **Si**, nã habia tanta pedra(2-C)

Em Campo Maior aparecem casos de *sim* com nasalidade dificilmente perceptível:

-As festas do pobo, **sim**, iss' é da vontade do pobo (10-E)

-**Sim** senhore!(G)

Tamẽ(ĩ): variante, aliás, muito comum em português coloquial ou popular.

É a única forma empregue pelos meus informantes oliventinos:

- *tẽ* que haber munta esparraguêra **tamẽĩ**(2-C)

-mah **tamẽ** me disse que nã me podia detar contigo (2-C)

-Logo **tamẽ** pode ir a uma sala de festa(3-B)

-A esclavitu do tê pai, **tamẽ** foi munto fêa (A2)

O mesmo acontece em Campo Maior:

-I o comboio vai lá **tamẽ** (D)

-oye isso é o que mas fiz **tamẽ(ĩ)**(H)

-Mas **tamẽ(ĩ)** andê por aí...(H)

Excepcionalmente há um caso de *também*, no informante H, mas ocorre numa cantiga (já vimos que a linguagem duma cantiga não é de todo fielmente representativa do falar da pessoa que a canta ou diz, por ser um discurso fixo que permanece invariável na sua estrutura, bem como, relativamente, nas variantes linguísticas que podem permanecer fossilizadas)⁴⁵:

- I para mê pai **tambẽĩ** (12-H)

⁴⁵ Pense-se no que acontece com os romances, muitos dos quais de origem castelhana. Apesar de terem sido adaptados à língua de recepção conservam, muitos, castelhanismos. Mesmo alguns ainda se cantam em castelhano, especialmente em zonas fronteiriças. No caso da Galiza ainda é mais claro: a maioria dos romances são cantados popularmente em castelhano, se bem que em muitos deles se observe já o começo duma certa adaptação para a língua do intérprete.

6.-Preposições e locuções prepositivas

Anté, enté: formas exclusivas com que os meus informantes oliventinos conhecem a preposição *até*, de que já falámos. Maria de Fátima Rezende F. Matias recolheu essa variante em Elvas.

Até, ‘té: A última é considerada por Maria de Fátima Rezende F. Matias como própria da língua popular. Não a registei em Olivença. Também não em Campo Maior, onde só ocorreu a forma plena:

-*Até Palma de Mayorca me levô (D)*

-*Até prò ano! (E)*

-*pôs até que morreu foi fiscal da Câmbra (11-G)*

Para, pra, pa: Já vimos como o mais frequente são as formas reduzidas e como *pa*, registada em Campo Maior ao lado de *pra*, é mais comum em Olivença, sendo *pra* mais frequente em Campo Maior. Isto alerta-nos para um possível castelhanismo, pois que, sendo *pa* forma possível em português, parece a sua expansão ter sido favorecida pela forma espanhola *pa*, única forma reduzida de *para* (em espanhol não existe *pra*). Com efeito, Maria de Fátima Rezende F. Matias regista *pa* sobretudo nas povoações espanholas do seu estudo.

7.-Conjunções e locuções conjuntivas.

Pois, pôs: Já vimos a concorrência destas formas ao falarmos da monoptongação no caso do ditongo *oi*.

Ca: a conjunção comparativa *ca* foi registada por Leite de Vasconcelos em Alandroal. Maria de Fátima Rezende F. Matias considera-a sinónimo, em linguagem popular, de *do que*⁴⁶.

Esta conjunção, cuja origem parece estar na conjunção comparativa latina análoga *quam*, foi registada por mim em Olivença e Campo Maior, em ambos os casos regendo a forma oblíqua do pronome:

- *Ê pensê que ê andaba menos **ca ti**, i ando maih **ca ti!**(2-C)*

- *i sã amigos da infância, sã mais veyos **ca mim**(E)*

- *Mas tu és... já és mas nova **ca mim** (G)*

Nĩ: Nalguma ocasião, *nẽ*, em posição átona, pode soar *nĩ*. É o caso do informante H, em Campo Maior:

- *Eu nõ ténho pai **nĩ** mãe/**nĩ** nesta terra parentes.(12-H)*

Mais: Leite de Vasconcelos documentou em Alandroal o uso de *mais* como conjunção adversativa *mas*.

Este traço aparece registado várias vezes ao informante H:

- *Ê nõ sê ler **nẽ** ‘screvere, **mai(s)**, deitê uma carta a minha mãe(12-H)*

- *A gente nõ podia falar, **mais**, nõ havia... a gente ia pa todos os lados... (H)*

⁴⁶ Cfr. Galego *ca* em exemplos como *é máis vello ca min, é mais novo ca ti...*

8.-Interjeições

Tomara: em Olivença, na informante A2:

-Tomara eu ter os fijos como vom'cê agora os tẽ...! tomara eu...!(8-A2)

Pronto: registada nos informantes campomaiorenses, não em Olivença:

-i antão, pronto! fiquê assim! D)

-pronto, hai postos de trabayo...i nã sê quanto (9-E)

-meteu-o num escritório i pronto! (11-G)

9.-Espanholismos morfológicos

Muitos dos fenómenos que a seguir vão ser enunciados já foram tratados com anterioridade. Limitar-me-ei a uma breve referência quando já se tenha falado de um dado traço.

9-1.-Artigo

Maria de Fátima Rezende F. Matias fala, ao lado das formas do artigo comuns ao português padrão, dumas formas como *lo, la, uno, una* que ocorrem, predominantemente, nas povoações espanholas, mas também uma vez por outra em Campo Maior e Ouguela, que ela explica nalguns casos como espanholismos, noutros como arcaísmos.

Nunca registei estas formas em Olivença ou em Campo Maior, nem lembro ter escutado nada semelhante.

Maria de Fátima Rezende F. Matias considera espanholismos algumas formas analíticas, em que a preposição *por* ou *em* não contrai com o artigo: *por o, por a, eno, ena, enuma...* sobre que já falámos anteriormente.

9-2.-Substantivo e adjetivo

Formação do plural: substantivos acabados em -l

Plurais de tipo *animales, funiles, currales*, já foram registados, como vimos, por Leite de Vasconcelos, bem como na zona de Olivença e em Juromenha por Maria de Fátima Rezende F. Matias.

Também não registei estes fenómenos, como já disse.

Pluralia tantum

Maria de Fátima Rezende F. Matias diz apenas ter recolhido um caso do que ela denomina como *pluralia tantum*, em Juromenha: o substantivo *narizes*, confrontando-o com o espanhol *narices*.

Este mesmo caso, provavelmente influência espanhola, registei em Olivença:

-Nã quer' qu' o dia d'amanhẽ me dê nas narizes, que nã estudiô ele!(A2)

Plurais analógicos

A mesma autora menciona plurais analógicos a *vez-vezes, noz-nozes: cozes, pozis, mozis, rezes, rinzes, vomecêzis...*

Apenas recolhi o caso de *vocêssis*, ao informante C (conversa não gravada)

Mudanças de género

A mesma autora refere mudanças de género que apontam para a influência espanhola: *o nascente, o arvo, o language, o viage, o ponte, a risa...*

Eu registei apenas algumas mudanças de género, em Olivença, como *a risa (A2), o viage (filha do informante B), as narizes(A2)* no seguinte exemplo:

...me dê nas narizes, que ã estudô ele!(A2)

Em Campo Maior apenas registei feminino no caso de *risada*.

Conservação de -n- intervocálico

Apenas registei este fenómeno num caso em Campo Maior, claro castelhanismo, na palavra *ganadêro*.

Diminutivos em -ito

Somente o registei no caso do nome próprio *Anita*, provavelmente por espanholismo, em Olivença.

Em Campo Maior registei dois casos:

-Mudou, mudou um bocadito, mudou...(D)

- A cantarẽ as saias, cõ as bandêritas...(F)

Penetração do sufixo castelhano -ción⁴⁷

A terminação portuguesa correspondente ao castelhano *-ción* é *-ção* (Cfr. Esp. *nación, operación, televisión/nação, operação, televisão*) No português de Olivença registei em alguns casos, em palavras cultas ou não patrimoniais, a penetração deste sufixo, normalmente em plural: *operações, televisión/televisões, vacaciões...*

Graus do adjetivo

Maria de Fátima Rezende F. Matias afirma que correm paralelamente formas analíticas e sintéticas de comparativo: *maior e más grandi; melhor e más bom; pior e más mau...*

Registei apenas, em Campo Maior, *mais pequeno*:

-uma terra mas pequenina(D)

-aquela é mais pequena que esta(D)

-é o conceyo mas pequenino(D)

9-3.-Pronome

Pronomes pessoais

Já falámos dalgumas formas como *le* e *lo*, pronomes de complemento indirecto e directo, respectivamente, atribuíveis provavelmente, ao menos a segunda dessas formas, a espanholismo.

Le pode ser atribuível a arcaísmo ou dialectalismo, pois existe noutros pontos do país.

⁴⁷ Cfr. Galego *-ción/cións*.

Pronomes possessivos

Também já ficou apontada a referência que Maria de Fátima Rezende F. Matias faz aos pronomes *tu, su*, possíveis espanholismos que eu nunca registei em Olivença, como também não em Campo Maior.

Pronomes indefinidos

O emprego de *todo*, quando é de regra *tudo*, que registei nalgum dos informantes oliventinos, também pode ser considerado espanholismo claro.

Maria de Fátima Rezende F. Matias regista *qualquera* e *quaisquera*, também, diz, de feição espanhola.

Em Olivença registei um exemplo de *qualquera*:

-*i que hoje vês tu **qualquera** que diga...*(A2)

Em Campo Maior registei um outro exemplo:

-*tê dificuldades como ôtra vida **qualquera*** (E)

-*drumo ã **qualquera** cabana* (H)

9-4.-Verbo, advérbio, preposição

Vou apenas referir os casos de que já fomos falando, possíveis espanholismos: *tubestes* (verbo *ter*); *vas, vaya, vayas vaya...* (verbo *ir*); *bubê* (supressão *-r final*); *hai* (verbo *haver*), entre os verbos; *mũ, si*, entre os advérbios; *pa* entre as preposições...

9-5.-Outros espanholismos

Advérbios e locuções adverbiais:

-Ao dia seguinte: por *no dia seguinte* (cfr. *Esp. Al día siguiente*): *ò dia siguiente* *alevantámos* (I-B)

-Logo: É de salientar em Olivença, também, como castelhanismo, o emprego de *logo* com o mesmo significado que tem o espanhol *luego*, quer dizer, *depois, mais tarde*. Apenas com este significado espanholizado usam esta palavra que quase nunca registei com o seu significado próprio português (*imediatamente, sem demora*)

-*logo já se casã e...*(8-A2)

-*I logo, agarremos já por a estrada abaxo* (2-C)

-*Logo, tamẽ, pode ir a uma sala de festas* (5-C)

Temos o suposto, duvidoso, de:

-*estás **logo** ã seguida: ai mãe, ai mãe!*(5-C)

Onde *logo* parece indicar *imediatamente*, se bem que seja possível que o acrescentamento de *ã seguida* que faz o falante, tenha como finalidade, precisamente, fornecer o matiz de imediatez, de modo análogo ao espanhol *luego en seguida*⁴⁸.

Em Campo Maior registei *logo* com o seu significado canónico (*imediatamente*): *morreu **logo*** (F)

⁴⁸ Cfr. Galego, onde é mesmo ao contrário: *logo*, no seu significado originário de *imediatamente*, é seguido da palavra *despois* para assinalar demora ou adiamento, resultando a locução *logo despois*.

-Em seguida: Maria de Fátima Rezende F. Matias considera-a própria da zona espanhola por ela estudada, e parece entendê-la como espanholismo, ao confrontar com o espanhol *en seguida*.

Aparece no exemplo oliventino ultimamente referido, precedido de *logo*.

-Assi: em Olivença: *assi será el'o ajuntamento*(5-C)

Em Campo Maior: *i assi aprendeu* (11-G)

Preposição

-Sigún: Maria de Fátima Rezende F. Matias documenta-a na zona espanhola, e parece considerá-la possível castelhanismo, ao confrontar como espanhol *según*.

Não a registei nos meus informantes.

Conjunções

-Aunque, em que: Maria de Fátima Rezende F. Matias parece considerar a primeira como espanholismo, ao confrontar com o espanhol *aunque*.

Nunca a registei nem lembro tê-la escutado.

-Enquanto: Também é castelhanismo o uso, em Olivença, da expressão *enquanto* com o sentido do espanhol *en cuanto*, que em português equivale a *logo que, mal...* :

-Enquanto *agarras a carretiya, estás logo ã seguida...*(5-C)

-Si/se: é possível a conjunção *se* aparecer como *si*. Pode interpretar-se como espanholismo ou, talvez, como mais um caso de passagem de *e* para *i* tão frequente no falar oliventino noutros casos (*noiti, falari, qui, bastanti...*) Assim, temos alguns exemplos, de Olivença:

- *si tu és mĩa fiya*(A2)

-*pidiu à comadre si dexava satisfazê-le o paladar*(6-B)

O normal, porém, é *se*:

-*se falas de ir à azeituna...*(8-A1)

-*ê agora se na minha casa tenho esclavitú* (8-A2)

-*i se nã tês bastante, dua*(6-B)

-*ê nã sê se vomecê me tẽ por tonta*(A2)

-Assi qui: Em Olivença, registada nalguns casos (cfr. Esp. *Así que*):

- *Assi qui, nã sêi...*(2-C)

Interjeições

Ao lado de interjeições genuinamente portuguesas, em Olivença aparecem interjeições castelhanas, algumas adaptadas ao português:

-Bueno/Bom: quase sempre é *bueno*, mas o informante B emprega, talvez conscientemente, *bom*:

-**Bueno**, *pôs atão, vamos por ali...*(2-C)

-*andemos por todo, eh?* **Bueno** (2-C)

-**Bom**, já lá em tempos, fizemos uma excursão (1-B)

-**Bom**, pois isto...isto hai que ire ao almazê (3-B)

-Conho, lête: Decalque das construções espanholas *coño* e *leche*. Ouvidas especialmente ao informante A1.

-Cala-te, conho!(A1)

-Lêti, passô, passô(A1)

-Venha!: Cfr. Espanhol *venga!*:

-Acaba-t'd'alevantar!, **vênha!**, *ai! Que pasmado!*(A2)

-Anda e homem!(Cfr. Esp: *anda!, hombre!*):

-*i agora vês camiões i camiões de Reyes*, **anda! Homê!**(A2)

Estas interjeições castelhanizantes não aparecem nos informantes de Campo Maior.

C) TRACOS SINTÁCTICOS: INTERFERÊNCIAS COM O ESPANHOL (Florêncio 2001: 72-73) (Matias 1980: 190-206)

Em geral, a sintaxe do português, quer oliventino, quer campomaiorense, é substancialmente a mesma do português alentejano e, ela, também não difere muito da sintaxe do português padrão.

Porém, a proximidade do espanhol, que aliás age como língua de cultura e prestígio na comarca de Olivença, introduz matizes que incidem de maneira parecida, se bem que em distinto grau, no falar dos informantes examinados em S. Jorge de Alor e em Campo Maior.

É por esta razão que iremos estudar conjuntamente a sintaxe de ambos os falares (Olivença e Campo Maior), precisando os casos de influência espanhola mais ou menos provável.

Artigo

a) Com possessivo

Quanto ao uso do artigo, Maria de Fátima Rezende F. Matias refere casos de omissão do mesmo antes dos possessivos, afirmando que isto se faz de modo semelhante ao espanhol: *mê pai, minha mãe, tê tio, su irmã, sê povo*. Estes casos, diz, são mais frequentes nas povoações espanholas e em Campo Maior e Ouguela.

Quanto a Olivença verifiquei, com efeito, existirem alguns casos de supressão de artigo definido diante do possessivo, mas normalmente isto apenas ocorre quando referido a nome de parentesco (*pai, mãe, irmão, marido*, principalmente, mas não com a palavra *filho*...)

-isto nã to posso dare... porqu'ê de **mê marido** (6-B)

-porque **mê pai** morrê duma perforação d'estámago (A2)

-tu sim, mas i atão eu, **teu avô** já morreu(3-B)

-de que **mã mãe** fora uma bela pessoa(A2)

-**mã mãe**, antes de detar-nos, a rezare!(8-A2)

-**mã mãe** tinha cadêas de prata (A2)

-**mã ermã** Carmen, mia ermã Carmen, lo que cantava(A2)

-**sua ermã** Carmen, fiya de Maria(A2)

-**mê marido**, cenquenta i quatro anos!(A2)

Não são escassos os exemplos em que, mesmo com nomes de parentesco, aparece o artigo antes do possessivo:

-se **o mê fiyo** tem umas possibilidades (A2)

-A esclavitú **do tê pai**, tamê foi munto fêa(A2)

-o que está fazendo **por a tua fiya**(A2)

-Donde tá **o mê neto**?(A2)

-**os mês fiyos** nê sô borrachos (A2)

-se le diz 's isso **òs mês fiyos** te matõ!(A2)

-**primêro 'stá o mê marido** (A2)

Concretamente, dos exemplos aduzidos, parece que a supressão do artigo, com nomes de parentesco, opera mais quando o nome

referido é *pai*, *mãe* ou *ermão/ermã*, *marido* e não opera tanto em casos em que se refere aos *fiyos*.

Não me parece que estejamos perante supostos de espanholismos, como parece sugerir Maria de Fátima Rezende F. Matias. Com efeito, a supressão do artigo opera, nos indicados exemplos, sempre com nomes de parentesco, e isto é uma possibilidade que entra dentro das regras da gramática portuguesa, pois com os ditos nomes é possível em português a supressão do artigo, como põem em relevo Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz⁴⁹ (Vázquez Cuesta e Mendes da Luz 1971: 465)

Não deixa de ser suspeitosa a sistemática supressão do artigo quando de *pai*, *mãe*, *irmão/ã* se trata, e não no caso de *fiyo* ou *neto*. Sem dúvida a rigidez da posição de respeito tradicionalmente devida dos filhos para os pais operava no sentido de a supressão do artigo implicar de alguma maneira um certo tratamento de respeito na linguagem tradicional portuguesa. Este uso ou tendência tradicional viu-se sem dúvida alterado modernamente por uma relaxação da rigidez paterna, e talvez seja esta a causa de, hoje em dia, se ter substituído o tratamento de respeito dos pais e tenham passado a serem tratados por *tu*. De análoga maneira pode ter acontecido com o sintagma *possessivo* mais *pai/mãe* e mesmo *irmão/irmã*, generalizando-se modernamente o uso do artigo (ao ponto de muitas gramáticas não recolherem esta possível excepção à regra geral⁵⁰): *o meu pai*, *a minha mãe*, etc. A conservação do uso do possessivo sem artigo perante estes nomes (*meu pai*, *minha mãe*) é, então, um traço conservador ou arcaizante perfeitamente explicável numa zona rural, pequena, isolada das inovações que afectam à língua da mão de pessoas novas (aqui utentes de espanhol), cujos falantes constituem uma população idosa em que é normal a manutenção desta característica conservadora. Isto tudo explicaria, também, que quando se fala de *fiyos* o artigo apareça sempre ou quase sempre.

Fora dos supostos de nomes de parentesco o normal é a utilização de artigo com possessivo, mesmo em casos que, em Português, podem não levar, como acontece com o sintagma *minha casa*:

-ê agora, se **na minha casa** ténho esclavitú (8-A2)

-donde **o mê amor** se esconde (2-C)

-dondi **o meu amor** se esconde (3-B)

-que trazê a Espanha à **nossa ruina**(4-B)

Existe algum exemplo, porém, de não uso do artigo antes de possessivo sem ser nome de parentesco:

⁴⁹ As gramáticas galegas (Freixeiro Mato 2002: 213-218) também falam dos nomes de parentesco como excepções em que o artigo pode ser suprimido perante o possessivo: *meu pai*, *miña nai*, *meu irmán*... Assim ...Na zona de Lugo ouvi mesmo a frase *és meu amigo*?

⁵⁰ Assim, a gramática de Lindley Cintra não recolhe expressamente esta excepção.

-ê nosso colegas i vezinho Portugale(4-B)

E, ainda, um outro suposto, em que o não uso do artigo é normal em português padrão, por ser uma forma de respeito:

-continuámos a besitari Nossa Senhora de Fátima (4-B)

Com o artigo indeterminado é normal o uso do possessivo após o substantivo:

- esta é uma ermã minha, e este é um ermão meu(A2)

Em Campo Maior, o resultado é parecido com o de Olivença, pois com nomes de parentesco registei omissão e presença do artigo, com a mesma tendência para o emprego dele no caso de *fiyo/fiyos*, e para a supressão quando o parentesco é *pai* ou *mãe*:

-foi a buscar-me, a buscar a minha mãe, nã é? porque mê pai era hortelão (D)

- Os mês fiyos todos sô formados...(E)

-mê pai gostava munto dos copos (E)

-e os mês fiyos trabayavã comigo (E)

-o mê avô nã queria que mê pai aprendesse a lere (11-G)

-mas o mê pai tinha munta ideia (11-G)

-mê pai era do campo (11-G)

-mê pai inda aprendê a ler(G)

-i mê pai, mê avô tinha potes(11-G)

-i mê pai, a sua ideia, puxava-lhe (11-G)

-a minha mãe era camponesa (F)

-minha mãe...tinha três fiyos vivos (F)

-mê pai arranjô uma amante (F)

- Minha mãe morreu(H)

- mê pai batia-me munto(H)

-Porque nã chore minha mãe(12-H)

-Leva bêjos minha mãe(12-H)

-i para mê pai tambêi (12-H)

Noutros casos, o normal é a presença do artigo:

-E a minha vida profissional era cõ um carro e uma mula (E)

-Nunca na minha vida fui à escola (E)

-cada um faz a sua idêia (G)

-aprendi a fazer o mê nome (G)

-Passê à tua porta (F)

-abalê da minha terra (12-H)

Existe um caso em que, por se tratar duma expressão feita, a supressão do artigo é admissível também no português padrão:

-ê minha opinião, tá no Governo (E)

b) Com nomes próprios de pessoa

O normal é o uso do artigo, quer em Olivença, quer em Campo Maior. Maria de Fátima Rezende F. Matias assinala casos de supressão perante nomes próprios. Quanto aos meus informantes temos:

Em Olivença:

- *A Mari inda n'abalô*(A2)

- *ê fui à da Júlia*(8-A2)

- *Vêo o Quini, vêo o ôtro piqueno...*(A2)

- *e o Jjoaquim, e o Jjoaquim? Digo, o Jjoaquim 'stá bêĩ!*(A2)

Nalgum caso não aparece o artigo, mas não é o mais comum:

- *Anita tem tido agayas pa trabayare*(A2)

Em Campo Maior:

- *concretamente o industrial de Campo Maiore, o Rui Nabêro*(10-E)

- *e munta gent' pensa que o Rui Nabêro é qu'ê o dono de Campo Maiore*(10-E)

Pronome

a) Colocação dos clíticos.

Maria de Fátima Rezende Matias assinala a frequente colocação proclítica do pronome como um dos traços em que melhor se revela a espanholização do português da zona de Olivença.

Em todos os meus informantes oliventinos este traço é o mais comum, o maioritário em termos absolutos:

- *i nos hospedámos ena residência de Almirante...* (1-B)

- *nos divertimos maraviyosamente* (1-B)

- *te dá o mesmo?*(2-C)

- *foi à casa, lo contô à muyere*(2-C)

- *nã posso fumare, me diz o médico* (2-C)

- *se o mê fiyo tẽ umas possibilidades, as posso aprovetari!*(A2)

- *lo juro, eh?*(A2)

- *me chama fêa, me chama tudo o que quere*(A2)

- *Esta casa a comprê cõ munta esclavitú* (A2)

Não faltam, porém, casos de colocação enclítica, embora minoritários:

- *os siores divertẽ-se, estão a gosto* (3-B)

- *teu avô já morreu, i dêxô-me a porta aberta*(3-B)

- *i o médico disse-ye* (2-C)

- *Pois agora regalo-le o café*(A2)

Com verbos em infinitivo, a colocação em português europeu admite diferentes possibilidades.

As alterações que observamos no português oliventino (que não recolhe Maria de Fátima Rezende F. Matias) não são de gramática neste ponto, quer dizer, não contradizem as regras gramaticais mas, entre as

diversas alternativas, adverte-se claramente uma maior frequência dos casos em que há coincidência com o espanhol.

Isto traduz-se em que, com infinitivos soltos, há uma clara preferência por *para* (ou *de*) mais *infinitivo* mais *pronome*: *para comê-lo, para fazê-lo, de levá-lo...*

No caso de locuções verbais há clara preferência pela construção de tipo *hei-de fazê-lo, quero comê-lo*, em lugar do tipo *hei-de o fazer, quero-o comer*. Esta última, de facto, quase nunca a registei nas gravações

Assim:

-antes **de detar-nos**, a rezare!(8-A2)

-ê como alcaide, pôs, **tive que mexê-me** (5-C)

-nã gosto munto **de recordá-la** (A2)

-nẽ **sẽ tirar-te** do pé de quẽ te leva!(A2)

Mas

-Pôs isso **hai que me batere**(A2)

Em Campo Maior, onde a ordem de colocação dos pronomes é a mesma do português padrão, registei este tipo de construções escassas nos informantes oliventinos:

-Sabe com'ê **que se costuma dizer** aqui em Campo Maiore?(E)

-tẽ **de se manifestare**!(E)

-**Começarã-se a ficar** pelo caminho(E)

-...o carro ali, e **vai buscá-lo** q'ondo quisere(D)

-mas **podia-se ver**, vinha gente...(D)

-pensã **ẽ fazê-la** outra vez, essa festa (D)

- i mê pai, a sua idê(i)a, **puxava-lhe** i aprendia...(11-G)

-**meterõ-no** na Câmbra (11-G)

- havia lá abaxo na vila, que tava a um canto que...**chamavã-ye** os cantos de baxo(11-G)

-O mê pai, **comprô-me** uma foice, i **arranjô-me** uns canudos(11-G)

- a pessoa **tinha que se curare** (11-G)

-I **cantavõ-ye** muntas cantigas i um dia **cantarõ-ye** uma (...)quadra (F)

-**Pa nos guardar** noite i dia(12-H)

-Minha mãe **tô-le a escrever** (12-H)

- **vô-le dizere**(H)

- depôs mê pai **batia-me** munto(H)

Existe, finalmente, um tipo de construção, que Maria de Fátima Rezende F. Matias define como a colocação do pronome complemento antes do sujeito, frequente, diz, na linguagem das povoações

por ela estudadas e para a que dá três exemplos: *sabes o que m'ele disse? Nã sê como s'ele p'ra lá amanhã, se lh'ê tenho dito.*

Nunca registei, porém, este tipo de construção nos meus informantes, como também nunca me lembro de a ter ouvido em Olivença⁵¹.

b) Posposição dos adjectivos demonstrativos ou possessivos

Refere também Maria de Fátima Rezende F. Matias a posposição dos adjectivos demonstrativos (mais raramente dos possessivos) em relação ao substantivo: *o relógio esse, a criatura essa, no quintalão aquele, nesta classe nossa...*

Considera-o fenómeno especialmente frequente na zona espanhola do seu estudo, se bem que também dê exemplos de Elvas, Juromenha, Campo Maior, Ouguela e Degolados.

Em Olivença é traço muito frequente, como o testemunham os informantes:

- *teremos que ir a sacar a terra essa*(5-C)
- *sacá-la daí de...do buraco esse* (5-C)
- *enté ali ao cabeça aquele* (2-C)
- *o rapaz aquele que estava lá no despacho*(5-C)
- *a criada da mestra essa* (A2)
- *a tradição nossa!*(A2)

Esta construção pode ser considerada evidente decalque da correspondente espanhola (*la tierra esa, la maestra esa, la tradición nuestra*)

Não o registei em Campo Maior.

c) Repetição do pronome pessoal complemento indirecto ou do pronome complemento directo

a) Complemento indirecto

Maria de Fátima Rezende F. Matias afirma que a construção é própria das várias povoações que estudou, e que ainda que seja muito frequente em espanhol não é motivo suficiente para a considerarmos espanholismo, pois construções deste tipo vivem também em localidades portuguesas não fronteiriças (ela própria diz tê-las ouvido em Évora e Estremoz)

Aparece algum exemplo nas gravações de Olivença:

- *quẽ nos ia a nós a dizer que íamos a ter televisão*(A2)
- *E a mim me gosta falar cõ os portugueses*(A2)

Não vemos exemplos nas gravações de Campo Maior. Ao contrário, não aparece podendo aparecer:

- *Não, assim como digo ao senhore...*(F) (em lugar de *não, assim como lhe digo ao senhor*)

⁵¹ Cfr. Galego, onde ainda são frequentes estas construções na linguagem mais popular.

b) Complemento directo

Afirma Maria de Fátima Rezende F. Matias só ter escutado esta construção em Olivença ou Vila Real.

Em Olivença registei alguns exemplos:

- *Esta casa a comprê cõ munta esclavitú (A2)*

- *porque se vom'cê me vira a mim, no mê tempo...(A2)*

Em Campo Maior no informante H:

- *...a marroquina mandê-a a passar férias pà França (H)*

d) Pronome pessoal ele com verbos impessoais

Maria de Fátima Rezende F. Matias refere-se a este fenómeno, a que também aludem Lindley Cintra e Celso Cunha (Cintra e Cunha 1989: 284) como próprio da linguagem popular ou popularizante de Portugal, em que aparece, por vezes, “*um pronome ele expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês il (il y a)*”, dando como exemplos, entre outros, a frase “*ele haveria no mundo nada mais acertado*”.

Apenas registei um exemplo, em Olivença:

- *tu és o alcaide assi será el' o ajuntamento(5-C)*

e) Pronome indefinido cada

Maria de Fátima Rezende F. Matias considera espanholismos construções de tipo *cada oito dias*, entendendo que o correcto em português seria *de oito em oito dias*. Registou este traço em Elvas, Juromenha e na zona espanhola.

No meu caso só registei um caso, em Campo Maior:

- *Ficô hábito ficô tinha, cada uns tantos anos fazer essa festa..(D)*

Uma alternativa à tal construção podia ser, nesta frase, *ficou hábito, ficou tinha, de tantos em tantos anos fazer essa festa*.

Assim, na informante G: *de quatro em quatro anos...(G)*

Verbo: uso os tempos verbais

Neste ponto advertem-se castelhanismos no português da zona oliventina, que se não observam em Campo Maior; o uso dos tempos tende a confluir com o castelhano.

a) Pretérito perfeito simples e composto do indicativo

Mesmo que o não recolha Maria de Fátima Rezende F. Matias, é frequente o uso do pretérito perfeito composto (*tenho andado*) em casos em que a gramática portuguesa exige o pretérito perfeito simples (*andei*) casos em que, suspeitosamente, o Castelhana falado nas zonas circundantes exige também o tempo composto (*he andado*) O castelhanismo sintáctico parece evidente. Isto só acontecia em Olivença:

- *ê tenh' ido uma vez a Madrid (A2)*

- *alegres da ruta que temos cruzado(4-B)*

(5-C) *-a festa esti ano **tẽ sido** miyore, i **tẽ tido** munto mas esprendore*

*-**Tẽ estudiado** três fiyos (A2)*

Noutros casos é mais duvidoso que o emprego não seja o correcto:

*-Anita **tẽ tido** agayas pa trabayare!(A2)*

*-**Tẽs andado** só trás de mim (2-C)*

Em Campo Maior este tempo é correctamente usado:

*-O azête sempre **tẽ sido** bom (F)*

*- Ê cara mas linda nã vi por donde ê **tênho andado** (12-H)*

*-...a minha vida **tẽ sido** munto complicada (H)*

b)Presente do conjuntivo em lugar de futuro do conjuntivo

Maria de Fátima Rezende F. Matias recolhe casos de confusão entre ambos os tempos, com a utilização do presente do conjuntivo em lugar do futuro de conjuntivo, o que constitui um claro espanholismo sintáctico (*cando venha, o que queiram, etc* quando a gramática exige futuro do conjuntivo: *quando vier, o que quiser*) Também refere um exemplo deste tipo em Ouguela.

Quanto aos meus informantes oliventinos, quase sempre registei a substituição de futuro por presente do conjuntivo.

*-**quando se vaya aproximando** a hora! (4-B)*

*-**quando sayas desta!** (ouvido em Olivença, em conversa não gravada)*

Outras vezes o futuro do conjuntivo é deslocado pelo imperfeito do conjuntivo:

*-**haverá munta humidade por donde as águas **passassẽ**** (C, em conversa não gravada)*

Também existe algum caso de uso do futuro de conjuntivo no informante B, se bem que num texto oral recitado:

*-Ai, menina, **se'stiberes** de rêzinhos daria-te pra cantar i bayar uma chotici!(3-B)⁵²*

Em Campo Maior só registei algum caso, ocorrendo o futuro de conjuntivo e, alguma vez, presente do conjuntivo quando é preceptivo futuro (mesmo em pessoas novas ouvi *como quêra!*):

*-...i vai buscá-lo q'ando **quisere** (D)*

*-...si **houver** este ano, si **houvere**... este ano(D)*

*-**Quẽ quisier** ver maraviyas...(F) (é uma cantiga)*

*- Se ê por acaso **morrere**(12-H) (é uma cantiga)*

*- i aqui tô até que Dês **quêra**, até que dês **quêra**(G)*

⁵² Apesar do uso do futuro do conjuntivo, não é observada a necessária concordância com o tempo da oração principal, quer dizer: a frase correctamente construída seria “*se estiveres de reizinhos dou-te (ou “darei-te”-dar-te-ei)...*” ou “*se estivesse de reizinhos dava-te/daria-te (dar-te-ei)...*”

c) Pretérito mais-que-perfeito de indicativo e pretérito imperfeito de conjuntivo

É outro traço que assinala Maria de Fátima Rezende F. Matias como possível castelhanização, documentado por ela nas povoações espanholas do seu estudo e apenas uma vez em Ouguela.

A gramática portuguesa admite em casos muito específicos esta confusão. Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (Cunha e Cintra 1989: 456), o pretérito-mais-que-perfeito simples pode vir a empregar-se em lugar do pretérito imperfeito do conjuntivo na linguagem literária. Também na linguagem corrente é possível este emprego em frases como *quem me dera!*, *prouvera a Deus*, *Pudera!*, *Tomara que!*

Quando este emprego deixa de ser excepcional para se tornar habitual, é que podemos suspeitar a influência espanhola⁵³

É o que acontece em Olivença, onde a presença deste fenómeno (além do caso da interjeição *tomara!*, nada suspeito de castelhanismo) é bastante habitual, como demonstram os exemplos das gravações:

-tomara que me chamara Vitória (A2)

-tomara que te levara pa lá pa sua casa(A2)

-Porque se vom'cê me vira a mim, no meu tempo...(A2)

Em Campo Maior o emprego destes tempos, nos meus informantes, não se afasta do português padrão:

*-Campo Maior si ye **dessê** valore...(D)*

*-o mê avô, nã queria que mê pai **aprendesse** a lere(11-G)*

*-se nã **amentassê** as coisas, a coisa marchava (D)*

d) Pretérito mais-que-perfeito de indicativo e condicional

Celso Cunha e Lindley Cintra (Cunha e Cintra 1989: 456) também contempla a substituição de condicional por pretérito mais-que-perfeito de indicativo (*Oh! Se lutei!...mas **devera***)(=*deveria*)

Registei apenas, em Olivença, um exemplo deste uso, que não recolhe Maria de Fátima Rezende F. Matias:

*-ê **quisera** ter vinte anos (A2)*

e) Gerúndio (desinências pessoais no gerúndio)

Um dos traços característicos do português alentejano (e algarvio) é a presença de flexões de pessoa no gerúndio, analogamente ao que, no infinitivo, é traço típico da área galego-portuguesa⁵⁴.

Leite de Vasconcelos registara o fenómeno em frases como *em tu me chamandos*, *em tirandem daqui o ferro*, *onde tu vindes*, *irei eu...*

⁵³ Cfr. Galego, onde é frequente, na língua escrita e falada, este emprego do tempo de indicativo em lugar do tempo do conjuntivo.

⁵⁴ O fenómeno também foi registado no galego de Rianxo, e mesmo empregado literariamente por Castelão (Freixeiro Mato 2002: 426-427)

Maria de Fátima Rezende F. Matias refere a frequência do emprego do gerúndio, nas povoações por ela estudadas, quando precedido da preposição *em*, admitindo nalguns casos a desinência da segunda pessoa, se o sujeito é o pronome tu: *em andando doente, em fazendos isso, em comendos a sopa, dôt' o bolo...*

Em Olivença registei nas gravações apenas um caso de emprego de gerúndio com a preposição *em*, mas nunca pude ouvir nem registar qualquer emprego de desinências pessoais com o gerúndio.

-ê s'acabando, s'acabô (A2)

f) Infinitivo pessoal

Não recolhe Maria de Fátima Rezende F. Matias supostos de ausência de infinitivo pessoal em casos em que a gramática exige o seu emprego. Daí talvez se possa deduzir a inexistência de qualquer peculiaridade a respeito do português padrão e, portanto, a presença da forma conjugada com plena vitalidade em Olivença na época do seu estudo.

Não se observam muitos casos nas gravações em que possa ocorrer o infinitivo pessoal, ao menos naqueles casos em que apresenta desinências para se poder diferenciar do infinitivo impessoal⁵⁵ (segunda pessoa singular, primeira, segunda, muito pouco usada, e terceira do plural)

Também não se observam muitos casos de construção de orações de infinitivo em que ele possa ocorrer (quer ocorra, quer não)

Apenas, em Olivença, temos dois possíveis casos; num deles ocorre a forma pessoal, noutra, apesar de ser exigível, não:

- Tem que ser ali munto dinhêro, pa ter's ali uma merda cagada(A2)

- por a presbítera saúde que tiberõ, i a excelenteza, de ganhar as eleições as drêtas.(4-B)

O segundo exemplo seria mais claramente um caso de esquecimento da forma pessoal se a frase tivesse sido disposta na ordem normal em português padrão: *pela presbítera (sic) saúde que tiveram, e a excelenteza, de as direitas ganhar(em) as eleições*. Neste caso é que é impossível não usar a forma pessoal, a não ser por espanholismo. Mas na ordem em que a frase se produziu é factível uma interpretação no sentido de o falante empregar, inicialmente, a forma impessoal (...*de ganhar as eleições*) e só depois de emitido este sintagma, lembrar-se de expressar o sujeito, acrescentando *as direitas*. Portanto, a frase, sendo indiciária, também não prova de maneira concludente a perda do infinitivo pessoal se bem que, contudo, não deixe de ser esclarecedora quanto à decadência, em Olivença, desta forma pessoal inexistente no espanhol.

⁵⁵ Realmente não é correcto dizer que o infinitivo pessoal, na primeira e terceira pessoas do singular, não tenha desinências. Têm desinência zero, daí o sincretismo com a forma impessoal, mas não são formas equivalentes.

Também registei algum caso de orações com infinitivo em que parece ocorrer a forma pessoal embora, por se tratar da primeira pessoa de singular, não seja possível diferenciar, formalmente, entre ela e a forma impessoal:

-*Tomara ê ter os filhos como vom'cê os tem (A2)*

-*Tomara poder falar co senhor como falo cõ vom'cê(A2)*

Em todo o caso, a informante optou pela oração de infinitivo, quando podia ter usado uma oração pessoal com *que*, do tipo *tomara que eu tivesse os filhos...*, *tomara que eu pudesse falar co senhor como...* Em português padrão, sem dúvida, falaríamos de infinitivo pessoal em primeira pessoa, aqui não é possível sabermos se a informante está a empregar a forma pessoal ou, por já ter perdido este traço por castelhanização, está a empregar, sem mais, a forma impessoal por ser a única que conhece.

Outras vezes aparece a construção com *que* numa oração com verbo em forma pessoal, em lugar da oração de infinitivo:

-*pa que vom'cê m'entenda(A2)*

A minha impressão geral é, dos exemplos assinalados e do que posso lembrar sobre o português de Olivença, que a forma pessoal do infinitivo não tem muita vitalidade o que, sem dúvida, caso seja certo, pode atribuir-se à influência do espanhol.

Neste sentido, Manuel Jesús Sánchez (Sánchez 2006) afirma que

“...pouco se usa já o infinito pessoal português, por não existir em espanhol”(…) “Em espanhol oliventino existe uma construção que lembra o infinito pessoal português (que, todavia, quase se perdeu no português oliventino, como já se disse). *Díselo para él saberlo* (do port. *Diz-lho para ele o saber*), esp. padrão *Díselo para que lo sepa*”.

Nas gravações de Campo Maior ocorre sempre o infinitivo pessoal, mas não existe nenhum caso em que, podendo ou devendo ocorrer, não ocorra:

- *Fizerõ uma praça pròs carros estacionarẽ ali(D)*

- *Só ã casa, i a brincarmos, na rua, i a cantarmos, i a bailarmos as raparigas umas cas ôtras...(G)*

- *buracos na rua, pra porẽ os paus (G)*

-...*a cantarẽ as saias (F)*

- *Corriã a vila toda a cantarẽ à porta do patrão (F)*

- *Qu' era, amor, ser's-m'leale(12-H)*

g) Verbos reflexos

Assinala Maria de Fátima Rezende F. Matias a tendência para a reflexivação dalguns verbos que existe na linguagem popular portuguesa e que ela diz ter ouvido em vários pontos do país, em exemplos como *morreu-se*, *arreceou-se*. Mesmo assim, aduz a mesma autora, a intensidade com que o facto se verifica nalgumas das povoações que ela estuda faz

pensar na influência espanhola, onde este tipo de construção é muito mais frequente do que em português:

Em Olivença aparecem registados alguns exemplos nas gravações:

-*atã nã te façah caso do médico*(2-C)

-*isso nã é verdade, porque hoje se morre o marido, e ao outro dia...*(A1)

- *Mas em s'acabando, se acabô*(A2)

-*tivestes o pássaro na mão i to dexastes abalar*(5-C)

-*e nã te faças menos que nenguẽ*(A2)

Não aparecem estas construções nas gravações de Campo

Maior.

h)Perífrases verbais

Estar a infinitivo/Estar gerúndio

Celso Cunha e Lindley Cintra (Cunha e Cintra 1989: 394) assinalam que ambas as construções são equivalentes.

Acrescentam, porém, que a forma *estar* (ou *andar*) com *gerúndio* é a mais antiga do idioma, é a preferida no Brasil, e ainda tem vitalidade em dialectos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve. Por contra, a forma *estar a* com *infinitivo*, é a que predomina no português padrão e nos dialectos setentrionais de Portugal⁵⁶

Segundo Maria de Fátima Rezende F. Matias, nos falares da zona portuguesa, como da espanhola, predomina a construção com gerúndio: *tava falando, andom brincando, tô bebendo...*

Em Olivença foi esta a única construção que registei:

-*tás falando com ele espanholi*(A1)

-*apaga essa tele que 'stô gastando*(A2)

-*estivemos bayando uma chotice*(1-B)

- *estivemos, por todo o recinto, vendo*(1-B)

-*estabã três compadres, sentados numa estrada, tomando a fescayaça*(7-B)

-*e agradece-le a essa mestra o que está fazendo por a tua fiya*(A2)

-*i ê tô dezendo a este senhori, que pa entender mê português temos que estar brigando!*(8-A2)

-*É munto distinto, o que ela está falando...*(A1)

-*Estava acostumada a andar sempre andando*(A2)

-*quando tava dezendo, da festa...dih*(5-C)

Porém, existem alguns casos de uso com infinitivo:

-*continuaremos a besitari nossa senhora de Fátima*(4-B)

-*I agora tamos a engordér*(A2)

⁵⁶ Cfr. Galego: a primeira prevalece, grosso modo, na Galiza oriental e central, enquanto a segunda na Galiza atlântica (ocidental) (Fernández Rei 1991: 104)

Em Campo Maior aparecem exemplos das duas construções (*gerúndio/a infinitivo*), especialmente no informante H, que amostra uma clara preferência pela construção com preposição e infinitivo:

- *Estes homes que aqui estã **estã trabayando**(E)*
- *No mare, **tã aí detando** terra, entuyos(D)*
- *Este **levô a vida a guardar** ovêlhas, este **levô a vida a ser ganadêro**(E)*
- *os pobres **andavã a trabayare**(11-G)*
- ***a brincarmos**, na rua, **i a cantarmos**, **i a bailarmos**(G)*
- *Fiquê aqui **a trabayare** (H)*
- *nô era capaz de o ter lá **a estudar**(H)*
- *minha mãe **tô-le a escrevere** (12-H)(cantiga)*
- *dos Açores **tô-le a mandare** (12-H)(cantiga)*
- *oyêi pa trás **chorando**(...)tã longe me **va(i)s ficando** (12-H)*
(cantiga)
- *ela já **andava a bayar** cõ ôtro(12-H)*

Dos exemplos assinalados resulta, contra o que seria esperável, uma preferência pela construção com infinitivo nos informantes de Campo Maior, o que constitui uma clara diferença com o uso linguístico que neste ponto se observa em Olivença, talvez pela influência do padrão português europeu, operante na zona portuguesa, que prefere claramente a dita construção com infinitivo. Consoante esta afirmação, a zona oliventina, livre do influxo do padrão de Lisboa, terá mantido o uso tradicional. Estaríamos, pois, no caso de estes dados serem representativos do geral, perante mais uma divergência entre os dois falares, produzida pela sua também diferente história a partir de 1801.

Ir (a) infinitivo

Consoante as regras da gramática, esta perífrase *ir* mais *infinitivo* não leva qualquer preposição entre os dois elementos: *vou comer*, *vou falar*...

Segundo Maria de Fátima Rezende F. Matias, em toda a zona por ela estudada é normal *ir* mais *a* mais *infinitivo* (*vou a comer*, *vou a falar*)

Em Olivença a construção com *a* é a única registada:

- ***fomos a dar** um passêio(1-B)*
- *Ãtã, agora, o que **vamos a vere**(2-C)*
- *A última hora **vamos a ver** a essa fonte(2-C)*
- *Ó, minha avó, **vêngo a dar** partis, que me vô a casare(3-B)*
- *e agora teremos que **ir a sacar** a terra essa que tá na estrada(5-C)*
- *Vas **a cuidari** a Leonor e o Manolito(A2)*
- *Fui **a preguntari**(A2)*
- *quando **fomos a fazer** um biscoito ò tê monti(A2)*

Em Campo Maior também registei a construção, com *a* e sem *a*:

- I vai buscá-lo q'ando quisere*(D)
- Fui a guardar gado*(E)
- a procurar três ô quatro homes pra ir a trabayar, i pôs iã a trabayare*(G)
- Foi trabayar aí pra Badajoz* (F)
- eu... vô-le dizere: (12-H)*
- ...depois foi estudar p(a)ra Elvas* (H)
- *Vô a ser presentado ò Presidente da República, vô a ser professore*(H)

Se compararmos esta expressão com a correspondente espanhola, *ir a* mais *infinitivo* (*voy a comer, voy a hablar*), parece clara a influência espanhola, mais uma vez, com maior intensidade em Olivença, mas também presente em Campo Maior, o que talvez indique ser um dos castelhanismos anteriores já presentes na linguagem fronteiriça de toda a zona com antecedência a 1801, castelhanismo que, após essa data, vigorou ainda mais em Olivença.

(Não) Gostar de

A construção (*não*)*gostar de (infinitivo)* pode ser substituída pela equivalente espanhola *gosta-(pronome) (infinitivo)*, segundo Maria de Fátima Rezende F. Matias, quer na zona espanhola do seu estudo, onde é especialmente frequente, quer na portuguesa⁵⁷.

Nos meus informantes oliventinos aparecem exemplos da construção portuguesa (minoritários) ao lado da construção espanhola:

- i ã gosto munto de recordá-la*(A2)
- ã me gostava*(A2)
- Ele mesmo le gostava aquela vida*(A2)
- *E a mim me gosta falar cõ os portugueses* (A2)

Em Campo Maior apenas aparece a construção portuguesa:

- Gosto, gosto de cá* (D)
- Mê pai gostava munto dos copos* (D)

Ter gana de

Maria de Fátima Rezende F. Matias regista esta construção na zona espanhola e em Juromenha, considerando-a um castelhanismo, sobretudo se considerarmos a construção espanhola, *tener ganas de*, frente à portuguesa *ter vontade de...*

Registei em Olivença a construção, apenas num caso:

- *que passê munto, e já na **tenh'gana** deles!* (A2)

Não a registei em Campo Maior.

⁵⁷ Cfr. Galego: *gústame, non me gusta* mais *infinitivo*. Cfr. Espanhol: *me gusta, no me gusta* mais *infinitivo*.

Preposições

São muitos os supostos que aqui se podem estudar. Interessa especialmente o regime da preposição *a*:

a) Preposição a e complemento directo

Como é sabido, em português só excepcionalmente aparece a preposição *a* a reger complemento directo, concretamente apenas quando existir qualquer risco de ambiguidade. Assim, seriam de regra frases como *vi Joaquim, levei o menino ao médico, trouxe o meu filho, etc*, onde em espanhol se prefere o emprego da preposição: *vi a Joaquín, llevé al niño al médico, traje a mi hijo, etc*.

Nada diz a este respeito Maria de Fátima Rezende F. Matias. Dos exemplos que se ouvem nas minhas gravações parece deduzir-se que esta regra gramatical se mantém em Olivença.

- como **querẽ os pais!**(A2)

-**Que tẽ Badajó de fronte**,(2-C)

-*ena ruta continuaremos a **besitari Nossa Senhora de Fátima***(4-B)

Mesmo a seguinte frase dita em espanhol apresenta esse traço tipicamente português:

-**tú conocistes mi madre**(A2)

Caso duvidoso é o seguinte, onde *a* pode ser artigo ou pode ser preposição

- **Pa sacar a Ehpê nha** das suas doenças(4-B)

Em Campo Maior aparece sempre a construção portuguesa:

- *p' r uma razão, porque é pra **confondir o pobo***(E)

- *já nã **temos os fiyos no campo***(11-G)

- *... nã **matavõ ninguẽ**, mas ofendiõ* (F)

- *Foi que **dexô a muyere***(H)

c) Regência verbal

Examinaremos dois casos por eles ocorrerem nas gravações. Maria de Fátima Rezende F. Matias assinala-os como castelhanismos sintácticos:

Parecer-se a, em lugar de *parecer-se com*. Nas gravações de Olivença aparece a construção espanholizada:

- *...que ali se **parece õ Ibarra, cas barbas*** (A2)

Convidar a, em lugar de *convidar para*. Porém, o único exemplo, de Olivença, reflecte a construção portuguesa:

- **convidarê a comadre Agustina pra bayari uma chotici**(4-B)

Confrontar espanhol *parecerse a, invitar/convidar a*.

d) Dia

É frequente omitir a preposição *em*, segundo Maria de Fátima Rezende F. Matias, em casos como *o dia de Corpo de Deus, agora a sexta-feira vô à vila...*(*no dia de Corpo de Deus, agora na sexta-feira*). Segundo

esta mesma autora, é especialmente frequente na zona espanhola, mas também registou um caso em Elvas. Atribui-o à influência espanhola (cfr. *el día de Cuerpo de Dios, ahora el viernes...*)

Possíveis casos, em Olivença:

-**O dia** que tu ias a Portugale ... é munto mah longe(2-C)

-Nã quer' qu' **o dia** d'amanhẽ me dê nas narizes (A2)

Talvez atribuível à influência espanhola seja a expressão *ao dia seguinte*, em lugar de *no dia seguinte*:

-**ò dia** siguiente alevantámos(1-B)

Igualmente a expressão *ao dia* (em lugar da canônica *por dia*):

-quanto ganhavas **ao dia**?(A2)

e)à (casa) de

Leite de Vasconcelos assinalara o traço típico do português alentejano consistente na omissão do substantivo *casa* em frases como *à de F*.

Maria de Fátima Rezende F. Matias comenta este traço como próprio de toda a zona que abrange o seu estudo e que, diz, se ouve um pouco por toda a parte, no Alentejo e Algarve, em casos como *foi à do dôtor, ê vô à da Rosa, ia p'rà do padri*.

Registei-o duas vezes em Olivença:

-ê fui **à da** Jjúlia (8-A2)

- A Mari inda n'abalô, ta aí **à da** sogra!(A1)

Outros casos de ordem sintáctica

Maria de Fátima Rezende F. Matias fala de casos de alteração da ordem sintáctica do português padrão, assinalando que muitas delas “foram correntes no português arcaico mas caíram em desuso; outros, pouco frequentes nessa fase da língua, encontram-se em espanhol, língua que neste capítulo põe ao dispor do falante um maior número de possibilidades”:

a)complemento mais sujeito mais verbo:

Maria de Fátima Rezende F. Matias afirma, citando Maria da Piedade C. Mariz de Pádua, que é construção muito pouco usada no português arcaico; é de supor que se deva, a avaliar pela sua distribuição geográfica, à recente influência da sintaxe espanhola.

Exemplos gravados, de Olivença (entre parêntese vai a forma canónica: sujeito mais verbo mais complementos):

-**esta casa a comprê** cõ munta esclavitú (A2) (*comprei esta casa com muito sacrificio*)

-**Passos de coêyos sinto!**(7-B)(*sinto passos de coêyos!*)

- I gracias que **à minha mãe le davõ** a luz grátis(A2)(*graças que davam a luz grátis à minha mãe*)

Em Campo Maior:

-a marroquina mandê-a a passar férias à França (H)(mandei a marroquina a passar férias à França)

b)complemento mais verbo mais sujeito

A mesma autora afirma ser frequente no português arcaico, mas atribui-a à sintaxe do espanhol, talvez por só a ter registado em zona espanhola.

Exemplos gravados (verbo mais sujeito) (entre parêntese vai a forma canónica: sujeito mais verbo)

*-... que **nã estudiô** ele!(A2)(que ele não estudou)*

*-... que hoje **vês tu** qualquera que diga(A2)(que hoje tu vês...)*

*-...pela presbítera saúde que tiverõ **de ganhar** as eleições **as drêtas** (4-B)(pela presbítera saúde que tiveram **de as direitas ganharem** as eleições)*

Porém, também figura a ordem canónica:

*- Tomara eu ter os ftyos **como vom'cê os tẽ** (A2)*

c)verbo mais sujeito mais complemento

A mesma autora refere esta ordenação, de carácter afectivo, frequente em português arcaico e própria da linguagem popular, sem o atribuir à influência do espanhol.

Exemplos gravados, de Campo Maior:

-Apresentã-se eles armados ã bons(E)(eles apresentam-se armados em bons)

d)Sujeito mais complemento mais verbo

Por apenas ocorrer nos núcleos de povoação espanhóis, bem como pelo facto de ser uma ordenação possível em castelhano, Maria de Fátima Rezende F. Matias atribui o fenómeno a influência espanhola.

Já falámos desta ordenação ao expormos a colocação dos pronomes. Ali já vimos como ela é claramente castelhanizante.

Dou, por isso, apenas um exemplo:

Um amigo te trôxe no coche (A2)(Um amigo trouxe-te no carro)

**D) APONTAMENTO LÉXICO: A INFLUÊNCIA
ESPANHOLA**

Um estudo apurado do léxico ultrapassa, em muito, os limites deste trabalho de feição claramente experimental.

Porém, pode ser interessante tentar observar os processos de substituição que certas palavras de origem portuguesa sofreram ou estão a sofrer de ambos os lados da fronteira luso-espanhola, quer dizer, comprovar *in situ* a que ponto os referidos processos estão realmente a operar de maneira definitiva e, especialmente, se as palavras que se supõe terem sido deslocadas pelas correspondentes castelhanas estão ou não definitivamente mortas.

Para isso, e acudindo a diversas monografias como a já citada de Maria de Fátima Rezende Matias, ou aos trabalhos de Barajas Salas (Salas 1985), fiz uma listagem de umas vinte ou vinte e cinco palavras representativas da castelhanização dos falares estudados. Quanto a Olivença, apresentei as imagens dos objectos com elas designados aos informantes A1 e A2 (não pude fazer o mesmo, obviamente, com os informantes B e C) para eles indicarem o seu nome no falar local, procurando não interferir nas suas respostas. A filha do informante B que, como já ficou apontado, também esteve presente na conversa, que conhece o português padrão e o que falava o seu pai e ainda fala a sua mãe, também interveio achegando a informação que ela tinha sobre a vigência ou não das palavras portuguesas e a sua substituição (ou não) pelas castelhanas correspondentes.

Quanto a Campo Maior, foram apresentadas as imagens apenas ao informante D, que apresentava um maior número de traços dialectais no seu falar. Curiosamente, desta listagem, apenas um dos termos aparece castelhanizado.

A seguir vou enumerando as palavras portuguesa/castelhana fazendo as indicações pertinentes sobre cada par, em Olivença, e em Campo Maior:

BOLACHA/GALLETA

a) Olivença

Os informantes A1 e A2 não conseguiam lembrar outra coisa que não fosse *galleta*, enquanto a filha do informante B afirmava que o seu pai dizia *bolacha*. Isto parece indicar que a substituição é relativamente recente.

b) Campo Maior

Bolacha.

MORANGO/FRESA

a) Olivença

Os informantes A1 e A2, não conhecem outro termo que o espanhol *fresa*. A filha do informante B não lembra a vigência do termo português.

b)Campo Maior

Morango.

BANANA/PLÁTANO

a)Olivença

Apenas conhecem *plátano*

b)Campo Maior

Banana

GAFANHOTO/LANGOSTO**a)Olivença**

Só conhecem *gafanhoto*⁵⁸

b)Campo Maior

Gafanhoto

ANDORINHA/GOLONDRINA**a)Olivença**

Andorinha

b)Campo Maior

Andorinha

MARMELO/MEMBRILLO**a)Olivença**

Marmelo

b)Campo Maior

O informante não identificou o objecto.

CARANGUEJO/CANGREJO**a)Olivença**

Apenas conhecem o termo castelhano, pronunciado com o *j* à castelhana (*cangrejjo*)

b)Campo Maior

Caranguejo

COXA/MUSLO**a)Olivença**

Nem A1 nem A2 empregam *coxa* ou *muslo*. Empregam *pata*, ao menos para denominarem a perna do *frango*.

b)Campo Maior

Perna

CACHECOL/BUFANDA**a)Olivença**

Só conhecem o termo castelhano *bufanda*.

b)Campo Maior

Cachecol

ÓCULOS/GAFAS**a)Olivença**

A1 afirmou inicialmente, perante a fotografia dos óculos, que lhe chamavam *lentes* (*lentis, os lentis*), a filha do informante B lembrou que também lhe chamavam, os seus pais, *óculos*. O informante A1 recordou-se desta palavra, que inicialmente nomeou como *ócalos*⁵⁹, e a

⁵⁸ Gafanhoto é forma que ouvi no espanhol de pessoas de zonas de fronteira, como a de Valencia de Alcántara.

⁵⁹ Rezende F. Matias regista esta forma *ócalos* em Juromenha, Elvas e Ouguela (Rezende F. Matias 1980-1986: 239)

filha do informante B corrigiu-lhe dizendo que era mesmo *óculos* como se chamava a este instrumento óptico na zona.

b)Campo Maior

Óculos

CALÇAS/PANTALONES OU PANTALÕES

a)Olivença

Calças

b)Campo Maior

Calças.

BALDE/CUBO

a)Olivença

A2 dizia *cubo*, mas a filha do informante B disse que toda a vida lhe tinham chamado *balde* na zona.

b)Campo Maior

Balde

PINTAINHO/POLITO

a)Olivença

Apenas empregam *pinto*.

b)Campo Maior

Polito

VITELA/TERNERA

a)Olivença

Desconhecem *vitela*, empregam *bezerro*.

b)Campo Maior

Bezerro

FÉRIAS/VACACIONES/VACACIÕES

a)Olivença

Numa conversa não gravada, o informante C empregou *vacaciões*. Os informantes A1 e A2, bem como a filha de B, consideram *férias/vacaciones/vacaciões* como alheia ao falar tradicional, numa época em que as pessoas não iam de férias, e em que apenas livravam cada duas semanas. Neste sentido referem a expressão *estar de quêzena*.

b)Campo Maior

Não foi testado.

LARGO/ANCHO/LONGO/COMPRIDO

a)Olivença

Para o que em português é designado como *longo* ou *comprido*, A1 e A2 dizem empregar *largo*. Aqui a filha do informante B recorda ter ouvido aos seus pais a palavra *longo*.

Para o que em português é designado como *largo*, os mesmos informantes coincidem em empregarem o termo castelhano *ancho* ou o termo português *comprido* (que como se vê altera o seu significado originário português)

b)Campo Maior

Não foi testado.

PREGUIÇOSO/VAGO/GANDUL**a)Olivença**

À pergunta de como chamam a uma pessoa que nunca quer trabalhar, respondem *preguiçoso*, mas A2 empregava com frequência o termo de origem castelhana *gandul*, e mesmo *vago*.

b)Campo Maior

Não foi testado

MOSTRAR/ENSINAR**a)Olivença**

Com o significado de *deixar ver* uma coisa, não empregam *mostrar* ou *amostrar*, mas *ensinar* (concretamente na frase *vô-te ensinar a fotografia do mê fiyo*)

b)Campo Maior

Não foi testado

LAVADOIRO/LAVADOURO/LAVADE(I)RO**a)Olivença**

Perante a fotografia dum lavadouro, disseram que a denominação tradicional era *tanqui*

b)Campo Maior

Tanque

OS DIAS DA SEMANA**a)Olivença**

Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, Sábado e Domingo.

b)Campo Maior

Não foi testado.

OUTROS CASTELHANISMOS NO PORTUGUÊS DE**OLIVENÇA**

Para além da mostra examinada, nas gravações feitas na zona de Olivença e no que eu lembro do falar oliventino, existem diversos castelhanismos léxicos:

-playa, peligro, regocijjo, monjjas, hermanitas, esclavítu (e esclavo), jjefe, enhorabuena, bueno (interjeição), carretiya, ajuntamento, aduana, coche (conhecem carro, mas parece que normalmente empregam coche), vacaciõis, siglo, carretê(i)ra (conhecem estrada, que empregam como sinónimo de caminho), teléfono (ou teléfano), ggitano, Reyes (dia de Reis, 6 de Janeiro), risa, antigua, gandul, vago, gracias a, molinera, rodiyas, jjuventú, coche, ancho, estudiar, respeto, paro (desemprego), Noche Buena, chascariyo, vacunar, perra(dinheiro), apasionada, almazê, beca, ruta, alcaide, entonada, bautizar, saludar, móvil, recelar, contestar,

changado, contestar (responder), salada, recorrido, costoso, azeituna, ruta...

CASTELHANISMOS NOS INFORMANTES DE CAMPO

MAIOR

Foram detectados alguns castelhanismos no falar de Campo Maior que aparece nas gravações: *ganadêro, bilhete (por nota)*.

Em todo o caso, o número de castelhanismos é sensivelmente menor do que em Olivença.

Conclusão

a)Olivença

Da mostra vista podemos tirar alguma conclusão:

-O léxico tradicional português resiste melhor nos campos mais cingidos à vida tradicional e rural.

-Há uma tendência para o esquecimento do termo português autóctone e para a sua substituição pelo correspondente espanhol, quer dizer, o conhecimento da palavra portuguesa é cada vez mais *passivo*, isto é, conhecem o vocábulo, reconhecem terem-no empregado no passado, mas já não o usam ou, mesmo, já não o conseguem lembrar se lhes não for recordado ou se não receberem alguma “ajuda” (papel que com frequência fazia a filha do informante B que, pelos seus conhecimentos de português padrão, é mais consciente do processo substitutivo e da subsistência mais ou menos residual da palavra portuguesa)

-A língua portuguesa é sempre associada ao passado e ao antigo, por sua vez associado à carência, à necessidade, e mesmo à fome, a um passado que não se quer lembrar (*não gosto munto de recordá-lo (A2)*) O espanhol é associado ao presente, ao futuro, à abundância e à prosperidade. Como eles próprios afirmam *passámos duma a outra tradição e agora custa-nos voltar à antiga*.

b)Campo Maior

A situação é radicalmente diferente. Os castelhanismos são esporádicos (*ganadero, bilhete, desgracia...*), mas não deixam de estar presentes no falar de Campo Maior. Porém, dos castelhanismos esperáveis (*cangrejo, galheta, polito...*) só apareceu *polito*.

Em todo o caso, a situação socio-linguística da língua portuguesa em Olivença explica perfeitamente a forte presença de castelhanismos numa zona onde a língua oficial, de cultura, de prestígio, é a castelhana. A língua portuguesa sofre aqui um processo assimilatório que foi acentuado a partir da década de cinquenta e que seria a mais grave ameaça para a sua sobrevivência, se não fosse porque há um outro processo ainda mais ameaçante para ela, concretizado na substituição linguística directa do português pelo espanhol, praticamente já irreversível nas novas gerações.

Nada disto acontece em Campo Maior onde o léxico patrimonial permanece arraigado em todos os campos, pois nesta zona a língua padrão portuguesa contribui para a sua conservação e não existe o espanhol como língua prestigiante, pelo menos ao ponto em que esse idioma actua em Olivença. Isso não quer dizer que, pela proximidade da fronteira, não exista uma tradicional influência castelhana, mas em todo o caso, não supõe uma ameaça para a sobrevivência da língua portuguesa.

E)A ENTOAÇÃO: BREVE IDEIA

Um dos traços que mais chamam a atenção do falar alentejano é a peculiar entoação da frase que produz no ouvinte a impressão de as pessoas falarem “a cantar”. Este efeito é produzido pelas particulares modulações e contrastes da linha melódica, tão típica desta região.

Neste sentido, o falar de Campo Maior, como o de Olivença, não apresenta qualquer diferença a respeito do resto das comarcas do Alentejo.

Em Olivença esta linha melódica é mantida não apenas quando as pessoas que falam português se exprimem em espanhol mas, ainda, por pessoas novas que já apenas conhecem o castelhano, produzindo no ouvinte estremenho castelhano-falante a impressão de as modulações oliventinas serem semelhantes às do espanhol de México, ou às do sotaque galego.

Esta linha melódica é a que se ouve do outro lado da fronteira, especialmente em povoações pequenas.

Acerca desta entoação, Sánchez Fernández chega a conclusões parecidas (Sánchez 2006)

“...A entoação oliventina, quer em espanhol, quer em português, é ainda mais exclamativa e de tom mais elevado do que a estremenha em geral. Há uma consciência de “queda, deixar-se cair” ou de “cantar”, da qual o falante entende ser própria e característica da região, sendo mais acusada na cidade de Olivença do que nas aldeias. Adverte-se mais nas orações interrogativas do que nas enunciativas, sobretudo nas parciais. Todavia, em espanhol padrão a entoação distintiva é mais própria das totais. Com frequência os espanhóis não habituados a ouvir essa melodia julgam que os oliventinos são mexicanos, argentinos ou galegos.”

5.-Conclusões

A amostra de informantes examinada é, sem dúvida, insuficiente para chegarmos a conclusões definitivas a respeito das relações entre os dois falares, produto da sua história e situação fronteiriça. Tal coisa requereria um estudo muito mais amplo, com um elenco de informantes mais alargado, que permitisse pesquisar melhor as características gerais e a presença mais ou menos residual de determinados traços dialectais.

Mesmo assim, a selecção de dados fornecidos pelos informantes permite fazer uma ideia, nem que seja aproximada, sobre os fenómenos observados, bem como caracterizar de maneira muito geral os falares objecto deste trabalho.

Feita esta ressalva, podemos, de tudo quanto até agora fomos examinando, tirar algumas conclusões.

Olivença e Campo Maior apresentam um falar tradicional essencialmente idêntico, se bem que também existam algumas importantes diferenças motivadas pela sua história, como já dissemos, em parte comum, em parte diferente.

Ambas as povoações se incorporam à coroa portuguesa em 1297, e nela continuaram até 1801, em que Olivença passa para a posse espanhola.

Daí o facto de a história linguística das duas comarcas apresentar dois traços comuns, fundamentais na configuração do seu falar:

a)Partilharem linguisticamente o período que vai de 1297 a 1801: isto determina que, no momento da sua deslocação para o âmbito de soberania espanhola, em 1801, o português falado em Olivença e o português falado em Campo Maior eram já português moderno, substancialmente idêntico ao que hoje em dia se fala nas regiões próximas de Portugal.

Isto quer dizer que ambos os falares partilham os traços gerais definidores do português que Cintra denominou centro-meridional do centro e do Sul e, portanto, do português actual da vasta região alentejana.

E isto explica a ausência de arcaísmos importantes no português oliventino, pois só se desligou do português falado do outro lado da fronteira (do lado português) em época muito recente. Portanto, é português moderno, que apresenta apenas os mesmos traços conservadores e arcaizantes que apresenta o português centro meridional do Alentejo.

b)Desde 1297 até 1801 as duas povoações partilharam também, com Elvas, Juromenha, Degolados, Ouguela, uma posição de fronteira, isto é, eram praças fronteiriças com a vizinha Espanha. Ainda, muito perto de toda esta zona, existiu um poderoso ponto de atracção de todo o tipo, especialmente comercial, mas não só, constituído pela cidade de Badajoz.

Isto determina que Olivença e Campo Maior partilhem, também, um primeiro super-estrato de influência castelhana que mais ou menos opera, desigualmente, em todas as povoações fronteiriças, mas que, a julgar pelos traços encontrados, nas duas vilas que estudamos terá sido mais intensa do que noutras povoações portuguesas da raia. Contudo, este influxo espanhol, anterior a 1801, parece relativamente moderno, pois os traços castelhanizadores são próprios de um espanhol meridional moderno.

Ora, as diferenças de toda a ordem começam em 1801, com a incorporação de Olivença à coroa espanhola. Podemos sintetizá-las assim:

a) Em Olivença opera como língua de nível culto, prestigiante, a língua castelhana, o que, por sua vez, traz três consequências:

-Progressiva substituição do português pelo castelhano, com a ruptura de geração que ocorre a partir dos anos 40 e 50 do século XX.

-Penetração maciça de castelhanismos, especialmente fonéticos, léxicos e gramaticais.

-Ausência dum padrão culto em língua portuguesa que nivelasse ou, por melhor dizer, apagasse os traços dialectais próprios do português alentejano que aqui ocorriam.

O resultado é um português mais dialectal e mais espanholizado.

b) Em Campo Maior opera como língua de nível culto o português padrão de Lisboa o que, por sua vez, traz três consequências contrárias às anteriores:

-Não existe substituição do português pelo castelhano.

-Não existe uma penetração maciça de castelhanismos, para além dos que já existiam por influência fronteiriça.

-Presença do padrão culto de Lisboa, que apaga os traços dialectais, sem os fazer desaparecer por completo.

O resultado é um português menos dialectal e menos espanholizado.

Graficamente podíamos comparar os traços conformadores de ambos os falares com estratos ou camadas de influências, de que distinguiríamos três:

a) Traços definidores do português alentejano, que seria a camada originária, comum às duas comarcas, correspondente ao período (1297-1801)

Aqui entrariam todos os traços que, sendo comuns a Olivença e Campo Maior, são também comuns com o português do Alentejo:

Fonéticos: principalmente as monoptongações mais inovadoras (de *ei*, *ou*, *eu*) ou mais conservadoras (de *-em* e *-am*), timbre das vogais (átonas e tónicas), paragoge (em *-e* ou em *-i*), conservação do timbre fechado do *ê* nas terminações *-êlho*, *-êlha*, *-ênho*, *-ênha*, *-êjo*, *-êja*, etc.

Morfológicos: comuns, no essencial, com o português padrão, se bem que existam algumas peculiaridades no terreno da morfologia verbal, entre outras. Podemos salientar, essencialmente, as terminações em –õ/-ã das terceiras pessoas do plural dalguns tempos verbais (pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, presente indicativo na primeira conjugação...)

Sintácticas: sem grandes diferenças com o português padrão, como já vimos, como o emprego de *nunca* em lugar de *não*, gerúndio flexionado ou as frases elípticas de tipo *à de F* (nem todos aqui constatados)

b) Uma segunda camada, também comum às duas comarcas, consistente numa influência fronteiriça, do período 1297-1801 (especialmente no final desse período, pois são traços modernos)

São fundamentalmente traços fonéticos, que possivelmente sejam atribuíveis a esta época comum por serem fenómenos presentes nas duas povoações, pois que, doutra maneira, seria difícil explicar a sua presença em Campo Maior e, mesmo, noutras povoações fronteiriças da zona:

-Confusão *b/v*.

-Relaxação, por vezes, de –s final implosivo.

-Deslateralização de *lh* (*yeísmo*)

Traços estes todos relativamente recentes no castelhano das zonas limítrofes.

-Sintacticamente, talvez, a construção *ir/a/infinitivo* (*vou a falar*)

c) A terceira camada ou estrato é diferente em Olivença e em Campo Maior:

1) Olivença:

A maciça castelhanização que operou na fala portuguesa de Olivença desde 1801, especialmente desde a década de 40 e 50 do século XX até aos nossos dias e que incide:

-Na fonética: uma *intensificação* dos traços comuns da segunda camada, o que se traduziria em:

Maior número de confusões *b/v*

Relaxação mais frequente e intensa, traduzida num maior número de casos em aspiração ou mesmo desaparecimento de –s final implosivo.

Deslateralização de *lh* (*yeísmo*) mas com *rehilamiento*, à espanhola (de Badajoz)

-No léxico, especialmente, com a penetração de inúmeros castelhanismos que atingem não apenas a objectos novos ou próprios de níveis elevados ou cultos da língua (administração, tecnologia,

especialmente); mas também com substituição de léxico patrimonial português por léxico castelhano.

-Na sintaxe: uso castelhanizante de tempos verbais e perífrases, colocação à castelhana de pronomes clíticos, casos de regência verbal, uso de preposições e ordem dos sintagmas da frase.

Por outra parte, a ausência dum padrão culto português fez com que os traços dialectais de feição alentejana se tenham mantido com grande força.

2) Campo Maior:

A presença do português padrão apagou em parte os traços dialectais próprios da zona, especialmente nas pessoas mais novas.

Isto traduz-se, por exemplo, numa maior frequência das terminações de palavras em *-e* em lugar de em *-i* (*noite, mare, falare* em lugar de *noiti, mari, falari*)

De análoga maneira, o português padrão age apagando também traços de influência castelhana. Assim, contrariamente a Olivença:

-Poucas confusões *b/v*

-Poucos casos de relaxação de *-s* final.

-Deslateralização de *lh* sem *rehilamiento*, e em forte concorrência com o padrão lisboeta que impõe a pronúncia palatal lateral como prestigiante.

Não opera o castelhano como super-estrato. Daí os castelhanismos serem muito mais escassos, incidindo apenas em palavras soltas, quanto ao léxico, e nalguma construção sintáctica castelhanizada (tipo *ir a* mais *infinitivo*)

Esta triplicidade de níveis proporciona uma impressão geral, quando se ouve comparativamente a língua tradicional de ambas as localidades, de ambas as modalidades fazerem parte de um sub-falar alentejano, substancialmente comum dum e doutro lado da fronteira e condicionado pela também comum situação fronteira que o castelhaniza, castelhanização bastante mais intensa do lado espanhol que do lado português⁶⁰.

Podemos dizer, pois, que estamos perante dois sub-falares dentro do grupo de dialectos centro-meridionais do centro e do Sul, mais concretamente, dentro do português alentejano, submetidos a diferente grau de castelhanização.

Se o quisermos exprimir numa só frase: Olivença e Campo Maior, português alentejano fronteiro com diversa castelhanização.

⁶⁰ Neste sentido, Sánchez Fernández (Sánchez 2006), afirma que “...esse português alentejano, que na consciência de um oliventino resulta muito semelhante ao de Campo Maior (Portalegre), foi-se espanholizando e perde falantes dia após dia. Mesmo os oliventinos já pensam que o seu português não é “português português”, mas um “chapurre(i)o” ou “achapurrado”.

APÉNDICE: TEXTOS ORAIS

A seguir transcrevo alguns dos textos que servem de base para a realização do presente trabalho, procurando sejam o mais representativos que possível dos traços escolhidos para caracterizar os distintos falares, transcritos consoante os critérios expostos no início.

TEXTO 1

(Informante B): Uma excursão a Portugal

Bom, já lá ã tempos, fizemos por a estrada de Estorili uma excursão, ponte de Salazari, ceámos ã Caparica, viemos a ‘sperar à Estufa Fria donde jantámos admiravelmente pimporaneamente òdespois saímos, fomos a dar um passêio por a Boca do Inferno, donde regressámos à noite i nos hospedámos ena residênciade de Almirante... de três estrelas ena rua de Almirante esrrêi, donde permanecemos durante a noite a descansare. Ô dia siguiente alevantámos, saímos por a estrada de Nazaré, donde alã jantámos, estivemos bayando uma chotice, nos divertimos marabiyosamente, continuando a marcha chigamos até a Fátima, donde alã fizemos noiti, estivemos, por todo o recinto, vendo as maraviyas qui hai enaquela cidade de Fátima i o bonito que está toda aquela esplanada i extensão donde fizemos estância por a noite, da dormida eno Convento das *monjjas Hermanitas* da Caridadi que está alã ao lado, até o dia siguiente, que partêmos já, passando pa’spãha, por Elvas, i demos carga, à *Aduana*, sobri as doze da noiti, donde regressámos a Badajoz, i cada um ò sê domicílio a descansar pimporaneamente.

TEXTO 2

(INFORMANTE C) Na serra de Alor

Ãtão, agora, o que vamos a vere, que, vês munto cansado, nã, Zéi? Tês andado só trás de mim, poderias ter andado todo ao derêto, sabis? I atão tínhas agarrado mah ehpárragoh. Tínhamos agarrado muntoh mah espárrago, eh? I munto miyore, i nã tinhah cansado tanto. Agora agarremos i vamos daqui... enté ali ao cabeço aquele. Porque ali no cabeço aquele está o romêro, eh? I logo, agarremos aí por a estrada abaxo, i demos a volta, aí à... à roda da... da mancha, i ali agarraremos ah... ah madronhêras, i logo já, partimos pa’baxo, enté..., enté a estrada. Tu queres ir por a estrada ô queres ir ao derêto por as olivêras d’abaxo? Te dá o mesmo? *Bueno*, pos atão, vamos por ali, porque já... hoje nos cai munto longe ir ao monte. Aí mas arriba hai ôtra fonte. A última hora vamos a ver a essa fonte aí, i logo já vimos pa’baxo por um caminho que vai aí abaxo, eh?. Assi qui, nã sêi... ô chegaremos enté lá mas arriba, que hai ôtra estrada, que baxa aí por a metade da mancha...eh? i aí,... nã sê se agarraremos alguns espárragos aí, aí mas arriba tẽ que haber munta esparraguêra tamêi, mas tu já estás munto cansado!, hehe!, eh? Ê pensê que ê andaba menos ca ti, i ando maih ca ti! Têho mah fortaleza, p’andare! I o dia que fostes a Portugale? O dia que tu ias a Portugale ... é munto mah

longe, porque hai ao menos dezassete kilómetros enté lá a Elbas. Si, nã habia tanta pedra, mas isso nã tẽ que veri, isso salta por riba das pedras, por as moitas i por todo... andemos por todo, eh? *Bueno...*

.....

Era um homẽ, sabih, que foi ao médico, i o médico disse-ye: você nã pode bubê binho, bocê nã pode fumare, i você nã s' pode dêtar ca muyere. Foi a casa, lo contô à muyere, i ela dezia... disse-ye: nã posso fumare, me diz o médico, dih nã posso bubê binho, dih. Nã te d'zia ê a ti? Dih que nã podia bubê binho, nẽ fumare. Dih mah tamẽ me disse que nã me podia dêtar contigo. Dih, ah, atã nã te façah caso do médico que te mata!

Bonita cidadi d'Elva
Que tẽ Badajó de fronte,
Mas bonito é o Alandroale
donde o mê amor se esconde,
Me puserõ o pega aqui
E à porta da rapariga,
E agora me ficarõ o pega aqui
Pega aqui pa toda a vida.

Dizẽ que lá ã Lisboa
i-hai coisa boa, boa bai ela
I andõ as rapariga
Ca perna bela
E a saya curta.

TEXTO 3
(INFORMANTE B) EM ELVAS

Bom, atã, o siore aperceberia uns peúgo? Bom, pois isto, isto hai que ire ao Almazẽ d'Elvas i lá é num paraíso, é donde o siore pode encontrare. Logo tamẽ pode ir a uma sala de festa, donde poderá observari alẽ grandes choticis, eh? Porqui, passa o seguinte: aqui ã Portugale tamẽ hai boas salas de festas, boas diversões, os sioris divertẽ-se, estão a gosto, isto é extraordinário, quando chega a fêra d'Elbas, isto é um premore... um premore... por isso, diz a copla:

Ai toda muyer qui é bonita,
Ai nã divia di naceri
É como a pêra madura,
Ai, qui todos a querẽ comere.

...

Bonita cidadi d'Elvas
Ai, Badajoz qui 'stás di fronti,

Mais bonito é Alandroale
 Ai, dondi o meu amor se esconde.

...

Ai, menina, se'stiberes de rêzinhos daria-te pra cantar i
 bayar uma chotici!

Ó, minha avó, vênho a dar partis, que me vô a casare, cõ um
 moço que é como um crabo, lindo como um crabo.

Diz ó, neta, neta, tu sim mas i atão eu, teu avô já morreu, i
 dêxô-me a porta aberta. Ind'assim tu comechões, que (...) de v'riyas⁶¹, nã sê
 o que te diga, fiya⁶², qu'inda me dã comechões!

TEXTO 4:

**(INFORMANTE B) COMO RESOLVER OS MALES DA
 ESPANHA.**

Pa sacar a Ehpênha das suas doenças. Isto é tã são, como
 infalíbe. Hai que mandar a fazer uma caldêira, de catorze mil metros, i todo
 aquel que ôbi ô aperceba da política, metê-lo drento. Arrimá-lo fogo, i pô-
 lo a cozeri, durante um mês. I despois de fêto ã chicharrões, agarrar aquela
 pringue política, i dar-le a Espãña catorze unções. I ãssim viverá Espanha
 ã tranquilidade, i cõ toda a felicidade, porque dôtra manêra é impossíve
 acabari cõ estes políticos ranços que trazê a Espãña à nossa ruína.

Ó colegas portuguese! Dô a *enhorabuena* i bẽ-vindo, por a
 presbítera saúde que tiberõ, i a excelenteza, de ganhar as eleições as drêtas.
 Já, enuma excursão próxima que faça sobri a Lisboa, convidarê a comadre
 Agustina pra bayari uma chotici lá na estrada de Caparica, donde faremos
 um recorrido, lá por Estorili, ademais besitaremos a *playa* de Nazaré que é
 bastanti eleganti, por dond' ena ruta continuaremos a besitari nossa senhora
 de Fátima, da quale... nos resta grã deboçã... I já quando se baya
 aproximando a hora partimos sobre a estrada que nos conduzirá à aduana
 donde passaremos à Espãña, satisfêtos, alegres da ruta que temos cruzado
 ã nosso colegas i bezinho Portugale.

TEXTO 5:

(INFORMANTE C) O "ALCAIDE" DE S. DOMINGOS.

Di, foi um que foi ò bayo, i d'zia: fostes ò bayo i nã bayastes,
 tubestes o pássaro na mão i to dexastes abalare.

Bueno, fostes à bila, não? Atão, o rapaz aquele que estava lá
 no despacho... da loji, te gravô... o que te disse? I como escapastes lá cõ
 ele?...E atão logo o que te diria mais o rapaz?

Ah, abalastes, ficastes aqui sozinho, sabih? I ê tive que sacar
 a terra toda, porque tu ... tu ... tu nada eh? ...di...e agora teremos que ir a

⁶¹ A deslateralização do *lh* nesta palavra aproxima-se mais do *yeísmo* estremenho do que noutros casos.

⁶² A deslateralização do *lh* nesta palavra aproxima-se mais do *yeísmo* estremenho do que noutros casos.

sacar a terra essa que tá na estrada, porque estás fêto um maroto, o que só dormire, dormire, eh? o gajo..., este, mas tu o que ñã queres é dobrar a costela! Enquanto agarras a *carretiya* estás logo ã seguida, ai mãe, ai mãe!

O que fizemos, ca terra? Eh?, poi, sacá-la daí de ... do buraco esse, Zêi... tinhas ... plantavas aí a *carretiya* i ê venha, venha, aí dêtá pa lá pá pa dentro da *carretiya* i então tu Zéi?, valente, valente.

O alcaide de S. Domingo, dih: a festa esti ano tẽ sido miyore, i tẽ tido munto mas esprendore, a festa, porque ê como alcaide, sabi, poi adquirir os gastos todos i dinheiro pa fazer uma boa festa, porque, claro, eu como alcaide pôs tive que mexê-me.

E já sai o ôtro companhêro que estava cõ ele ali à porta da taberna, i diz: -este copo de vinho é bubido caras ao vento, tu és o alcaide assi será el' o *ajuntamento*.

TEXTO 6:

(INFORMANTE B) FAVORES ENTRE COMPADRES

Dois compadres, d'intima amizade, puserõ ã *perigo* a forma da harmonia, mostrando a seguinte... a seguinte'estratagem: atã, um dos compadres, estava prendado da comadre, chegô um certo dia i atã, munto tuno, pediu à comadre si dexava satisfazê-le o paladar. Atã ela a comadre disse que o sentia munto, compadre, porque oya⁶³, isto ñã to posso dare porqu'ê de mê marido, ma... co qu'ê meu, qu'ê o que tẽ mê marido, podes contar cõ ele cõ toda a satisfação i harmonia, i atã, ã vistas disso, regalarê-te um espiúgo, para que bayas tranquilo i pises brando.

(...)

Como alcaide pranta aí uma bifana, i se ñã tẽs bastante, dua, que estô disposto a engolir tudo quanto daí o venha, ã *regocijjo*, plan a festa do patrão, para que tudo fique ã alegria i conformidade.

TEXTO 7:

(INFORMANTE B) OS COELHOS E OS COMPADRES

Uma das bezes que estabã trẽs compadres, sentados numa estrada, tomando a fescayaça, dá a casualidá que um era môco, o ôtro era cego, coitado, i o ôtro era calbo. Atã o môco, lá por as suas horas de distração, manda a calar os ôtros dôs compadres i diz o seguinte:

-xó, compadre! Passos de coêyos sinto!

-*Carajj*, compadre -diz o cego- pôs ê que os vêjo vire

-O que dizes? -diz o calbo- que os vês vire? Diz... já, por isso m'eriçabõ a mim os cabelos.

TEXTO 8:

(NFORMANTES A1-A2) A VIDA ANTIGAMENTE

A) DIÁLOGO

-i ê tõ dezendo a este senhori, que pa entender mê português temos que estar brigando!

⁶³ A deslateralização do *lh* nesta palavra aproxima-se mais do *yeísmo* estremenho do que noutros casos.

- onde fostis?
 -isso t'queria dezer, donde fostis?
 -ê fui à da Jjúlia, i tu?
 -a da Jjúlia?
 -à da mamá, da senhora!
 -ah, a tua mamá...
 -i tu donde fostis? A Alori?
 -A Alori
 -A Alor sozinho?
 -Sozinho.
 -pôs ê n' quer' que vayas sozinho que tás munto veyinho!
 i quẽ vistis, algum delis, não?
 -Nenguẽ...
 -Nenguẽ?...sozinho.
 -D'Alor pa cá, ia ca pata que te digo si me dói...
 -nã digas a pata!
 -...no coche do ... no carro do...
 -um amigo te trôxe no coche.

B)“ESCLAVITÚ”

...Nã podẽ, mas *antiguamente*, cõ noventa, cõ oitenta, ê os via andar cavando...os via...sabemos qu' isso é munto ruim a *esclavitú*, mas ia, as veyas cõ um lenço à molinêra, i todas trabayando⁶⁴, hoje uma criada, que se possa que nã se possa...Mas vom'ce vê uma moça trabayando cõ afã?, o sofá, a *television*...ias a trabayari fazendo ponto, fazendo crotché, fazendo o que podias, de dia e de noite... ê c'uma candêa... fiz umas cortinas aí bai... i *gracias* que à mãia mãe le davõ a luz grátis, sabi? cõ uma candêa cosia de noite como uma descosida...quem vê vom'cê hoje coseri? nenguẽ...ãssim...e vendo a *television*..(...)

-Ê que, a gente toda co paro, co paro...(...)*as muyeres*, sai p'ái a dar umas horas...fora! se falas pa ir à *azeituna*, e dizẽ, apanha-a tu!

-Vevẽ do paro!

-Uma *gandularía* tremenda. O que está bêĩ, que hoje se (...) um pôco o corpo... mas o corpo quiere trabayare... e quanto mas trabayas mas saúde tês...agora, ãssim todo o dia...mãia mãe, cinco fiyas, cinco medayas...está esta aqui que o sabi...nã havia uma *gandula*. Ê que ali agarraba uma sapata e ali nã ficava uma... nẽ uma!(...) Um respêto tremendo...iss'era bonito, digã no que quêrã, aí vai, aí vai a educação, aí vai...ê agora se na minha casa tẽnho *esclavitú* é porque a aprendi, senã nã na tinha... os mês fiyos nẽ sõ borrachos, nẽ sõ drogaditos... nẽ fumam, nẽ bebẽ...isso é munto lindo... porquê? Porque o virõ de pequeninos... e agora pôs os pais sõ... às vezes têm que ir de *rodiyas*, trás deles... o respêto é um

⁶⁴ As realizações de *lh* nesta informante é claramente mais próxima do *yeísmo* estremenho do que nos outros informantes

tudo... agora vê estes aí cõ esses livros... dize... *cómpreme usté un libro, sobre la religión...*(...)desde piquena que a praticuê...nã faz falta que me digã... minha mãe antes de detar-nos, a rezare!, e senã ia à cama cõ um sapato...(...)

Tomara eu ter os fiyos como vom'cê agora os tẽ...! tomara eu...! piquininos, que carinho! como querẽ os pais!... logo já se casã e...

TEXTO 9:

(INFORMANTE E) O CONCELHO DE CAMPO MAIOR

Campo Maiore foi sempre uma vila rurale, à parte dos cafês Delta, que aparecêrõ depois, e à parte dos cafês Camelo, que aparecêrõ depois... qualquer delas sã duas empresas, qu'ê bõ pra Campo Maiore, essencialmente pò conceyo ...pronto ... hai postos de trabayo, nã sê quanto, mas Campo Maiore é essencialmente adrícola, à parte das endústrias dos cafês Delta, eh? A vida deste conceyo é essencialmente adrícola... e é uma vila, é uma das vilas... pronto... munto boa...Campo Maiore é uma vila munto viva, é uma vila cõ pessoas munto honestas, é uma vila cõ pessoas... piquenos i médios siarêros, nẽ que sêjã arrendatários, piquenos e médios agricultores, camponeses, cõ pôco apoio governamentale, cõ pôco apoio ao nível do governo, cõ pôco apoio à agricultura, a piquena e média labôra tá à bêra da falência. Nã tẽ apoio, nẽ económico nẽ morale, nã tẽ... nã temos um Governo à altura e ê falo assim p'r uma razão, porque fui agricultore, i hoje, stô ligado à hotelaria, tẽho um restaurante ã Campo Maiore, mas qualquer (...)de Campo Maiore, nã vive desafogadamente, tẽ dificuldades como ôtra vila qualquera, mas Campo Maiore foi sempre um conceyo cõ munto trabayo, foi sempre um conceyo cõ muntas pessoas honestas, nẽ é por ser de Campo Maiore, mas Campo Maiore é um dos conceyos cõ munta atividade, um conceyo munto vivo, i quero dizer que o distrito de Portalegre tẽ quinze conceyos, i é o conceyo mas pequenino, i é o conceyo mah rentábel dos quinze conceyos que tẽ Portalegre...

TEXTO 10:

**(INFORMANTE E) TODA A VERDADE SOBRE AS
“FESTAS DO POVO”**

As festas do pobo, sim, iss'ê da vontade do pobo, a parte munta... que àlguas pessoas de Campo Maior tẽ interessado sempre das festas, p'r uma razão, porque é pra confundir o pobo, concretamente o industrial de Campo Maiore, o Rui Nabêro, tá sempre interessado nestas festas, i ôtros assim parecidos, eh? Porque o sacrificio e as despesas é do povo, porque o Governo nã dá nada pa fazer as festas de Campo Maiore...nada...i os industriais nada dão! Apresentã-se eles armados ã bons, artistas à frente do povo q'ando é mentira... as festas sã fêtas cõ sacrificio do povo, das crianças às muyeris, a veyos, a todos, quẽ faz as festas é o povo...eh? e munta gent' pensa que o Rui Nabêro é qu'ê o dono de Campo Maiore, e que o Rui Nabêro faz as festas de Campo Maiore... o

Rui Nabêro é unicamente um industrial que se serve até do povo de Campo Maior pa sobreviver...

TEXTO11:

B) UMA VIDA MUITO POBRE, MAS MUITO ALEGRE(INFORMANTE G)

Sô (de Campo Maior), sî senhore, nascida, baptizada i casada...i viuva...

Era, uma vida pobre, uma vida munto pobre, os pobres andavã a trabayare, mas nã ganhavã no suficiente, na altura ã que ê era nova, ganhavã sete escudos...ora sete escudos o qui era, ‘tava uma casa de família...era uma pobreza!, casas que tinhã dois i três fiyos, como tinhã nos mê pais, seis, seis fiyos tinhã!, mas depois o mê pai, agarrô ôtra vida, polo que sabia ler alguma coisa, antes nenguê sabia lere... antes nenguê sabia lere! Mas com’ o mê pai, o mê avô, nã queria que mê pai aprendesse a lere, mas o mê pai tinha munta idêia i mê pai...mê avô tinha potes de linho, i mê pai, a sua idê(i)a, puxava-lhe i aprendia... escrevia el’ sozinho, no pote, i assi aprendeu... i depois era do campo, mê pai era do campo, mas d’pôs passô... já tinha aí cinco fiyos, i então, como era inteligente, i aprendê a trabayo do campo, i então, começarõ a ver que sabia alguma coisa, meterõ-no na Cambra... d’pôs da Cambra passô a Fiscale, da Cambra, i aí morreu, pôs até que morreu foi fiscal da Cambra, (...)fiscal da Cambra... morreu com noventa i dois anos... i eu já tenho noventa i sete,(...) a cabeça, a cabeç’ inda tá munto boa, agora, o corpo...a idade perde tudo

Sabiam, sabiam, depois havia lá abaxo na vila, que tava a um canto que...chamavã-ye os cantos de baxo, i as pessoas iã prali de manhã cedo, à procura d’amo, i depois iã um (...) a procurar três ô quatro homes pra ir a trabayar, i pôs iã a trabayare, i à noite ganhávamos sete escudos... olhe, então de chovere, já nã ganhavã nada!... era uma vida pobre, munto pobre, i o rico era rico, o rico... o rico dava a ganhar era munto pôco...i esse pôco, nã chigava i há quẽ tinha a casa ch’ d’ gente... eh, mê pais sempre tiverõ, sempre, sempre, seis fiyos i inda tênh’ um irmã vivo, cõ noventa i dois anos, mas tá ã Lisboa...i eu, tênhõ três fiyos, um tá cá, i é serrayêro, da constr...porque ê depois i o mê marido, já com sacrefício, já nõ temos os fiyos no campo, cada vez se ganhava alguma côsinha, com munto sacrificio, mas depois, este aprendeu a serrayêro mecânico... nã...da construção civile, i tênhõ ôtro, q’tá ã Alverca, que aprendeu a serrayêro mecânico... despôs foi prà tropa, i ficô lá...saí da tropa, i arranjo emprego lá ã Alverca i lá tá...i tênhõ ôtro q’ aprendeu a...eles todos aprenderõ à escola, todos fizerõ na quarta classe... i tênhõ ôtro.. a professora dele, a própria, a professora dele meteu-o num escritório... i pronto, teve até que, até que esteve lá i depôs daqui foi p(a)ra Lisboa... i lá tá, vive na Amadora, i eu tô aqui, tênhõ só cá um fiyo, só tá cá um fiyo, mas já ye morrê a muyere, já nõ tê muyere, tê três fiyas, tê tado coas fiyas, i as fiyas agora, uma já tava

casada há mais tempo, agora casarõ duas, i entã coyê uma muyere, foi o meyor qu'ele fez,... a vida era munto triste, munto triste uma coisa, i alegre nôtra, (...) alegre ã cantar i bailare... si senhore, cantavã munto i bailavã munto...

B)CANTIGAS (INFORMANTE F)

quẽ quiser ver maraviyas
venha a Campo Maiore,
janelas avarandadas
caras lindas com' o sole.

Passê à tua porta,
Levantê asas i vi
Um letrêro que dizia
Nõ nascestes para mim,

I ê como sabia lere
Tirê esse i pus lá ôtro,
Nõ nacesstes para mim
nẽ eu para ti tampôco.

TEXTO 12 INFORMANTE H: CANTIGAS POPULARES

Falava (um rapaz) c'uma rapariga...I atã, el' era soltêro i ela era soltêra(...)

le assim:
Q'ando el' chegô, ela já andava a bayar cõ ôtro. I ela cantô-

Pica-foices, pica-foices
Vê lá bã como t' apuras,
Pegastes um par de coices,
Partistes as ferraduras.

I ele, q'and' ela acabô de cantar (...)cantô-le assim

Ó menina Anica,
Ê bã sê como se chama
Ê se parti as ferraduras,
Foi no catre da tua cama

Eu...vô-le dizere: ê fui tropa nos Açores...
Ê nã sê ler nẽ 'screvere, mai(s), deitê uma carta a minha mãe... dizendo assim:

Minha mãe tô-le a escrevere,
Cá de luz nã faz male
Se ê por acaso morrere

Nã s' importe qu' é o dovere
 Para defender Portugale.
 Dos Açores tô-le a mandare
 Esta carta qu' há-d' tchegare
 Cõ saudades pã minha mãe
 Pedimos à Virgẽ Maria
 Pa nos guardar noite i dia
 Porque nõ chore minha mãe
 Desde o dia que daí saí
 Do vapor le disse adeus
 Nesse adeus oyê por si
 Oyê ò longe i nã a vi
 I o fitar dos oyos seus.
 O retrato que m' mandô
 Trago sempre bẽ guardado,
 Lev' aí o mê lençol,
 i este valente soldado.
 Dentro desta cartinha
 Leva bẽjos minha mãe
 Sõ pra si, i par'à avozinha,
 I para mê pai tambẽ.

Eu q'ando nasci chorava
 Cõ pena de ter nascido,
 Parece que adivinhava
 Que era mal assucedido

Era na cidade de Pica-Pau,
 Pique nã pique está tudo mau,
 I era no princípio do mundo
 Que ê nã sabia nadare,
 Bati cos colhões no fundo...

Foi munto bonita
 Ind' hoje é veyã i é bonita,
 Qu' isto, é um copo de fineza
 Bordado à prata fina
 É bonita, na certeza,
 É como o sol q'ando declina,
 É o mas lindo jardim
 Qu' o sol tẽ iluminado,
 Ê cara mas linda nã vi

Por donde ê tênho andado.

(...)na nova correnteza
 Que atravessa Portugale
 Eu nã queria ma(i)or riqueza
 Qu' era, amor, ser's-m'leale.

Daqui pà minha terra
 Tomêi caminho chã,
 Sõ cravos i rosas dispostos
 p'la minha mão

Abalêi da minha terra
 Oyêi pa trás chorando,
 I ê diss': terra da minha alma,
 Tã longe me va(i)s ficando.

ê sô maltês de gaiola,
 Faço penas i canetas,
 Uso chapé à espanhola,
 I comigo ninguẽ se meta

Sô maltês do Falcato,
 Drumo ã qualquera cabana,
 Dô três a quẽ me dá quatro
 I s' el' pode qualquer me engana.

Sô fiyo das tristes ervas,
 Neto das águas correntes,
 Eu nã tênho pai nã mãe
 nã nesta terra parentes.

BIBLIOGRAFIA

-Academia das Ciências de Lisboa e Fundação Calouste Gubelkian (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.

-Barajas Salas, Eduardo (1985) "Português y Español: interinfluencias lingüísticas", in *Encuentros / Encontros de Ajuda. Actas, ponencias y comunicaciones, Olivenza 1987*, pp. 71-99. Exma Diputación Provincial de Badajoz. Servicio de Publicaciones. Pp. 71-99.

-Cunha Celso e Cintra, Luís Filipe Lindley (1989) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições Sá da Costa. Lisboa. Sexta Edição.

-Cintra, Luís Filipe Lindley (1995) *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa.

-Fernández Rei, Francisco (1991) *Dialectoloxía da lingua galega*. Edicións Xerais de Galicia. Vigo. Segunda edición.

-Florêncio, Manuela (2001) *Dialecto Alentejano. Contributos para o seu estudo*. Edições Colibri. Centro de Estudos do Alentejo. Lisboa.

-Freixeiro Mato, Xosé Ramón (2002) *Gramática da Língua Galega. II Morfosintaxe*. Edicións A Nosa Terra. Vigo. Segunda edición.

-Matias, Maria de Fátima Rezende F. (1980-1986) "Bilinguismo e níveis sociolingüísticos numa região luso-espanhola (Concelhos de Alandroal, Campomaior, Elvas e Olivença)", in *Revista Portuguesa de Filologia*. Vol. XVIII. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade. Coimbra. pp. 117-366.

-Sánchez Fernández, Manuel Jesús, "O português raiano. Exemplo: o de Olivença" in Fernández, Jordi F., & Redondo, Gorka, *Llengües ignorades, Emboscall / Amics de les Arts i Joventuts Musicals*, Vic / Terrassa, 2006, pp.67-83.

-Vazquez Cuesta, Pilar e da Luz, Maria Albertina Mendes (1971) *Gramática da Língua Portuguesa*. Edições 70. Lisboa (Tradução portuguesa de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos)

-Zamora Vicente, Alonso (1967) *Dialectología Española*. Editorial Gredos. Madrid. Segunda edición muy aumentada.